

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA**

**Adriane Nopes**

**ILHA DE SANTA CATARINA:  
PRAIA DOS INGLESES ENTRE MODERNIZAÇÃO E  
MEMÓRIAS DA TRADIÇÃO.**

**Florianópolis  
2007**

**Adriane Nopes**

**ILHA DE SANTA CATARINA:  
PRAIA DOS INGLESES ENTRE MODERNIZAÇÃO E  
MEMÓRIAS DA TRADIÇÃO.**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elizabeth Farias da Silva.

**Florianópolis  
2007**

*À memória de Iracema Nunes*

*1927-2006*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente a minha orientadora Professora Elizabeth Farias da Silva, por mais uma vez poder partilhar do seu vasto conhecimento e experiência. Agradeço a ampla bibliografia cedida, o apoio e a dedicação. Agradeço a cumplicidade que estabelece com cada trabalho orientado, respeitando os princípios e idéias apresentadas.

Agradeço a disponibilidade e a atenção das professoras Maria Teresa Santos Cunha e Alicia Norma Gonzáles de Castells, que apresentaram suas críticas e ponderações na qualificação do projeto.

Aos funcionários do departamento, em especial, à Albertina e a Fátima que sempre nos atendem com muita atenção.

Agradeço à minha família, meus filhos Lalo e Caetano, meus pais Nelson e Olímpia e ao meu companheiro Gabriel, pelo apoio e pela compreensão.

As minhas irmãs e cunhados, ao meu irmão e minha cunhada que entenderam a minha ausência nas rodas de chimarrão. E aos meus amigos porque andei distante.

A CAPES, pelo auxílio financeiro através de uma bolsa de estudos.

E, agradeço a comunidade dos Ingleses, pela oportunidade da aventura de reviver suas memórias. Agradeço, especialmente aos que tive a oportunidade de conhecer, partilhando de momentos especiais através das entrevistas.

## RESUMO

Este trabalho tem como foco de análise o processo de modernização na Praia dos Ingleses, um bairro atual situado no extremo norte da Ilha de Santa Catarina. Como referencial teórico da modernidade, utilizamos pensadores contemporâneos como Berman, Giddens e Habermas; para estes autores a modernização é compreendida como um fenômeno complexo e fugaz que atinge os diversos âmbitos na vida, inserindo pessoas e grupos humanos na efemeridade das relações e modificando as antigas formas de organização social. Neste contexto a memória, segundo autores como Halbwachs, Ecléa Bosi, Le Goff e Portelli contempla importante papel social, permitindo registrar fatos e experiências vividos no passado. A comunidade da Praia dos Ingleses permaneceu por longos anos distante do processo de modernização, no entanto nos últimos quarenta anos está inserida em um intenso processo de modificação dos modos de vida cotidianos e transformação do meio ambiente. Ressaltamos alguns indicadores dos vários impregnados no processo de modernização da Praia dos Ingleses, como a economia turística, elevado índice de crescimento populacional, disponibilidade de infra-estrutura urbana e hibridação cultural, conforme quesitos analisados neste trabalho. A metodologia de cruzamento das memórias dos idosos (relatos orais) com diversas fontes documentais permitiu-nos relacionar o antigo modo de vida, da comunidade e os dias atuais, analisando passagem da sociedade pré-moderna ou tradicional para a sociedade moderna. Neste sentido, nos resultados do estudo descrevemos as formas de vida cotidiana e organização social da Praia dos Ingleses, e suas características da sociedade moderna e suas antigas características de sociedade tradicional, identificando os fatores que contribuíram para processo de modernização, além de indicar as principais conseqüências sociais e ambientais de processos tão intensos.

**Palavras-chave:** Praia dos Ingleses, Florianópolis, modernização, memória, geração.

## **ABSTRACT**

The present work is focused in an analysis of the modernization process developed at Praia dos Ingleses community, located in the extreme north of Santa Catarina Island. As a theoretical reference from modernity, contemporaneous authors were brought as Berman, Giddens and Habermas; and for these authors, modernization is known as a complex phenomenon that reaches several aspects of life inserting people and groups into an ephemeral process and changing the old ways of social organization. The memory, in this context, according to authors like Halbwachs, Ecléa Bosi, Le Goff and Portelli, represents an important social role, allowing to register facts and experiences lived in the past. The community of Praia dos Ingleses was kept distant from the modernization process for long years, meanwhile, is inserted, for the last 40 years, in an intense process of changing the day-by-day life style as well as changing the environment. Some indications of Praia dos Ingleses' modernization process are pointed out like the tourist economy, high level of population growth, urban infra structure and cultural miscegenation, according to aspects analised in this work. The methodology used crossing the elderly memory ( verbal stories) with several documents sources, allowed to relate the old life style of the community and the actual days, analysing the passage from the previous modern or traditional society to the modern society. This way, the results from the study of the day-by-day life and the social organization of Praia dos Ingleses is described as well as the modern society characteristics and its old aspects of the traditional society, identifying the factors that contributed for the modernization process, besides indicating the main social and environmental consequences of so intense processes.

**Key words:** Praia dos Ingleses, Florianopolis, Modernization, Memory, Generation.

## LISTA DE SIGLAS

|               |  |
|---------------|--|
| <b>APP</b>    | – Área de Preservação Permanente   |
| <b>ASPI</b>   | – Ação Social Paroquial de Ingleses  |
| <b>CASAN</b>  | – Companhia Catarinense de Águas e Saneamento                              |
| <b>CELESC</b> | – Centrais de Energia Elétrica de Santa Catarina                           |
| <b>ETE</b>    | – Estação de Tratamento de Esgoto  |
| <b>FATMA</b>  | – Fundação do Meio Ambiente  |
| <b>FLORAM</b> | – Fundação Municipal do Meio Ambiente                                      |
| <b>IBAMA</b>  | – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis |
| <b>IBGE</b>   | – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística                          |
| <b>IPUF</b>   | – Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis                        |
| <b>NEI</b>    | – Núcleo de Educação Infantil  |
| <b>PEC</b>    | – Proposta de Emenda Constitucional  |
| <b>PP</b>     | – Partido Progressista   |
| <b>PSD</b>    | – Partido Social Democrático   |
| <b>SANTUR</b> | – Santa Catarina Turismo S.A.  |
| <b>SUS</b>    | – Sistema Único de Saúde   |
| <b>TICAN</b>  | – Terminal de Integração de Canasvieiras                                   |
| <b>UDN</b>    | – União Democrática Nacional   |

## LISTA DE IMAGENS

|  |     |
|--|-----|
| <b>FIGURA Nº 1</b> – Representação da localização do Município de Florianópolis.....             | 54  |
| <b>FIGURA Nº 2</b> – Representação da Localização da Praia dos Ingleses.....                     | 65  |
| <b>FIGURA Nº 3</b> – Representação do processo de ocupação<br>entre os anos de 1957 e 1998 ..... | 82  |
| <b>FIGURA Nº 4</b> – Pesca de Arrastão .....   | 91  |
| <b>FIGURA Nº 5</b> – Pescadores entalhando redes .....   | 93  |
| <b>FIGURA Nº 6</b> – “Antigo” rancho de pesca .....  | 94  |
| <b>FIGURA Nº 7</b> – Rancho de pesca de madeira e a canoa .....                                  | 94  |
| <b>FIGURA Nº 8</b> – Novo “Rancho”.....  | 96  |
| <b>FIGURA Nº 9</b> – “A multiplicação das tainhas” .....   | 98  |
| <b>FIGURAS Nº 10</b> – Festa de <i>Corpus Christi</i> .....                                      | 102 |
| <b>FIGURAS Nº 11</b> – Festa “Nossa Senhora dos Navegantes” .....                                | 103 |
| <b>FIGURA Nº 12</b> – Praia dos Ingleses à frente e Praia do Santinho ao fundo .....             | 114 |
| <b>FIGURA Nº 13</b> – Organização interna da Região .....  | 116 |
| <b>FIGURA Nº 14</b> – Ônibus Praia dos Ingleses – Florianópolis.....                             | 119 |
| <b>FIGURA Nº 15</b> – Representação da “pomboca” ou lamparina de latão.....                      | 125 |

## **LISTA DE TABELAS**

**TABELA N° 1** - População residente em Florianópolis, por lugar de nascimento ..... 87

## **LISTA DE GRÁFICOS**

**GRÁFICO N° 1** - População da Praia dos Ingleses por número de habitantes x ano . 87

## SUMÁRIO

|  |     |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO .....   | 11  |
| Metodologia .....  | 14  |
| Estrutura do trabalho .....  | 18  |
| <br>   |     |
| CAPÍTULO I - A expansão da Modernidade e a Modernização .....      | 19  |
| Tempo e espaço na modernidade .....                                | 35  |
| Memória e modernidade .....  | 43  |
| A modernização no Brasil e em Florianópolis .....                  | 46  |
| <br>   |     |
| CAPÍTULO II - “Tempos Modernos” – Indicadores da modernidade ..... | 62  |
| Indicadores da Modernização na Praia dos Ingleses .....            | 64  |
| Infra-estrutura urbana e os serviços modernos .....                | 72  |
| O “nativo”, o “novo” morador e o turista .....                     | 85  |
| Hibridação – “Manifestações do passado no presente” .....          | 97  |
| Projeto de emancipação do Norte da Ilha .....                      | 105 |
| <br>   |     |
| CAPÍTULO III - “Era uma vez ...” .....                             | 108 |
| Um lugar.....  | 110 |
| O espaço da casa .....   | 122 |
| O trabalho e a economia de subsistência .....                      | 130 |
| O tempo e o espaço das relações sociais e políticas .....          | 139 |
| O espaço das festas religiosas, carnaval e domingueiras .....      | 144 |
| O espaço das crianças e educação .....                             | 149 |
| As lendas, mitos e “histórias” .....                               | 153 |
| <br>   |     |
| CAPÍTULO IV - Aventuras e ameaças da modernidade.....              | 156 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS .....   | 172 |
| REFERÊNCIAS .....  | 175 |

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um estudo sobre o processo de modernização na Praia dos Ingleses em Florianópolis, tendo como eixo central analisar os principais indicadores da modernização, na perspectiva do cotidiano. Trata-se, portanto, de um estudo de bairro, que privilegia a memória e experiências de vida, para análise do processo de modernização, de transformação do lugar e dos antigos modos de vida.

A pesquisa parte do pressuposto de que os lugares onde a modernização se instala, ocorre uma ruptura com o passado e com os antigos modos de vida. Que as formas de vida tradicional são “varridas” e “soterradas” em nome das formas de vida moderna. Portanto, as pessoas na modernidade são compelidas a mudar o seu modo de vida e a experimentar novas relações sociais e econômicas, alterando significativamente o espaço onde vivem.

A Praia dos Ingleses está localizada no extremo norte da Ilha de Santa Catarina e situa-se à cerca de 36 km do centro de Florianópolis.

Historicamente, a Praia dos Ingleses ficou conhecida como uma comunidade pesqueira e agrícola, com uma economia de subsistência e por suas características tradicionais açorianas. No entanto, nos últimos trinta anos as transformações do lugar/espaço foram brutais, pouco restando dos antigos costumes e hábitos “tradicionais” vividos no passado.

A comunidade permaneceu, praticamente isolada até meados da década de 1970, devido a distância do centro e a precariedade do acesso viário, somente, “...na década de 70 que os ‘urbanos’ descobrem o potencial natural e turístico dos Ingleses/Santinho, quando verifica-se uma visível mudança no meio ambiente da localidade, com um significativo crescimento demográfico e econômico.”<sup>1</sup>

Muitos foram os fatores que contribuíram para as transformações da comunidade, mas pode-se atribuir principalmente ao processo de modernização.

---

<sup>1</sup> PROCHNOV, Norberto de Jesus. **Um breve passeio de volta no tempo - histórico do meio-ambiente: Ingleses-Santinho**. São José: Gráfica Rei dos Cartões, 1999. p. 26.

Destarte, em um curto período de tempo, a “antiga” comunidade de pescadores, que vivia da economia de subsistência, como um grupo social homogêneo e localista, passa a fazer parte do complexo mundo moderno, globalizado e heterogêneo. Multiplicando e expandido as experiências de vida no lugar onde sempre viveram.

A sociedade moderna torna-se complexa, e ser moderno significa viver em um mundo em constantes transformações, cujo principal elemento motor dessas mudanças é a modernização, atingindo todos os âmbitos da vida humana e seu entorno. Constroem-se novos cenários e novas formas de relações sociais.

Neste contexto, ocorrem mudanças significantes na percepção do tempo e do espaço, as pessoas experimentam em seu cotidiano a inserção de novas tecnologias, e estabelecem novas formas de organização do seu tempo e do espaço.

A modernização expande as relações sociais cotidianas, e a dicotomia “perto-longe”, na visão dos seres humanos ou grupos de pessoas, assumem novas dimensões. Na modernidade as relações “localistas”, própria das sociedades tradicionais; ultrapassaram as fronteiras e estabelecem relações em âmbito “global”, próprio da sociedade atual moderna. Em termos temporais o processo provoca rupturas ou descontinuidades, estabelecendo “marcos significativos de um “antes e um “depois”, como parte integrante de qualquer processo acelerado de mudanças.”<sup>2</sup>

O “depois” – refere-se ao presente, as relações que os antigos moradores dos Ingleses estabelecem hoje, no mesmo lugar onde experimentaram um modo de vida diferente, no passado – o “antes”.

No que concerne aos estudos sobre o processo de modernização recente ou “tardio”, as relações são entre o “passado-presente”, “antes-depois”, “tradicional-moderno” podem ser mais facilmente apreendidas. Tendo em vista que, as pessoas ainda experimentam viver nos dois mundos. É a transição do transitório.

O processo de modernização em alguns lugares ocorre de forma mais intensa e abrupta, e a ruptura com o passado pode ser objetiva. Diante de processos tão intensos e extensos, perguntamo-nos: O que se mantém do antigo “*modus vivendi*”, no mundo moderno, se é que algo resiste à modernização? Quais eram as relações sociais no “antigo” modo de vida? Como compreender as transformações do espaço/lugar? Quais foram as

---

<sup>2</sup> CASTELLS, Alicia N. Gonzáles de, CATULLO, Maria Rosa e Reis, Maria José. **Ruptura e continuidade** com o passado: bens patrimoniais e turismo em duas cidades realocizadas. Florianópolis, Antropologia em Primeira Mão, 2003, p. 5.

principais transformações e como estas são percebidas pelos antigos moradores dos Ingleses?

O processo de modernização atinge as mais íntimas relações humanas, modificando valores, hábitos, alterando as formas de relacionamento do ser humano com as coisas do mundo e com o próprio ser humano.

As transformações são evidentes, daí a necessidade de circunscrever o fenômeno, mensurar sua problemática, identificar sua especificidade, bem como, analisar e interpretar os fatores atuantes.

Desse modo, o presente trabalho visou compreender o processo de modernização no bairro, tendo como principal condutor a memória dos “nativos”<sup>3</sup>, analisando passado e presente em suas relações cotidianas. Identificando através do cruzamento de diversas fontes, as transformações ocorridas neste espaço/lugar, além das principais conseqüências para a localidade.

Partindo da perspectiva de investigação, da memória como construção do passado, pretende-se compreender como a ruptura objetiva com o passado é percebida pelo grupo, e como este passado é reconstruído no presente pela memória daqueles que são os testemunhos e agentes do processo. Compreendendo as mudanças subjetivas (transformação do “eu” que adapta-se ou não ao novo modo de vida), em função das transformações concretas de vida.

Tendo como base o cruzamento de diversas fontes documentais e “histórias de vida” da “comunidade”, analisamos a relação entre o desejo de mudança, e a inserção no mundo global, o sentimento de perdas com a ruptura e o ideal de continuidade dos referenciais e identidade do grupo, se é que existem.

Se as ruas, construções, casas, muros e costumes, tudo modificou-se concretamente; como conhecer o antigo modo de vida na sociedade? Como os “nativos” explicam as mudanças processadas? Como relacionam suas experiências de vida no “antes” e “depois”? Halbwachs (1990), nos diria que “ a lembrança é a sobrevivência do passado”. É na atividade de lembrar, “cavar na memória” fatos e vivências anteriores que se constrói no presente o passado.

Portanto, que o presente refere-se a construção de experiências do passado; e o futuro será a construção do passado e do presente.

---

<sup>3</sup> Usaremos o termo “nativo” para designar as pessoas que nasceram e viveram na Praia dos Ingleses.

## Metodologia

Para desenvolver um projeto de pesquisa, percorremos muitas etapas, comumente expressas nos verbos: ler, pesquisar, analisar, ordenar, ouvir, entrevistar, escrever, transcrever, observar, catalogar, organizar. No entanto, é importante salientar, que todas estas etapas se sobrepõem umas às outras no decorrer de todo o desenvolvimento da pesquisa. O imbricamento do processo da pesquisa se faz presente desde a elaboração do projeto, até o término da pesquisa (se é que uma pesquisa termina). Conseqüentemente, dificilmente podemos identificar exatamente onde começa, ou onde termina a pesquisa.

A modernização, enquanto processo complexo e contínuo, exige do pesquisador igualmente uma constante investigação em todas as fontes de informação possíveis, bem como, requer observação detalhada dos acontecimentos. Adentrando em um universo com “o olhar do pesquisador”, catalogando evidências, “desejoso de encontrar pistas”, que ao auxilie na construção do seu objeto e problemática da pesquisa<sup>4</sup>.

Por conseguinte, para analisar o processo de modernização na Praia dos Ingleses utilizamo-nos de diversas fontes: dados estatísticos do IBGE, SUS e IPUF, fontes iconográficas já existentes e imagens que produzimos ao longo da pesquisa, bibliografias clássicas e contemporâneas pertinentes à questão em estudo, jornais e depoimentos. O resultado é o entrecruzamento das diversas fontes.

Para trabalhar a problemática da modernização e suas reverberações, tomamos como referencial teórico central as análises elaboradas por Marshall Berman (2006), em seu livro “Tudo que é sólido desmancha no ar”, a obra de Jürgen Habermas (2002) “O Discurso Filosófico da Modernidade” e o livro de Anthony Giddens (1991) “As Conseqüências da Modernidade”.

Dialogar com estes autores, possibilitou-nos relacionar algumas matrizes teóricas sobre contexto em análise, servindo como referencial de apreensão do objeto. Permitindo-nos investigar as características próprias do lugar, compreendendo as peculiaridades do processo de modernização na Praia dos Ingleses, uma comunidade que por muito tempo manteve-se distante das “garras” da modernidade.

---

<sup>4</sup> CASTELLS, Alicia Norma González. **Vida Cotidiano Sob a Lente do Pesquisar: O Valor Heurístico da Imagem.** In: Antropologia em Primeira Mão. Universidade Federal de Santa Catarina, 1999. p. 10.

O levantamento de dados junto às entidades públicas e privadas, as entrevistas, e as imagens, ajudaram-nos a construir os cenários de ruptura, um Ingleses “antes” e “depois” do processo de modernização. Assim, a análise do processo de modernização foi transcorrida à luz do referencial teórico acima citado; partimos das generalizações do discurso teórico, para penetrarmos nas particularidades do lugar investigado e seu cotidiano.

Para conhecer o cotidiano dos antigos moradores dos Ingleses, seus hábitos, costumes, e formas de vidas, optamos pela técnica da “história oral” no cruzamento com as outras fontes documentais.

Dentre os inúmeros argumentos para utilização da técnica ou metodologia da “história oral”, salientamos duas. Primeiro porque a “história oral” possibilita uma análise multidisciplinar, permite um diálogo entre as diversas áreas das ciências sociais, sociologia, antropologia, história e psicologia. Segundo, porque as fontes orais concedem aventura de recuperar as memórias que não foram registradas oficialmente, fatos e acontecimentos do cotidiano que os documentos escritos não revelam.

Nesta perspectiva, a memória foi central para a reconstrução do passado.

Os depoimentos orais que nos ajudaram a desenvolver este trabalho foram realizados no período de mais dois anos, contado desde a primeira entrevista. Pois, o desejo de escrever estas memórias vem desde a graduação. Entrevistamos pessoas de ambos os sexos, priorizando as pessoas mais velhas. A opção por depoentes mais “velhos” está calcada em três fatores. Primeiro,

*testes sobre diferentes tipos de memória tendem a concordar que a memória de longo prazo, especialmente em indivíduos que entram naquela fase que os psicólogos chamam de ‘revisão da vida’, pode ser notavelmente precisa. As pessoas adquirem um ‘poço de informações’ preenchido pelo relacionamento pessoal. É circunscrito a seu contexto social, obviamente forma a identidade pessoal e tem uma incrível estabilidade.*<sup>5</sup>

O segundo fator, que também diz respeito a este primeiro, é defendido por Ecléa Bosi, no livro *Memória e Sociedade. Lembrança de Velhos*. Segundo a autora, na lembrança das pessoas idosas,

---

<sup>5</sup> PRINS, Gwyn. História oral. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992. p. 191

*... é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis; enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que uma pessoa de idade.<sup>6</sup>*

O terceiro fator, está diretamente relacionado ao nosso objeto de estudo, e diz respeito ao período analisado (a partir da década de 1960, período em que ocorreu uma ruptura significativa na vida destes indivíduos), se os entrevistados têm mais de setenta anos, quase metade de suas vidas (infância e parte da fase adulta) transcorreu antes do processo de transformação dos Ingleses.

Para realizar as entrevistas, tivemos que estabelecer uma rede relacionamentos que permitisse localizar os depoentes. Utilizamos a técnica da “bola de neve” elaborada por Collins em 1981. A primeira entrevista, foi realizada com uma pessoa bem conhecida, solicitamos que esta indicasse outras pessoas para entrevistarmos, e assim procedemos sucessivamente com cada entrevistado. Totalizamos uma lista com trinta e quatro nomes, dos quais entrevistamos dezesseis. Entrevistamos também, o geógrafo Augusto Zeferino nascido nos Ingleses e um “nativo” da próxima geração (sugestão da banca). É, importante ressaltar que a maioria dos “nativos” dos Ingleses são pessoas bastante “fechadas”, e não gostam muito de falar do passado, nem mesmo entre eles (segundo Alcântara o entrevistado da segunda geração). Assim, algumas pessoas contatadas preferiram não dar entrevista, argumentando que não tinham nada importante para contar. Contudo, aqueles que aceitaram compartilhar suas experiências de vida foram extremamente amáveis e mostraram-se ao final da entrevista, felizes por existirem pessoas interessadas em conhecer a forma como viveram em um passado comum.

Todos os informantes são nascidos e criados nos Ingleses, entretanto, alguns homens entrevistados disseram ter muitos anos na cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul no período da pesca.

---

<sup>6</sup> BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 2. ed. São Paulo: T.A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987, p. 60

| Nome <sup>7</sup> | Idade    | Sexo      | Entrevista realizada dia |
|-------------------|----------|-----------|--------------------------|
| Dona Tarsila      | 78 anos  | Feminino  | 03/05/2005               |
| Seu Manuel        | 106 anos | Masculino | 20/06/2005               |
| Seu Mário         | 64 anos  | Masculino | 23/01/2005               |
| Seu Oswald        | 81 anos  | Masculino | 15/05/2005               |
| Seu Plínio        | 96 anos  | Masculino | 15/05/2005               |
| Dona Anita        | 85 anos  | Feminino  | 15/05/2005               |
| Dona Ilda         | 80 anos  | Feminino  | 10/06/2006               |
| Dona Helena       | 78 anos  | Feminino  | 01/03/2006               |
| Seu Raul          | 62 anos  | Masculino | 03/10/2006               |
| Dona Rachel       | 60 anos  | Feminino  | 03/10/2006               |
| Seu Carlos        | 76 anos  | Masculino | 10/10/2006               |
| Alcântara         | 45 anos  | Masculino | 10/10/2006               |
| Seu Cassiano      | 62 anos  | Masculino | 03/02/2007               |
| Seu Guilherme     | 64 anos  | Masculino | 03/02/2007               |
| Dona Cecília      | 64 anos  | Feminino  | 09/02/2007               |
| Seu Menotti       | 68 anos  | Masculino | 23/02/2007               |

As entrevistas foram gravadas, com permissão dos informantes. Algumas entrevistas foram previamente agendadas, e outras aconteceram no dia que fizemos o primeiro contato, quando informávamos sobre o trabalho que estávamos realizando. Em todas as entrevistas utilizamos a mesma técnica, permitindo que os informantes falassem livremente.

Associado às falas utilizamos também, o registro de imagens. O uso de imagens como fonte documental é empregada desde o século XVII. No século XIX, historiadores da cultura como Jacob Burckhardt (1818-1897) viam nos documentos imagéticos, como tapeçarias, pinturas em catacumbas e quadros de artistas, importantes fontes históricas, “através dos quais é possível ler as estruturas de pensamento e representações de uma determinada época”.<sup>8</sup>

No entanto, a fotografia é um recurso tecnológico que surge em 1830, estando associado às invenções das sociedades modernas.

No que tange ao uso da técnica fotográfica, para este trabalho proporcionou elaborar registros visuais “... um novo processo de conhecimento do mundo, porém de um mundo em detalhe, posto que fragmentário em termos visuais e, portanto, contextuais”.<sup>9</sup>

Neste sentido, utilizamos as fotografias para situar o leitor a partir dos comentários realizados pelos informantes, e a partir do contexto analisado.

<sup>7</sup> Por razões éticas, os nomes dos informantes foram substituídos por nomes fictícios. Importante salientar que na transcrição não houve correção nas falas, de modo a manter literalmente as expressões.

<sup>8</sup> BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. São Paulo: EDUSC, 2004. p. 13.

<sup>9</sup> KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 26.

## **Estrutura do trabalho**

O presente trabalho está estruturado em quatro capítulos, a fim de organizar e estabelecer um percurso para análise do processo.

No primeiro capítulo, fizemos uma breve revisão bibliográfica, expondo o referencial teórico utilizado na pesquisa, conceitos e categorias de análise que serviram de fio condutor para os capítulos seguintes. Dialogando com diversas matrizes teóricas, procurou-se conhecer as peculiaridades do processo de modernização no Brasil, e especialmente em Florianópolis.

No segundo capítulo apresentamos a Praia dos Ingleses do presente, procurando elencar os indicadores da modernidade, os elementos que fazem parte da vida na sociedade moderna, tangenciado às manifestações de “antigas” práticas sociais.

O terceiro capítulo é uma construção do passado à partir das “memórias” e práticas do cotidiano em seu “antigo” modo de vida. É a descrição de como os antigos moradores dos Ingleses constroem um passado comum no presente.

No último capítulo apresentamos o “olhar” do nativo para as inúmeras transformações, indicando sinais de adaptação e estranhamento diante da vida no mundo moderno. Descrevendo, as percepções de “perdas” e “ganhos” para sua sociedade. Neste capítulo, também, analisamos as peculiaridades do processo de modernização da Praia dos Ingleses, indicando tensões e contradições. Apontando as principais conseqüências do processo de modernização, tanto no âmbito das relações sociais, como as conseqüências ao meio ambiente.

## CAPÍTULO I

*“É que veio esta enxurrada tão rápido  
que apagou estas histórias e a  
comunidade em si.”<sup>10</sup>”*

### **1. A expansão da Modernidade e a Modernização:**

Acompanhar as transformações ocorridas nos últimos séculos nas sociedades modernas ocidentais é uma tarefa bastante complexa. A dinâmica advinda com a modernidade, de constante construção, desconstrução e reconstrução da sociedade, opera com tanta fugacidade que impossibilita, registrar todo processo amiúde. Tal evidência pode ser percebida no fato de que muitas práticas culturais desapareceram sem deixar registro que marque sua história<sup>11</sup>. O processo contínuo de mudanças advindo com a modernidade instala uma ruptura com o passado, destruindo objetivamente este passado, seus costumes e tradições, modificando profundamente as relações sociais.

A modernidade, conforme pronunciou Habermas<sup>12</sup> em 1980, é um “projeto inacabado” que se reconstrói a cada instante.

As formas de vida produzidos na modernidade nos desvencilham e nos afastam das formas de vida tradicionais, de tal maneira que não temos precedentes na história da humanidade (Giddens, 1991; Habermas, 2002). Estabelecendo-se uma nova relação entre passado e futuro, sendo o futuro a constante negação do passado.

Portanto, *“a modernidade não pode e não quer tomar dos modelos de outra época os seus critérios de orientação, ela tem de extrair de si mesma a sua normatividade”<sup>13</sup>*

---

<sup>10</sup> Alcântara (entrevista realizada 10/10/2006)

<sup>11</sup> Como exemplo do processo de fazer desaparecer antigas práticas culturais, podemos citar os antigos habitantes da Ilha de Santa Catarina, os sambaquis, os itararés e os carijó, grupos humanos, formas de vida e práticas culturais que desapareceram após a vinda dos navegantes europeus, e hoje não existem mais.

<sup>12</sup> HABERMAS, Jürgen . **O Discurso Filosófico da Modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 1.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 12.

Há cerca de quinhentos anos, as pessoas encontram-se inseridas em meio ao “*turbilhão da vida moderna*”<sup>14</sup>, impondo a superação do “velho”, para construir o “novo”; a negação do “antigo” em nome do “moderno”, onde os modos de vida “tradicional” são constantemente subjulgados, e portanto precisam e são transformados ou destruídos dia após dia<sup>15</sup>.

A idéia primária “de um desenvolvimento *universal* em seu valor e significado”<sup>16</sup>, originado na Europa Ocidental expandiu-se de forma tão complexa e multifacetada que parece termos perdido o caminho e o significado da sua origem, como percebe Berman (2006), à medida que a modernidade se expande,

*o público moderno se multiplica em uma multidão de fragmentos, que falam linguagens incomensuravelmente confidenciais; a idéia de modernidade, concebida em inúmeros e fragmentários caminhos, perde muito de sua nitidez, ressonância e profundidade e perde sua capacidade de organizar e dar sentido à vida das pessoas.*<sup>17</sup>

Tendo em vista, a complexa e extensa história da modernidade, Berman (2006) propõe dividi-la em três fases. A primeira fase começa com o descobrimento do “novo mundo” e vai até a revolução de 1789 e suas reverberações; a segunda fase da onda revolucionária de 1790 até primórdios do século XX, iniciando a terceira fase que se segue até os dias de hoje – fase na qual emerge a idéia de modernização<sup>18</sup>.

O presente estudo, conforme mencionado na introdução, intenta para análise do processo histórico em fase de modernização. Fase esta em que a modernidade, tal qual um polvo gigantesco lança seus tentáculos, em movimentos ágeis e precisos, abraçando o mundo todo, inclusive os recantos mais distantes da sua gênese e axiologia.<sup>19</sup>

Contudo, antes de elaborar uma análise sobre a modernização é preciso lançar um breve olhar, sobre a dimensão histórica da modernidade.

---

<sup>14</sup> BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. A aventura da Modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 16

<sup>15</sup> Alguns autores como Nestor Canclini (1998) preferem argüir que a modernidade não apaga as tradições, mas as transforma. No entanto, preferimos lembrar que o processo da modernidade extinguiu muitas práticas culturais ao longo do processo histórico.

<sup>16</sup> WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. 14. São Paulo: Editora Pioneira, 1999, p. 1

<sup>17</sup> BERMAN, Marshall (2006), p. 19

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 16-17.

A modernidade, historicamente vai sendo percebida, vivenciada e analisada sob diversas perspectivas, olhares e formas de expressão.

No campo teórico, as investigações e análises sobre a modernidade, também, apresentam inúmeras vertentes, tendo em vista a complexidade, intensidade e extensão de sua ação nas relações sociais, políticas, econômicas, emocionais e culturais.

Desde o século XIX vários pensadores e teóricos dedicam-se em desvelar os mistérios da modernidade. Tendo em vista que, é neste contexto histórico<sup>20</sup> que os seres humanos começam a vivenciar mais intensamente o processo modernizante. É quando as pessoas, “sofrendo as conseqüências de todo o processo produtivo capitalista, percebem que o passado já não estava no presente para orientá-las em direção do futuro.”<sup>21</sup>

As discussões sobre a modernidade trilham inúmeros caminhos e vieses, alguns pensadores dedicam-se em analisar a natureza da modernidade, sua gênese, suas instituições e seus princípios, extensão e continuidade, enquanto outros, principalmente alguns teóricos do final do século XX acreditam que estamos no limiar de uma nova era, para além da modernidade.

Na análise histórica da modernidade, cabe situar a discussão clássica que abarca desde Hegel, passando por Marx, Weber e Durkheim<sup>22</sup>, reputados como os “profetas da modernidade”<sup>23</sup>.

Levando em consideração que cada homem fala no seu tempo, é possível levantar algumas questões acerca de: Como os pensadores do século XIX apreenderam e analisaram a sociedade moderna em sua época e contexto? Como constroem o discurso sobre processo histórico da modernidade? Como os conceitos e teorias sobre a modernidade reverberam no pensamento dos dias atuais?

Resumidamente, pode-se dizer, que a modernidade para Marx, tinha uma lógica marcada pela economia capitalista; para Weber, tratava-se da racionalização ocidental e

---

<sup>19</sup> É importante lembrarmos que nesta fase da modernidade, a expansão ultrapassa o planeta terra, pois os avanços da ciência e da tecnologia proporcionaram ao homem a “aventura” de pisar na lua em 1969, proporcionam a aventura da comunicação via satélite de ponta a ponta no planeta.

<sup>20</sup> Período pós Revolução Francesa, revolução industrial, o acelerado ritmo de desenvolvimento da modernidade, construção de ferrovias, telégrafos, expansão do mercado mundial...

<sup>21</sup> SILVA, Elizabeth Farias da. **Ontogenia de uma universidade**. A universidade Federal de Santa Catarina (1962-1980). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000. (tese).

<sup>22</sup> Mesmo que Marx, Weber e Durkheim, não tenham utilizado o conceito modernidade, no sentido tal qual conhecemos, suas teorias tem como princípio de análise as condições e o desenvolvimento da sociedade moderna.

<sup>23</sup> HÜHNE, Leda Miranda (org.), TREIN, Franklin ... (*et al*). **Profetas da Modernidade**. Século XIX: Hegel, Marx, Nietzsche e Comte. Rio de Janeiro: AUPÊ: SEAF, 1995.

para Durkheim caracterizava-se pela divisão do trabalho, a solidariedade orgânica e o industrialismo.

O conceito modernidade foi articulado pela primeira vez por Hegel no final do século XVIII. Hegel empregou esse conceito referindo-se a época, pronunciando que “os ‘novos tempos’ são os ‘tempos modernos’”. Empregou-o como limiar de contexto histórico - início da Idade Moderna (moderna – idade) - cujo marco foi atribuído a alguns acontecimentos do século XV.<sup>24</sup>

Dentre os acontecimentos do século XV, Hegel aponta a Reforma, o Renascimento e a descoberta do Novo Mundo, como os três grandes acontecimentos que marcam o limiar histórico entre a época moderna e a medieval.

*Uma vez que o mundo novo, o mundo moderno, se distingue do velho pelo fato de que se abre ao futuro, o início de uma época histórica repete-se e reproduz-se a cada momento do presente, o que gera o novo a partir de si<sup>25</sup>.*

Hegel o primeiro filósofo a tomar a modernidade como problema filosófico, ao desenvolver sua teoria antecede a “constelação conceitual entre modernidade, consciência do tempo e racionalidade”, ou seja, percebe antecipadamente os conflitos e contradições da modernidade.<sup>26</sup>

A sociedade moderna, segundo Hegel, apresenta uma estrutura de auto-relação, que denomina subjetividade. A subjetividade dos novos tempos é percebida como momento da liberdade do homem moderno, conferindo o espaço da individualidade, que necessita inserir-se na universalidade.

De modo geral, a subjetividade dos novos tempos, refletida por Hegel, pode ser expressa sobre quatro acepções: *individualismo*, *direito de crítica*, *autonomia de ação* e a *filosofia idealista*. Para Hegel, o princípio da subjetividade transforma e determina as manifestações humanas em todos os âmbitos: nas expressões religiosas, na ciência, no Estado e na sociedade, na moral ou na arte.

A idéia de um processo histórico de consciência e reflexão, do movimento e de reprodução da modernidade, que desde o século XVIII, passa a ser refletida e significada por expressões tais como: progresso, emancipação, desenvolvimento e revolução.

---

<sup>24</sup> HABERMAS, Jürgen (2002), p. 9.

<sup>25</sup> *Ibidem*, p. 11.

<sup>26</sup> *Ibidem*, p. 62.

Conceitos estes que são constantemente reanalisados e resignificados, perseguindo os teóricos da modernidade até os nossos dias.

Marx, sob a influência da filosofia idealista de Hegel e pela onda de revoluções, desenvolve em sua análise sobre o Capitalismo sob o método do “materialismo histórico dialético”, cuja teleologia seria a revolução. Para Marx, a dialética entre burguesia e proletariado, desenvolver-se-á em um processo histórico de luta pela emancipação dos oprimidos, tendo como fim último a superação da estrutura de classes.

Marx em seu contexto histórico analisa os conflitos e tensões da sociedade moderna, principalmente no que se refere ao aspecto econômico do processo de produção e consumo do Capitalismo, e as relações sociais neste cenário.

Conforme, análise de Berman (2006), com extremo fascínio, Marx no primeiro capítulo do *Manifesto Comunista*, descreve com muita propriedade, o processo frenético do Capitalismo, analisando a influência, a opressão, agitação e as transformações da vida moderna, o que hoje denominamos de processo de modernização.

Nesta obra, Marx aprecia o importante papel da burguesia e o modo de produção capitalista no rompimento das formas de vida tradicional, compelindo todas as nações a adotarem o modo de produção capitalista, caso não queiram ser extintas. Assim, “a burguesia, pelo aperfeiçoamento rápido de todos os instrumentos de produção, pelos meios de comunicação imensamente facilitados, arrasta todas as nações, até a mais bárbara, para a ‘civilização’”<sup>27</sup>. Ou seja, para Marx, a burguesia efetivamente realizou aquilo que, artistas, poetas e intelectuais modernos apenas sonharam em termos de modernidade.

Na sociedade moderna, segundo Marx, homens e mulheres modernos, precisam aprender a aspirar a mudança, à ir em busca das mudanças, tanto no âmbito da vida social quanto pessoal, como princípio da própria sobrevivência no mundo moderno.

O sentimento de que os seres humanos precisam se adaptar as mudanças, precisam inserir-se e acompanhar o processo acelerado de transformação da sociedade, para que não sejam excluídos ou mesmo, aniquilados, ainda assombra o pensamento humano, principalmente em lugares onde a ruptura com as formas de vida tradicional é mais intenso, conforme podemos perceber nas palavras de Alcântara <sup>28</sup> “Ah! Mudou muito rápido. Mudou assim, que o pessoal, o pessoal que não teve a oportunidade de estudar não

---

<sup>27</sup> MARX, Karl. **Manifesto Comunista**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2004, p. 16

<sup>28</sup> Alcântara (entrevista realizada em 10/10/2006)

*acompanhou. Mudou tanto, que hoje, tu vê uma pessoa que era simples, que era..., às vezes só pescava, só fazia aquele tarefa simples, hoje ele está aí jogada, abandonada”.*

Nas palavras de Alcântara vê-se confirmar o ideal de desenvolvimento do Fausto, em Goethe, no movimento de fazer desaparecer por completo as marcas das velhas formas de vida; na expectativa de criar um mundo homogêneo, e portanto as “pessoas que estão no caminho – no caminho da história, do progresso, do desenvolvimento; pessoas que são classificadas, e descartadas, como obsoletas.” precisam e são tiradas do caminho. Mesmo que de forma diferenciada do ato de Mefisto, mas presentes na forma de exclusão, abandono e desemprego<sup>29</sup>.

Por outro lado, é inegável que ideal do auto-desenvolvimento, penetra o homem moderno, atingindo os seus mais íntimos desejos e até mesmo a sua dignidade, refletindo no desenvolvimento econômico como único meio de que dispõe para se transformar, transformando o mundo físico, moral e social em que vive.

Na mesma direção, de que o homem na modernidade é compelido à tornar-se moderno, Durkheim, analisa o fenômeno de coerção da sociedade sobre o indivíduo, utilizando o exemplo do industrial: “*Se eu for um industrial, nada me proíbe de trabalhar com processos e métodos do século passado, mas, se o fizer, arruinar-me-ei por certo*”<sup>30</sup>.

Uma vez, as pessoas inseridas no processo de modernização são arrastadas a tornarem-se modernas, mesmo contra a sua vontade, caso contrário serão arruinadas, esmagadas, abandonadas, por fim, excluídas, tiradas do caminho do desenvolvimento.

Por outro lado, Durkheim, apesar de apontar o caráter opressivo da coerção, acredita que graças ao poder coercitivo da “consciência coletiva”, a humanidade progressivamente cederá terreno a solidariedade orgânica, com a divisão do trabalho.

Durkheim descreve o processo sobrepujante da “solidariedade orgânica” sobre a “solidariedade mecânica”<sup>31</sup> como um processo de desenvolvimento e evolução da própria sociedade moderna. Neste processo Durkheim visualiza a ocultação dos modos de vida

---

<sup>29</sup> BERMAN, Marshall (2006), p. 76-77. Na história, Fausto convoca Mefisto para tirar o casal de velhos do caminho., que tem sua casa queimada e morrem, na calada da noite. Os velhinhos representavam os valores do “passado”.

<sup>30</sup> DURKHEIM, Émile. **As regras do Método Sociológico**. São Paulo: Martin Claret, 2001. p. 33.

<sup>31</sup> Para Durkheim a “solidariedade mecânica” é típica das sociedades pré-capitalistas, onde os indivíduos se identificam por meio das tradições e costumes, da família e da religião. É uma sociedade mais homogênea, onde as pessoas reconhecem os mesmos valores, os mesmos sentimentos, os mesmos objetos sagrados. A “solidariedade orgânica”, característica das sociedades modernas (capitalistas), onde os indivíduos estão interligados pela divisão do trabalho social, garantindo, a coesão social, não mais pelos costumes, tradições etc. A solidariedade é mantida pelo mecanismo da divisão do trabalho, pois, os indivíduos são diferentes, atuam como parte do grande organismo social.

tradicional, sobressaindo os modos de vida moderno. Configurando uma sociedade total e homogênea.

*A passagem de um estado para o outro se faz através de uma lenta evolução. Quando a lembrança da origem comum desaparece, quando as relações domésticas derivadas, que lhes sobrevivem muitas vezes, como já vimos, desaparecem também, o clã não tem mais consciência de si mesmo como um grupo de indivíduos que ocupam uma mesma porção do território*<sup>32</sup>.

Durkheim, também chama a atenção para o conceito de territorialidade, indicando para algo artificial, portanto uma construção social. Argumenta que na modernidade, a dimensão local assume um caráter global. Para Durkheim, a organização espacial ocorre pela divisão do trabalho, formando um tecido relações solidárias, eliminando as fronteiras geográficas. Na perspectiva do desenvolvimento e evolução da sociedade, a humanidade tornar-se-ia mais homogênea, unindo a espécie humana.

No entanto, como observa Berman, esta “é uma unidade é paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia.”<sup>33</sup>

Assim, hoje, o espaço das relações tornou-se extremamente complexo e multifacetado, e no mesmo lugar pode-se observar uma multiplicidade de práticas, onde os homens se desdobram em inúmeras identidades ou “máscaras”.

Dentre os teóricos clássicos da sociologia, Weber, é o que assume uma postura menos otimista, sobre a sociedade moderna ocidental, se comparada às análises de Marx e Durkheim. Weber refere-se ao “mundo moderno como destino e como problema”<sup>34</sup>.

Ao final da sua obra, *A Ética Protestante e o espírito do Capitalismo*, Weber foi extremamente crítico e “profético” ao descrever a sociedade moderna, na célebre metáfora da “prisão de ferro”.

*Ninguém sabe ainda a quem caberá no futuro viver nessa prisão, ou se, no fim desse tremendo desenvolvimento, não surgirão profetas inteiramente novos, ou um vigoroso renascimento de velhos pensamentos e idéias, ou ainda se nenhuma dessas duas – a*

<sup>32</sup> DURKHEIM, Émile. A Divisão do Trabalho Social. In. RODRIGUES, José Albertino (org). **Durkheim**. São Paulo: Editora Ática, 2004, p. 92.

<sup>33</sup> BERMAN, Marshall (2006), p. 15.

<sup>34</sup> In: LUA NOVA. Revista de Cultura e Política. Nº 22 (Centro de Estudos de Cultura Contemporânea). **Max Weber e o projeto da Modernidade**. Um debate com Dieter Henruch, Claus Offe e Wolfgang Schluchter”. Dezembro de 1990. p. 229-257.

*eventualidade de uma petrificação mecanizada caracterizada por esta convulsiva espécie de autojustificação*<sup>35</sup>.

A “racionalização” como evolução histórica da sociedade ocidental moderna, conforme análise de Weber, não apontava apenas para a profanação da cultura, mas, sobretudo, para a “racionalização” das novas estruturas administrativas das empresas capitalista, do aparelho burocrático do Estado, da ciência racional, do direito e da ética racional. Portanto, referia-se a concatenação de circunstâncias e características peculiares do Ocidente consideradas propulsoras do desenvolvimento na modernidade para fins.

Weber, segundo Habermas, “entende esse processo como a institucionalização de uma ação econômica e administrativa racional com respeito a fins.” No entanto, observa Habermas, “Á medida que o cotidiano foi tomado por esta racionalização cultural e social, dissolveram-se também as *formas de vida* tradicional, que no início da modernidade se diferenciaram principalmente em função das corporações de ofícios.” Assim, “a modernização do mundo da vida não foi determinada apenas pelas estruturas da racionalidade com respeito a fins”, mas atingiu tudo e a todos<sup>36</sup>.

Hodiernamente, as críticas à sociologia clássica recaíram, principalmente, sobre dois pontos; primeiramente para a idéia de um fim último para a humanidade - evolucionismo totalizante e homogêneo, e segundo por não terem se referido ao caráter *multidimensional das instituições*.<sup>37</sup>

Giddens (1991), também critica a insensibilidade dos teóricos clássicos diante das questões ambientais,

*... todos os três autores viram que o trabalho industrial moderno tinha conseqüências degradantes, submetendo muitos seres humanos à disciplina de um labor maçante, repetitivo. Mas não se chegou a prever que o desenvolvimento das “forças de produção” teria um potencial destrutivo de larga escala em relação ao meio ambiente*<sup>38</sup>

Sobre estas questões, Habermas, argumenta que a fragilidade do discurso sobre a modernidade está “na recusa totalizante das formas modernas de vida”, ou seja a fragmentação do discurso diante da complexidade. Assim,

<sup>35</sup> WEBER, Max (1999), p. 131.

<sup>36</sup> HABERMAS, Jürgen (2002), p. 4.

<sup>37</sup> GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Ed. Universidade Estadual Paulista, 1991.

<sup>38</sup> *Idem*, p. 17.

*Os critérios segundo os quais Hegel e Marx, e ainda Max Weber e Lukás distinguiram na racionalização social os aspectos que favorecem a emancipação e a reconciliação daqueles que reprimem e cindem, tornaram-se embotados. Entretanto, a crítica apreendeu e decompôs também os conceitos que permitiam manter esses aspectos separados, de modo a tornar visível seu entrelaçamento paradoxal. Esclarecimento e manipulação, consciente e inconsciente, forças produtivas e forças destrutivas, auto-realização expressiva e dessublimação repressiva, efeitos que garantem a liberdade e efeitos que a suspendem, verdade e ideologia: todos esses momentos desembocam agora um no outros.<sup>39</sup>*

Isto significa que, a problemática da modernidade em suas múltiplas expressões, culturais, econômicas e sociais, precisam ser compreendidas na relação multidimensional tanto das instituições como da multiplicidade de relações vividas no cotidiano por indivíduos ou grupos de pessoas.

Neste sentido, Bermam, observa que a interdependência entre o indivíduo e o ambiente moderno, é percebida, mesmo que de forma intuitiva, pelos primeiros escritores e pensadores que se dedicam à modernidade, “... isso conferiu a suas visões uma riqueza e profundidade que lamentavelmente faltam aos pensadores contemporâneos que se interessam pela modernidade.<sup>40</sup>

Assim, o complexo quadro da modernidade, fomenta novas discussões sobre a questão da modernidade, levando alguns pensadores contemporâneos a falar em “pós-modernidade”.

As investigações sobre modernidade, nunca cessaram, no entanto no final do século XX e início do século XXI, as discussões sobre a modernidade intensificam-se, principalmente, após Jean-François Lyotard<sup>41</sup> (1979), declarar o fim da modernidade, na obra *A Condição Pós-moderna*.

Segundo Giddens (1991), o debate da “pós-modernidade” tem sua origem no pensamento pós-estruturalista e apresenta diversas linhas.

As principais concepções da Pós-modernidade, tendem a, 1. Entender a transição em termos epistemológicos ou como decompondo totalmente a epistemologia; 2. Enfocar

<sup>39</sup> HABERMAS, Jürgen (2002), p. 469.

<sup>40</sup> BERMAN, Marshall (2006), p. 151-152.

<sup>41</sup> LYOTARD, Jean-François. **A condição Pós-Moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000. Nesta obra o autor defende a idéia de “pós-moderno”, enquanto condição da cultura - ciência, literatura e artes. O saber científico perde o seu *ethos* de verdade e passa a ser um discurso.

as tendências centrífugas das transformações sociais correntes e o seu caráter de deslocamento; 3. Ver na fragmentação da experiência a dissolução do eu; 4. “Afirma a contextualidade das reivindicações de verdade ou as vê como ‘históricas’”; 5. Teorizar a falta de poder do indivíduo frente a globalização; 6. apontar que os sistemas abstratos provocam o “esvaziamento” da vida cotidiana; 7. Desacreditar na possibilidade do engajamento político coordenado; e por fim, 8. “Define a pós-modernidade como o fim da epistemologia/do indivíduo/ da ética”.<sup>42</sup>

Contudo, pode-se perguntar, é possível falar em pós-modernidade, quando alguns países nem são modernos por completo? Em quanto ainda não se sabe o que é ser moderno por “completo”?

Vivemos um período de nítida dessemelhança com o passado, percebemos que nada pode ser conhecido ou reconhecido com muita clareza e nitidez. Presente e futuro são incertos.

Ao contrário das sociedades tradicionais ou na “primeira e segunda modernidade”<sup>43</sup>, quando as pessoas ainda lembravam “do que é viver, material e espiritualmente, em um mundo que não chega a ser moderno por inteiro.”<sup>44</sup>, hoje, a modernidade expandiu-se de tal forma que não conseguimos nos identificar com o passado e a contingência se faz presente em nossos cotidianos.

O fato é que, segundo Giddens, vivemos uma etapa de “descontinuidade” da modernidade. Giddens<sup>45</sup> aponta três características para identificar as “descontinuidades” que separam as instituições sociais modernas das ordens sociais tradicionais: pelo *ritmo da mudança* – extrema rapidez da mudança; pelo *escopo da mudança* – a interconexão virtual de toda a superfície da terra, possível através das tecnologias de comunicação via satélite ou cabo de fibra ótica, e pela *natureza intrínseca das instituições modernas* – cujas formas sociais tradicionais desaparecem no períodos históricos precedentes.

A experiência de viver na terceira fase da modernidade nas últimas décadas, desencadeia uma multiplicidade de temáticas que atravessam o cenário atual, e que conseqüentemente, projetam um quadro complexo de mudanças no cotidiano e de novas formas de vida, tais como, novas formas de globalização, novas formas de

<sup>42</sup> GIDDENS, Anthony (1991), p. 150.

<sup>43</sup> Sobre a “primeira e segunda modernidade” - Berman (2006); “modernidade” - Giddens (1991); “modernidade rígida” - Bauman (2001).

<sup>44</sup> BERMAN, Marshall (2006), p. 17.

<sup>45</sup> GIDDENS, Anthony (1991), p. 15-16.

institucionalização, flexibilização do trabalho, novos movimentos sociais, individualização, incertezas, contingências, danos ecológicos globais, elevado desenvolvimento das comunicações e informática.

Estes fatores reverberam, no campo teórico, sob diversas concepções ao processo da sociedade contemporânea e em diferentes categorias, tais como: “pós-modernidade” (Lyotard, 2000; Harvey, 1992) “modernidade líquida” (Bauman, 2001), “alta modernidade” ou “modernidade radicalizada” (Giddens, 1991), “modernidade reflexiva” (Beck, Lash e Giddens, 1997), “sociedade em rede” (Castells, 1999), entre outras.

No entanto, independente das diversas abordagens sobre a modernidade, há certo consenso por parte dos cientistas sociais (sociólogos, historiadores, geógrafos e antropólogos), que vivemos um processo de reconstrução e reorganização da sociedade. Impulsionadas principalmente pela globalização e pelas novas descobertas e avanços na tecnologia da informação. Uma nova organização social encontra-se em construção, atingindo todas as áreas de interação humana (que poderão ou não transpor para uma pós-modernidade).

Sendo assim, salienta-se que em virtude do grande número de categorias expostas para referir-se ao processo modernizante, optamos pela aceção de modernidade. Pois, a análise do presente trabalho investiga o processo de modernização. Tendo em vista a extensa bibliografia sobre o tema, não reproduziremos o debate, apenas retomaremos alguns conceitos e categorias que possibilitem compreensão do processo em análise - a ruptura no processo histórico e a percepção dos indivíduos quanto as novas formas de organização espaço – temporal.

Portanto, cabe aqui executar uma breve explicação dos conceitos que envolvem a problemática - modernidade, modernismo e modernização - para sustentar o foco de análise do presente estudo.

Essas categorias de análise estão presente em inúmeros livros, teses e artigos, alguns autores as analisam em suas particularidades, outros apenas citam para elucidar sobre o tema a ser desenvolvido, o que muitas vezes geram uma visão bastante confusa desses conceitos. Diante da diversidade de obras e autores, optamos pelas aceções em Marshall Berman (2006) - *Tudo que é sólido desmancha no ar*, Habermas (2002) - *O Discurso Filosófico da Modernidade* e Néstor Canclini (1998) - *Culturas Híbridas*.

Nas três obras, mesmo que cada autor desenvolva argumentos diferentes, pode-se encontrar claramente preposições de verificação e análise sobre as categorias, modernidade, modernismo e modernização.

Berman, na obra acima citada, brilhantemente, pretende revelar a “dialética da modernização e do modernismo”. Parte da idéia que entre os dois termos, existe a modernidade, a qual denomina de “experiência histórica”. O termo “experiência histórica” também é utilizado por Habermas para referir-se a modernidade.

Segundo Berman, a idéia de modernismo e modernização emerge e se desdobra a partir da segunda fase da modernidade. Quando as pessoas experimentam a aventura de viver num mundo dicotômico, pois “o público moderno do século XIX ainda lembra do que é viver, material e espiritualmente, em um mundo que não chega a ser moderno por inteiro”<sup>46</sup>

O termo modernismo surge em meados do século XIX sob o domínio das belas-artes. Baudelaire um grande crítico da arte modernista, segundo Habermas (2002), neste momento, confunde a experiência estética, com a experiência histórica. Pois, para Baudelaire (1997), “A Modernidade é o transitório, o efêmero, o contingente, é a metade da arte, sendo a outra metade o eterno e o imutável”. No entanto, por outro lado conforme mencionado anteriormente, Baudelaire, dotado de grande sensibilidade consegue apreender as duas dimensões humanas - alma e matéria - e dizendo que “a dualidade da arte é uma consequência fatal da dualidade do homem.”<sup>47</sup>

Por modernismo entende-se mais que um movimento artístico, mas a expressão da cultura modernista, conjunto de visões e valores que produzem uma mentalidade moderna, um pensamento, que reflete no homem “moderno”, atingindo os seus sentimentos mais íntimos.

Neste período histórico, além das reverberações das revoluções, as pessoas passam a conviver com as inovações tecnológicas, o telefone, o telégrafo sem fio, fotografia, cinematografia, avião, automóvel, todos estes aparatos da modernidade vão modificando a percepção e a sensibilidade dos seres humanos.

Assim, a *Modernização*, para Berman, trata-se de uma multidão de processos sociais, que geram o “turbilhão da modernidade”. O turbilhão da modernização, segundo

---

<sup>46</sup> BERMAN, Marshall (2006), p. 17.

<sup>47</sup> BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a Modernidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 11.

Berman<sup>48</sup>, tem sido alimentado por vários processos sociais, tais como: as descobertas científicas, a industrialização da produção, a descomunal explosão demográfica, as formas de expansão urbana, os Estados nacionais poderosos, os movimentos de massa, processos estes impulsionados pelo mercado mundial capitalista, “drasticamente flutuante, em permanente expansão”.

Corroborando neste mesmo sentido, Habermas (2002) elenca os diferentes elementos filosóficos que compõem o processo de modernização.

*O conceito de modernização refere-se a um conjunto de processos cumulativos e de reforço mútuo: à formação de capital e mobilização de recursos; ao desenvolvimento das forças produtivas e ao aumento da produtividade do trabalho; ao estabelecimento do poder político centralizado e à formação de identidades nacionais; à expansão dos direitos de participação política, das formas urbanas de vida e da formação escolar formal; à secularização de valores e normas.*<sup>49</sup>

O processo da modernização gera, segundo Berman (2006), gigantescas transformações objetivas da sociedade, bem como transformações subjetivas da vida individual. Se por um lado, a modernização corresponde a emancipação e expansão de possibilidades; por outro, arrasta todas as tradições, destrói valores culturais ou políticos, aliena, provoca sentimentos de desorientação e insegurança. E, ser “moderno” diante deste processo significa não usar referenciais do passado, perscrutando sempre o “novo”.

Corroborando, com a prerrogativa de Berman e Habermas, Canclini (1998:23), resume dizendo que entende como *Modernidade* uma etapa de desenvolvimento que, apesar de histórica, ainda permanece; *Modernismo*, os programas culturais de renovação, experimental e crítica, das práticas simbólicas disponíveis nas sociedades e *Modernização*, os processos sociais, econômicos, políticos e culturais que constroem a Modernidade.

Os ideais da “filosofia do progresso” do século XIX, professavam que os avanços científicos e tecnológicos proporcionariam à humanidade um futuro de “bem estar”, de “emancipação” e “auto-realização”<sup>50</sup>, estas idéias expandiram-se e atingiram os sentimentos mais íntimos dos seres humanos, como uma fórmula para alcançar a felicidade. A idéia de emancipação humana contribuiu para que os homens construíssem

<sup>48</sup> BERMAN, Marshall (2006), p. 16.

<sup>49</sup> HABERMAS, Jürgen (2002), p. 05.

<sup>50</sup> BRÜSEKE, Franz José. **O dispositivo técnico**. Florianópolis, 2005. (xérox)

novas perspectivas de felicidade, agora não mais uma “felicidade no céu”, mas a “felicidade na terra”. Assim, os valores associados ao antigo e ao moderno são deslocados, marcando a passagem do mundo teocêntrico para o mundo antropocêntrico.

O homem moderno “*emancipado da crença no ato da criação, da revelação e da condenação eterna*”<sup>51</sup>, *secularizado*, no conceito de Max Weber, construiu o mundo moderno à sua imagem e semelhança, o “perpétuo estado de vir-a-ser”, a chamada “modernização”, cuja consumação está sempre no futuro.

Um século depois, temos a sensação de viver num ambiente inacabado, o que virá amanhã sempre será melhor (mesmo que não seja), o último modelo de computador, o último *desing* de carro, a última tecnologia de celular não é a que temos hoje, mas a que virá, daqui a meio ano, um ano. É preciso refazer, refazer, é preciso comprar, adquirir as novas tecnologias para não “ficar para trás”. É preciso ser “moderno” este é o mecanismo da sociedade e dos homens contemporâneos.

Mas, para o homem ser moderno, é preciso que as ruas sejam modernas, as casas sejam moderna, as lojas vendam roupas, calçados e “coisas” do mundo inteiro, o carro precisa de última geração, é preciso experimentar comidas exóticas ao paladar ocidental.

Neste contexto, homens e mulheres são compelidos a rever seus valores, suas tradições, sua forma de vestir, de fazer amor, de comer, em fim rever a sua forma de ver o mundo e interagir com ele, com as coisas e pessoas em um mundo completamente novo.

Berman<sup>52</sup> nos diz que “uma das grandes diferenças entre os séculos XIX e XX é que o nosso criou toda uma rede de novos halos para substituir aqueles de que o século de Baudelaire e Marx se desfez.”

Desde meados da década de 1960, o processo de modernização é mais visível, do que em qualquer época da modernidade, que hoje leva alguns escritores a falar em “modernizações”. As novas tecnologias e as novas formas de vida, atingem tanto as cidades como o campo, as transformações os novos olhares, imbricam-se em um mesmo território/lugar.

A modernização utiliza-se de todos os subterfúgios para se fazer presente em todos os lugares, para todas as pessoas e instituições, nas empresas, no campo, na rua, nas formas sociais (individualização), nos relacionamentos amorosos, na administração das empresas, na educação. A unipresença da modernidade torna-se lugar comum, e todos adotam a

---

<sup>51</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 36

<sup>52</sup> BERMAN, Marshall (2006), p. 187.

mesmo slogan para dizer que “as coisas estão melhorando”, é “modernização no campo”, “modernização na educação”, “modernização nas tecnologias de informação”, “modernização nas frotas de ônibus”, “modernização do estado”, “modernização na medicina” são modernizações mais modernizações. Será que tudo isso é um mesmo processo? Ou realmente existem muitas modernizações? É evidente que não pretendemos responder estas questões, mas vale pensar um pouco sobre isso. Será que falar em modernização é falar em melhorias? Será que com tantas “modernizações” somos mais modernos do que há cem anos atrás?

Sobre esta questão pode dizer que o insaciável e ávido desejo de destruição e reconstrução de um “novo e aperfeiçoado” projeto, desencadeado pela fugacidade e competitividade produtiva (e mesmo a competitividade nas relações), gera esta sensação um estado “mais” moderno, no entanto, conforme observa Bauman,

*A sociedade que entra no século XXI não é menos “moderna” que a que entrou no século XX; o máximo que se pode dizer é que ela é moderna de um modo diferente. O que a faz tão moderna como era mais ou menos há um século é o que distingue a modernidade de todas as outras formas históricas do convívio humano: a compulsiva e obsessiva, contínua, irrefreável e sempre incompleta modernização.<sup>53</sup>*

O processo de modernização desenvolveu uma rede da qual ninguém pode escapar. Todas as pessoas do mundo começam a vivenciar o sabor do fascínio e das contradições da vida moderna.

Não há dúvidas, que o modo de produção capitalista a partir do século XIX, contribuiu com a fugacidade da modernidade, interferindo diretamente na forma de viver das pessoas. As classes dominantes do processo de produção, constroem no interior da sociedade um sentimento de que “homens e mulheres modernos precisam aprender a aspirar à mudança..” e que, as pessoas na sociedade moderna,

*precisam aprender a não lamentar com nostalgia as ‘relações fixas, imobilizadas’ de um passado real ou de fantasias, mas a se deliciar na mobilidade, a se empenhar na renovação, a olhar sempre na direção de futuros desenvolvimentos em suas condições de vida e em suas relações com outros seres humanos.<sup>54</sup>*

---

<sup>53</sup> BAUMAN, Zygmunt (2001), p. 36.

O espectro da modernidade, do desenvolvimento, da renovação, do novo, atinge os mais diversos cantos do mundo capitalista, a partir do século XV. O mundo considerado “moderno” assume características explosivas de mudanças sociais, crenças, valores, idéias, costumes, e as experiências vividas pelos homens anteriormente são varridas.

Habermas<sup>55</sup>, nos diz que “os pontos onde a *mobilização* e a *transformação das relações vitais* experimentam a sua máxima aceleração, são aqueles em que a modernização teve um maior alcance.”.

Ao longo da história da modernidade, diz Giddens<sup>56</sup>, “a modernidade reconstruiu a tradição enquanto a dissolvia”. Assim, as experiências do cotidiano, as tradições, as formas de vida encontram-se em constante mutação.

A modernidade, tal qual vivemos hoje, em seu mais elevado grau de fugacidade, desencadeada pelos avanços da ciência e da tecnologia constroem novos cenários e novas formas de organização da vida pessoal ou coletiva, temos a sensação que o tempo é escasso e que longe não existe mais. A separação do tempo e o espaço na vida cotidiana é uma das principais características da modernidade.

---

<sup>54</sup> BERMAN, Marshall (2006), p. 109-110.

<sup>55</sup> HABERMAS, Jürgen (2002), p. 86

<sup>56</sup> GIDDENS, Anthony, BECK, Ulrich, e LASH, Scott. **Modernidade reflexiva**: trabalho e estética na ordem social moderna. São Paulo: Unesp, 1997, p. 73

## 2. Tempo e espaço na modernidade

*Existe, um certo número de noções essenciais que dominam toda a nossa vida intelectual; são aquelas que os filósofos, desde Aristóteles, chamam de categorias do entendimento: noções de tempo, de espaço, de gênero, número, causa, substância, personalidade, etc.<sup>57</sup>*

Muitos anos, décadas, séculos e milênios nos separam do pensamento grego, no entanto algumas categorias ainda dominam o pensamento, algumas foram criadas, recriadas, formuladas e reformuladas. Conforme a humanidade segue o processo histórico os conceitos e categorias de análise precisam ser redimensionadas. Sendo assim, pode-se dizer que os conceitos são construções sociais, passíveis de mudança, e portanto, o conceito tem uma história.

Os termos tempo e espaço são muito antigos, no entanto com a dinâmica da modernidade estas categorias são retomadas pelos pensadores contemporâneos, na tentativa de compreender o que representam hoje na vida do homem moderno.

Estamos tão habituados à idéia de medir o tempo pelo relógio e pelos calendários, e a pensar o espaço como um deslocamento em um período de tempo, que muitas vezes não paramos para analisar o que estes conceitos representam em nossas vidas, muito menos, perguntamo-nos o que representam ou representaram para outros povos e outras culturas.

A voga que a palavra e a idéia de tempo e espaço sendo empregadas tanto pela epistemologia quanto nas práticas da vida, gera uma multiplicidade de expressões sobre os termos, por outro lado na maioria dos casos são homogeneizados e absolutistas.

O tempo quando pensado pelo músico pode estar associado a duração do compasso ou nas partes em que divide uma música ou sonata; para um esportista, como cada período da uma partida; para o historiador como um período, uma época ou um século; para um físico o intervalo entre um fenômeno e outro; e para todas as pessoas (incluindo o músico, o esportista e o físico) no seu dia-a-dia o tempo pode ser visto como a sucessão de anos, dias e horas, etc., bem como as noções de passado, presente e futuro. A polissemia do vocábulo espalha-se e podemos falar em tempos sociais, físicos, biológicos e psicológicos.

---

<sup>57</sup> DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: M. Fontes. 1996, p. 211.

A idéia de tempo e espaço absoluto emerge da teoria de Newton. Ele acreditava que o espaço era tridimensional e por sua própria natureza sempre permanecia similar e imóvel; e o tempo absoluto era unidimensional, contínuo, homogêneo - flui.

Norbert Elias (1998) inicia o livro *Sobre o Tempo* argumentando que o tempo, somente torna-se problema quando questionado, para isso utiliza-se da brilhante frase de Santo Agostinho: “Quando não me perguntam sobre o tempo, sei o que é. Quando me perguntam, não sei.”<sup>58</sup>

O tempo para os homens “modernos”, parece algo inquestionável, e quando questionado, dizem “tempo é”. Então, é preciso retomar a perguntar: - O tempo é ... o quê?

Alguns pensadores contemporâneos, como Giddens (1991), Norbert Elias (1998), Whitrow (1993), apontam a invenção do relógio<sup>59</sup> como um marco importante das sociedades modernas. O relógio é usado para marcar um tempo social e artificial, permitindo uma medida de “tempo universal”. A noção moderna de tempo, produziu no indivíduo uma noção diferente para as distâncias, a partir do momento em que é possível medir o tempo que nos separa de outras comunidades ou pessoas.

Os homens, desde a antiguidade, sempre tiveram a consciência sobre o tempo, o tempo de rotação da terra, o tempo das estações do ano, o tempo da colheita, dia e noite. O que difere ao longo da história do tempo, está na forma de pensar o tempo em cada cultura e em cada período histórico é a “maneira que escolhemos para medir o tempo” e como o “relacionamos” no nosso cotidiano<sup>60</sup>.

No livro, *O Tempo na História*, Whitrow (1993), elabora uma análise sobre o papel do tempo ao longo da história. E, observa que “O que distingue particularmente o homem da sociedade contemporânea de seus antepassados é que ele adquiriu crescente consciência do tempo.”<sup>61</sup> Em outras palavras, pode-se dizer que o homem moderno “racionalizou” demasiadamente o tempo.

---

<sup>58</sup> ELIAS, Norbert. **Sobre o Tempo**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

<sup>59</sup> O relógio mecânico é uma invenção do final do século XIII, no entanto, segundo Weber (1988:89), muitos lugares da França em 1865, o tempo ainda não era totalmente racionalizado, como o caso de Bayonne, “o relógio da prefeitura marcava a hora de Paris, enquanto que o da catedral mantinha-se fiel a uma hora própria.

<sup>60</sup> WHITROW, G.J. **O tempo na história: concepções de tempo da pré-história aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p. 16.

<sup>61</sup> *Idem*, p. 31.

O *kronos*, o tempo criado pelo homem domina o *kairós*, aquele tempo divino. Hoje, o tempo cronológico, quantitativo, metódico, mensurado e controlado mecanicamente, prevalece sobre o tempo dos acontecimentos da vida cotidiana. Na vida moderna não temos mais “tempo” para experimentarmos a qualidade do tempo de viver. De observar o tempo da natureza e dos homens.

*Ao longo de nossa rotina diária estamos continuamente preocupados com o tempo e não cessamos de consultar nossos relógios. Em outras épocas, a maioria das pessoas trabalhava arduamente, mas se preocupava menos com o tempo que nós. Até o advento da moderna civilização industrial, a vida das pessoas era muito menos consciente dominada pelo tempo do que passou a ser desde então. O desenvolvimento e o aperfeiçoamento contínuo do relógio mecânico, e mais recentemente, de relógios que trazemos conosco, teve profunda influência em nosso modo de viver<sup>62</sup>.*

Neste sentido Whitrow, prossegue dizendo que nos dias de hoje, somos “governados por horários”, no entanto sobre esta questão, propomos uma olhar bilateral, pois de um lado da história são os homens que “controlaram o tempo” (criam mecanismo de medição do tempo), que se converteu no controle do “homem social” no mundo moderno. Ou seja, o tempo somente controla e organiza a vida do homem, porque o homem controla e organiza o tempo.

Os instrumentos de medição e organização do tempo, segundo Norbert Elias são representações simbólicas que transmitem mensagens e informações socialmente e individualmente conhecidas e reconhecidas. “O tempo tornou-se, portanto, a representação simbólica de uma vasta rede de relações que reúne diversas seqüências de caráter individual, social ou puramente físico.” Toda esta simbologia e regulamentação do tempo, “contribuiu, ao que parece, para modificar nossa concepção das relações entre indivíduo, sociedade e natureza.<sup>63</sup>”

O comportamento do indivíduo precisa adequar-se as representações simbólicas, as relações se ajustam aos mecanismos de medição e organização do tempo, a natureza e os fenômenos da natureza perdem a centralidade da organização social. Nas civilizações mais antigas em sociedades mais simples, a correlação temporal estava mais associada aos

---

<sup>62</sup> *Idem*, p. 31.

<sup>63</sup> ELIAS, Norbert (1998), p. 17.

eventos sociais e naturais. Isso não significa que estes povos não dispunham de mecanismos para controlar o tempo.

Para os povos no Egito Antigo, por exemplo, o mundo era uma criação divina e portanto, estático e imutável. O tempo era demarcado segundo os reinados dos faraós e os eventos relacionados ao Nilo.

Desde o primeiro relógio solar egípcio (data de cerca de 1500 a.C.) passando pelos relógios de águas ou “clepsidra”, os calendários “diagonais”, até chegar ao relógio mecânico ou digital foram longos anos de acúmulos de conhecimento e informação.

Então o que é que foi mudando no tempo com o tempo? Parece que no tempo não mudou nada, o que mudou foram as relações que os homens e sociedade estabelecem com o tempo. E, a necessidade de aperfeiçoar os mecanismo e instrumentos de controle do tempo, sempre esteve associada a forma como o homem olha o universo onde vive.

Segundo, Whitrow (1993), “Em muitas civilizações, houve uma analogia subjacente entre as concepções dominantes sobre a natureza da sociedade e do universo, e essas analogias estiveram muitas vezes associadas a visões particulares da natureza e da significação do tempo.” Como por exemplo, para atenienses do século VI a.C. o tempo era um juiz, associado a idéia do conceito de um estado justo, que foi estendido como forma de explicar o universo. Já na Idade Média e no Renascimento, após a invenção do relógio mecânico, a sociedade e o universo eram metaforicamente associados ao sistema de engrenagens.<sup>64</sup>

Mas, independentemente dos mecanismos criados pelos homens para organizar o tempo, acredita-se que a percepção do tempo é algo inerente aos seres vivos, inclusive o homem.

*A distinção que fazemos entre passado, presente e futuro refere-se à natureza transicional do tempo. Embora dependente da memória, nosso sentido de identidade pessoal está estreitamente associado ao aspecto de duração do tempo. A descoberta feita pelo homem de que ele mesmo, como todas as outras criaturas vivas, nasceu e vai morrer deve tê-lo conduzido intuitivamente a tentar sustar o fluxo incessante do tempo, buscando prolongar indefinidamente a própria existência.<sup>65</sup>*

Em outras palavras, diferentemente dos outros seres vivos, os homens adquiriram consciência do tempo, para além dos processos fisiológicos. E, a forma como os humanos

---

<sup>64</sup> WHITROW, G.J. (1993), p. 205.

relacionam, associam e constroem sempre está vinculado a experiência vivida no “seu tempo”.

Assim, como a concepção do tempo modificou-se ao longo processo da história da humanidade, a concepção de espaço também. “A idéia moderna de espaço evoluiu desde o berço na arte medieval da baixa Idade Média até a física moderna de Newton e a filosofia iluminista de Kant. Uma trajetória contada através das formas no tempo das cartas e mapas.”<sup>66</sup>

A idéia de espaço métrico dominou o pensamento humano por longos anos. O espaço era percebido como inerte, sólido, absoluto, o receptáculo das ações humanas e das coisas criadas pelos homens. No entanto, a “*ótica passiva* do espaço”<sup>67</sup>, na sociedade moderna contemporânea, o espaço perde a “concretude” diante dos avanços tecnológicos e informacionais.

A noção que os seres humanos têm do espaço perpassa pela percepção que se têm do universo, e desenvolve-se a partir de uma visão escalar do mais próximo ao mais distante, do local ao global, dependendo de cada cultura.

Organizar, mapear e ordenar os espaços é um atributo humano, principalmente em sociedade, por isso,

*As medidas de espaço desenvolveram-se cedo porque seu uso era uma necessidade social: nem a agricultura nem o comércio podiam desenvolver-se, e os artefatos de caça e guerra não podiam ser produzidos, sem métodos confiáveis e bastante precisos para medir comprimentos, superfícies e volumes.*<sup>68</sup>

Estas formas de organização dos espaços são representações simbólicas criadas pelos homens, e, portanto, medidas e padrões, tais como distância, território, propriedade, fronteiras e nação são unidades dotadas de significado somente para os seres humanos.

---

<sup>65</sup> *Idem*, p. 37.

<sup>66</sup> SANTOS, Douglas . **A reinvenção do espaço**. Diálogos em torno da construção do significado de uma categoria. São Paulo: Editora UNESP, 2002, p., 10.

<sup>67</sup> VIRILIO, Paul. **Espaço Crítico**. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1993, p.101.

<sup>68</sup> SZAMOSI, Géza. **Tempo & Espaço**. As dimensões gêmeas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986, p, 97.

A simetria espacial, segundo, Yi-fu Tuan (1980), estrutura-se sob uma percepção egocêntrica e etnocêntrica do ser individualmente ou do grupo. “O egocentrismo é o hábito de ordenar o mundo de modo que os seus componentes diminuem rapidamente de valor longe do ‘self’.” O mesmo acontece com o etnocentrismo, organizar o mundo partindo do seu coletivo, “o etnocentrismo é um traço humano comum”.<sup>69</sup>

Na antiguidade, por exemplo, para os egípcios,

*O espaço simbólico em que o universo se desdobrou era, portanto, essencialmente o espaço da comunidade – um espaço tribal. Essa intuição particular, por sua natureza, limitava a extensão dos espaços simbólicos imaginários dos antigos humanos. O espaço terminava onde terminava o poder ou o interesse da comunidade.*<sup>70</sup>

Os avanços da geometria e da matemática, na sociedade ocidental, proporcionam novas representações simbólicas do espaço. O espaço passa a ser representado através de cartografias e mapas em escalas representativas da “realidade”. As representações espaciais geométrica ganham maior relevância no Renascimento, quando a percepção que o homem tem do espaço ganha formas. No entanto, vale ressaltar que são apenas representações simbólicas de lugares e paisagens, as quais os homens não podem experimentar pelos sentidos, e sim pela razão.

Por isso, no cotidiano, conforme descreve Weber (1989:69) “o espaço é algo que homem só concebe de modo imperfeito, especialmente quando é tênue a percepção que tem dele.”. E, portanto, a noção do espaço é relativa. Ou seja, no cotidiano a percepção que as pessoas têm do espaço está relacionada à distância, a distância que os separa das coisas, pessoas e lugares. As distâncias são medidas numa relação “espaço” e “tempo”.

A conquista territorial teve fortes investimentos no início da Idade Moderna, ultrapassar fronteiras, conquistar novos e desconhecidos territórios moviam Impérios.

*Os impérios se espalhavam, preenchendo todas as fissuras do globo (...) O que quer que ficasse entre os postos avançados dos domínios imperiais em competição era visto como terra de ninguém, sem dono e, portanto, como **um espaço vazio** – e o espaço vazio era um desafio à ação e uma censura à preguiça. Ainda menos suportável era idéia de “espaços em branco” do globo:*

---

<sup>69</sup> TUAN, Yi-fu. **Topofilia**. Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. São Paulo. DIFEL, 1980, p. 34-36.

<sup>70</sup> SZAMOSI, Géza (1986), p. 64.

*ilhas e arquipélagos desconhecidos, massas de terra à espera de descoberta e colonização.*<sup>71</sup>

Para isso, os homens foram criando meios de transporte “não humanos” cada vez mais velozes e potentes (navios, trens, carros e aviões), permitindo-lhes percorrer grandes distâncias em menos tempo. A percepção do homem sobre o espaço modifica-se. Distâncias podem ser flexionadas pelo meio de transporte utilizado. E, neste contexto a idéia de “espaço” também, torna-se flexível e móvel.

As inovações tecnológicas da informatização do final do século XX, permitem percorrer grandes distâncias em “tempo real”, ou seja, permite estabelecer relações com o outro lado do mundo instantaneamente, como no caso de uma teleconferência.

*Mas, ao contrário do que muitos foram levados a imaginar e a escrever, na sociedade informatizada atual nem o espaço se dissolve, abrindo lugar apenas para o tempo, nem este se apaga. O que há é uma verdadeira multiplicação do tempo, por causa de uma hierarquização do tempo social, graças a uma seletividade ainda maior no uso das novas condições de realização da vida social. A simultaneidade entre os lugares não é mais apenas a do tempo físico, tempo do relógio, mas do tempo social, dos momentos da vida social.*<sup>72</sup>

No entanto, para compreendermos a noção de “espaço” na sociedade contemporânea, Michel de Certeau (1994), parte do princípio que é preciso distinguir “lugar” e “espaço”. Para Certeau, “Um lugar é ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha, portanto, excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar.” ao mesmo tempo, sendo assim “Um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade.”, enquanto, que o “espaço é um lugar praticado”.<sup>73</sup> Portanto, o espaço refere-se ao espaço das relações, o espaço vivido e experimentado pelo homem, “é um cruzamento de móveis”, instável e mutável, permitindo à existência de tantos espaços, quantas as possibilidades de experiências de relações humanas.

<sup>71</sup> BAUMAN, Zygmunt (2001), p.132-33.

<sup>72</sup> SANTOS, Milton. **A urbanização Brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005, p. 101.

<sup>73</sup> CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Petrópolis: Editora Vozes, 1994, p. 201-202.

O nosso conceito de espaço não é, portanto, uma condição *a priori*, mas uma consequência de nossa experiência no mundo. A mente humana pode construir uma idéia de espaço a partir de certos traços que caracterizam a experiência, o vivido, o conhecido.

Quantas histórias ouvimos sobre fatos e acontecimentos de lugares que não conhecemos, nem mesmo sabemos se existem, que nós os assimilamos através de uma construção social e cultural, atribuindo-lhes significações e peculiaridades. Estes lugares transformam-se em espaços quando ocorre a ação, o movimento regula a produção de um espaço (mesmo no ato de lembrar). “Os relatos efetuam portanto um trabalho que, incessantemente, transforma lugares em espaços ou espaços em lugares. Organiza também os jogos das relações mutáveis que uns mantêm com os outros.”<sup>74</sup>

Ao longo da história da humanidade, tempo e espaço estiveram entrelaçados e dificilmente podiam ser separados nas relações sociais. Eram categorias percebidas como “dimensões gêmeas”<sup>75</sup>.

Na modernidade há uma separação destas categorias nas práticas da vida e no cotidiano das pessoas. Em outras palavras, na modernidade a idéia de “tempo” e “espaço” foram modificados devido a velocidade em que podem ocorrer as relações sociais nas sociedades modernas. O tempo na sociedade moderna é medido por mensurações universais, enquanto que os espaços multiplicam-se.

Como percebe Yi-fu “o homem moderno conquistou a distância, mas não o tempo”<sup>76</sup> de viver. No entanto, a memória é o nosso sentido de tempo, a consciência entre passado, presente e futuro.

---

<sup>74</sup> *Idem*, p. 203.

<sup>75</sup> SZAMOSI, Géza (1986).

<sup>76</sup> TUAN, Yi-fu (1980), p. 115.

### 3. Memória e modernidade

Mesmo que a modernidade opere sobre as coisas e a natureza, tornando tudo transitório e efêmero, passado e presente parecem coabitarem na mesma esfera, pois mesmo que a materialidade do passado tenha sido destruída, a memória dos seres humanos o registrou, nem que seja no imaginário dos seus devaneios.

A memória é uma capacidade humana de registrar fatos e experiências vividas no passado, que podem ser retransmitidas no presente através das lembranças. Para dar conta do conceito memória como construção do passado, nas ciências humanas, o sociólogo Halbwachs (1990), em livro publicado postumamente, em 1950,<sup>77</sup> elabora o conceito de “memória coletiva”. A memória, para Halbwachs, é, por natureza, social, ou seja, a memória é um fenômeno coletivo, tendo em vista que o indivíduo que lembra está inserido em um contexto, em um quadro social. A memória individual é sempre construída sob a perspectiva do contexto ou da coletividade ao qual o sujeito que lembra está inserido. Lembrar é um processo de conciliação da memória individual e a “memória coletiva”; é “um ponto de vista” que muda conforme o lugar que o indivíduo ocupa, de onde está falando e para quem está falando.

A memória representa uma viagem que nos transporta no tempo e no espaço. O ato de lembrar terá a duração e o deslocamento “significante” para a pessoa que lembra. Cada pessoa tem uma maneira própria de exprimir as rupturas e discontinuidades, consolidações e continuidades “da duração de sua história individual e coletiva, em sua maneira de ordenar as superposições temporais vividas”<sup>78</sup>

Sabemos que ao longo da história o termo memória foi e é utilizado sob várias conotações. A memória, para os gregos, estava associada à deusa *Mnemosine*, mãe das Musas, protetora das artes e da história. Entre outros significados, como demonstrou Jean-Pierre Vernant, possibilitava aos poetas lembrar do passado e transmiti-lo aos mortais – “a memória aparece como um dom para os iniciados”.

---

<sup>77</sup> HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

<sup>78</sup> ECKERT, Cornélia. “A vida em outro ritmo”. In: BARROS, Miriam M. L. de, (org.). **Velhice ou terceira idade?**: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. p.174.

Para os romanos, a memória estava extremamente ligada à arte retórica, ao uso da linguagem e dos discursos falados, destinados a convencer e emocionar os ouvintes. Na Idade Média “a memória antiga foi fortemente penetrada pela religião”, e estava ligada à memória das comemorações religiosas e dos santos e mártires, e seus milagres.<sup>79</sup>

Na modernidade a memória oral vai cedendo lugar à memória escrita. A invenção da imprensa revoluciona a memória ocidental e transforma-se em instrumento da memória coletiva.

A linguagem escrita existe há mais de cinco mil anos, no entanto, é na modernidade, com as inovações tecnológicas que a memória técnica terá a função de “preservar” as informações do passado. Para a sociedade moderna a memória técnica significa o absoluto, “o texto impresso torna-se algo invariante, ao contrário das narrativas orais”<sup>80</sup>

Destarte, o mundo moderno cria os lugares da memória, como museus, bibliotecas, arquivos, monumentos, datas nacionais religiosas, constrói uma “memória histórica”. Tanto, a “Memória Individual” como a “Memória Histórica” são memórias coletivas, pois como percebe Halbwachs<sup>81</sup>, “a primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história geral”.

Contudo existe um grande distanciamento entre a história aprendida e a história vivida. A história aprendida é a memória coletiva registrada, catalogada e datada para ser transmitida de geração em geração, como memorável; enquanto que a história vivida, apóia-se nas experiências do cotidiano, em lembranças que muitas vezes ficam apagadas pela “memória histórica”. Portanto,

*A história não é todo o passado, mas também não é tudo aquilo que resta do passado. Ou, se o quisermos, ao lado de uma história escrita, há uma história viva que se perpetua ou se renova através do tempo e onde é possível encontrar um grande número dessas correntes antigas que haviam desaparecido somente na aparência.*<sup>82</sup>

A memória dos seres humanos constitui documento recente para os cientistas das áreas humanas. Perceber e compreender o passado através das representações do

<sup>79</sup> LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992. p.441.

<sup>80</sup> SILVA, Elizabeth Farias da (2002), p. 37.

<sup>81</sup> HALBWACHS, Maurice (1990), p. 55.

<sup>82</sup> *Idem*, p. 67.

imaginário humano, fez com que os pensadores contemporâneos (tanto psicólogos como sociólogos, filósofos e historiadores), lançassem um novo olhar sobre os conceitos tempo, espaço e memória. Como descreve Silva<sup>83</sup>, “*a memória é um tempo peculiar, individual*”, onde a memória do relator transcende o tempo, decodificando no presente, o passado que é lembrado sob o olhar de um referencial do presente de quem fala.

As categorias memória, tempo e espaço recebem maior atenção dos pensadores contemporâneos, devido a fugacidade da modernidade, da ruptura abrupta com o passado desencadeado com o processo de modernização.

Geralmente, escrevemos histórias e memórias quando ocorrem as rupturas. Provavelmente este seja o motivo pelo qual em nem um outro período da história da humanidade escreva-se tantas histórias. E, aqui estamos nós escrevendo mais uma história. Cabe ressaltar, que o ato de lembrar sempre está apoiado nos referenciais do presente, que a reconstrução do passado atravessa o olhar que temos hoje do mundo. Portanto, o capítulo dois tem por objetivo situar-nos no atual contexto em análise, donde será possível compreender os referenciais do presente que conduzem a construção das lembranças.

---

<sup>83</sup> SILVA, Elizabeth Farias da, (2002)

#### 4. A modernização no Brasil e em Florianópolis

*A modernidade já tava chegando, anos 70 e 80, já tava chegando. Já tava... então é ... mas, nós que conhecemos o que era a Ilha e o que é hoje, a ilha ... Nós, a gente pode dizer que acabou. Mas, quem está chegando ..., por isso tem gente que chega hoje e diz puxa que lugar legal, que paraíso. Porque ele não conheceu nem a metade do que era antes.<sup>84</sup>*

A experiência da modernidade, conforme expressou Berman, anulou “todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia”. No entanto, observa que esta “unidade é paradoxal, uma unidade de desunidade”.<sup>85</sup>

A condição de aceleração e extensão da modernidade, conforme vivemos hoje, está traduzida na idéia de “compressão do tempo-espaço” (Marx, Harvey, 1989; Massey, 1994).

Segundo Massey<sup>86</sup>, “a compressão de tempo-espaço refere-se ao movimento e à comunicação através do espaço, á extensão geográficas das relações sociais e a nossa experiência de tudo isso.” Por exemplo, hoje é possível em um bairro qualquer no interior do Brasil beber uma coca-cola ou comprar um carrinho de brinquedo para uma criança numa lojinha destas de 1,99 produzido na China ou em Taiwan.

Muitas vezes acredita-se que a expansão da modernidade está somente relacionada ao movimento econômico e financeiro, no entanto, a compressão do tempo-espaço é determinada por vários outros fatores. Neste sentido Massey, cita como exemplo a “diferenciação social” (não no sentido de classe), “pois diferentes grupos sociais e diferentes indivíduos posicionam-se de forma muito distinta em relação a esses fluxo de interconexões.” Esta tipo de diferenciação pode estar relacionada a “geometria do poder” de tudo isso “trata-se também do poder em relação aos fluxos e ao movimento. Diferentes grupos sociais têm relacionamentos distintos com essa mobilidade diferenciada: algumas pessoas responsabilizam-se mais por ela do que outra; algumas dão início aos fluxos e ao

---

<sup>84</sup> Alcântara (entrevista realizada em 10/10/2006)

<sup>85</sup> BERMAN, Marshall (2006), p. 15.

<sup>86</sup> MASSEY (1994:178)

movimento, outras não; algumas ficam mais em sua extremidade receptora do que outras e algumas são efetivamente aprisionadas por ela.”<sup>87</sup>

Além destes fatores, apontados por Massey, pode-se também argumentar que cada indivíduo ou grupo de pessoas tem percepções diferentes sobre fenômenos simultâneos, globais. Para esclarecer melhor esta questão cabe um exemplo de Brüseke,

*O professor alemão, sentado no seu sofá pós-moderno em Heidelberg, acompanha a telenovela Sinhá Moça com a mesma atenção que o índio caiapó, sentado numa lata vazia de manteiga de boca virada, na selva amazônica. O fato de que o último já tenha assistido à novela alguns anos antes do professor não é prova do desenvolvimento não-simultâneo, mas um indício da globalização da indústria cultural. Também o fato de que o professor alemão usa uma televisão japonesa e o índio uma televisão holandesa não é resultado de uma dessincronização temporal, mas consequência da sorte do produtor holandês e japonês de tvs de ter encontrado no outro lado do mundo uma demanda efetiva.*<sup>88</sup>

Provavelmente, a percepção do índio e do professor alemão sobre a telenovela *Sinhá Moça* será diferente. Pois o fato de estarem assistindo concomitantemente um fato, não os exime da bagagem intelectual e cultural de cada um.

Mesmo, que o “poder” dos meios de comunicação em massa, desenvolvam “estratégias” global, os indivíduos ou uma coletividade, podem apresentar “táticas” diversas de assimilação ou repulsão.

Antes de prosseguir na análise sobre a modernização no Brasil e em Florianópolis, é importante retomar o conceito de modernização, pois não refere-se somente ao processo produtivo e econômico. Portanto, a modernização refere-se aos múltiplos, complexos e fragmentados processos, que atingem os seres humanos em todos os âmbitos de suas vidas, individual ou coletiva. E, mesmo seria muito tendencioso imaginar que a modernização é um processo único e que percorra um único caminho.

---

<sup>87</sup> *Idem*, p. 179

<sup>88</sup> BRÜSEKE, Franz Josef. **A lógica da decadência**: desestruturação sócio-econômica, o problema da anomia e o desenvolvimento sustentável. Belém, Cejup, 1996. p. 123.

O pressuposto da modernização somente visto como processo produtivo e econômico, não permite perceber os inúmeros processos, que compõe o complexo cenário da modernidade, nem mesmo “as múltiplas lógicas de desenvolvimento”<sup>89</sup>.

A “modernidade como primeira aproximação”, nos diz Giddens (1991:11) “refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa ... e que ulteriormente se torna mais ou menos mundiais em sua influência.”

A influência do projeto da modernidade européia no Brasil, também pode-se dizer que ocorreu desde o primeiro momento em que colonizadores e índios estabeleceram uma relação e trocaram experiências de vida.

Muitos teóricos datam o início da modernidade no Brasil nas décadas de 1920 e 1930. Atribuindo como limiar histórico, o processo de industrialização tardio. Períodos em que as fábricas de São Paulo passam a representar o início do “progresso” e do “desenvolvimento” tão desejado pelos países periféricos.

No entanto, o fato do Brasil ter iniciado o processo de industrialização tardia, não o tira anteriormente, do processo modernizante do mundo, mesmo que em menor intensidade e extensão.

Posto que, fomos colonizados pelas nações européias que não proporcionaram as suas colônias o processo de industrialização; assim segundo Canclini somente após a independência, ocorre uma “onda de modernização”. Dentre elas, Canclini<sup>90</sup> destaca, entre o final do século XIX e início do XX, uma modernização impulsionadas pela oligarquia progressista, pela alfabetização e pelos intelectuais europeizados; entre as décadas de 1920 e 1930 pela expansão do capitalismo e ascensão democratizadora dos setores médio e liberais, contribuição de migrantes e pela difusão em massa da escola, pela imprensa e pelo rádio; e desde ao anos de 1940 impulsionadas pela industrialização, pelo crescimento urbano, pelas novas indústrias culturais e pelo maior acesso à educação do ensino médio e superior.

O ideal hegemônico de “progresso”, na perspectiva Iluminista, associado ao progresso tecnológico e à industrialização, muitas vezes nos turva a visão aos outros processos.

---

<sup>89</sup> CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**. Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

<sup>90</sup> *Idem*, p. 67

Neste sentido Brüseke<sup>91</sup>, argumenta que no nível teórico, “a associação entre desenvolvimento e progresso” é pouco eficaz para entender os fenômenos da sociedade global. Tendo em vista que, “no conceito de progresso perde-se a noção de totalidade global.”

Não se pode deixar de perceber que nas últimas décadas a modernização toma um novo fôlego, intensificando, dinamizando e estendendo-se num projeto global, favorecidos pelos aperfeiçoamentos e avanços das tecnologias de informação e pela globalização.

“A globalização se refere essencialmente a este processo de alongamento, na medida em que as modalidades de conexão entre diferentes regiões ou contextos sociais se enredam através da superfície da Terra como um todo<sup>92</sup>.”

A intensificação das relações sociais em escala global liga as localidades distantes, de tal forma que acontecimentos ocorridos em um lado do mundo interferem em outras partes do mundo. Nessas circunstâncias ocorrem transformações importantes na vida cotidiana, principalmente interferindo e transformando as formas de vida tradicional e localista.

O que difere a modernidade do Brasil de hoje, com a modernidade do período de colonização, refere-se principalmente a intensidade, a dinâmica e a diversidade de interconexões.

Gino Germani<sup>93</sup>, ao analisar a modernização na América Latina argumenta que, mesmo a modernização sendo um processo global, é preciso distinguir os inúmeros processos componentes do processo global, bem como faz-se necessário analisar os fatores exógenos e endógenos atuantes no processo de transição, bem como os fatores de estagnação.

*Em cada país, a peculiaridade da transição resulta, em grande parte, do fato de que a seqüência, assim como a velocidade, em que ocorrem tais processos componentes, variam consideravelmente de país para país, por causa das circunstâncias históricas diferentes, tanto no nível nacional, quanto no nível internacional<sup>94</sup>.*

O processo de modernização na América Latina, segundo Germani, acontece em quatro etapas, ou como já referido quatro grande “ondas de modernização”. Para identificar

---

<sup>91</sup> BRÜSEKE, Franz Josef (1996), p. 118.

<sup>92</sup> GIDDENS, Anthony (1991), p. 69.

<sup>93</sup> GERMANI, Gino. **Sociologia da Modernização**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1974.

cada etapa do processo de transição, o autor propõe proceder na forma esquemática, tendo em vista que esquemas permitem perceber as condições históricas iniciais para identificar as etapas subseqüente. Este esquema, o autor denomina de “esquema descritivo” de sucessão etapas.

*Para identificar as etapas podem ser sugeridos dois critérios principais: 1) a ocorrência de uma configuração de características (na estrutura econômica, social e política) dotadas de um certo grau de estabilidade e duração, e claramente diferenciadas das configurações estruturais precedentes e seguintes; 2) a importância causal da configuração para dar forma ao futuro curso de transição.<sup>95</sup>*

Os pressupostos de análise, das variáveis do processo de transição de uma etapa para a outra, segundo Germani referem-se a interrelação dos fatores endógenos e exógenos, bem como os efeitos estabilizadores.

Levando em consideração os critérios acima descritos, Germani<sup>96</sup> apresenta um quadro com as “etapas na modernização”: I – sociedade tradicional; II – Começo da dissolução da sociedade tradicional; III – Sociedade dual e “expansão para fora” e IV – Mobilização social de massas.

Para cada etapa, o autor apresenta fatores externos mais relevantes, e os impactos no cenário interno, referindo-se aos aspectos econômicos, sociais e políticos da América Latina.

A primeira etapa o autor denomina de “sociedade tradicional” – com características de economia regional isolada (predomínio da economia de subsistência), sob o regime político Colonial, com uma estrutura social tradicional, estratificada, latifundiária, com baixo crescimento demográfico, alta taxa de mortalidade, e concentração urbana muito reduzida. Nesta primeira fase Germani identifica como fatores exógenos o descobrimento a conquista e a colonização, portanto inicia-se o processo de mudança nas “antigas” tradições no agora nominado Brasil e nas nominadas Américas.

---

<sup>94</sup> *Idem*, p. 8.

<sup>95</sup> GERMANI, Gino (1974), p. 30.

<sup>96</sup> *Idem*, p.57-64.

Segunda Etapa, o começo da dissolução da sociedade tradicional. Contexto global revoluções francesa e americana. Nesta fase inicia a transição para a expansão econômica dependente, junto a economia de subsistência, vê-se indícios de um mercado interno e a primeira onda de crescimento da exportação primária. Período em que emerge uma pequena elite urbana (com instrução) que elaboram algumas tentativas de modernização principalmente nos centros urbanos. Surgem, igualmente nesta etapa, os primeiros movimentos revolucionários para independência, na tentativa de estabelecer um estado nacional moderno. Período de formação dos partidos políticos e os governos oligárquicos.

O impacto da Revolução Industrial colabora para a terceira etapa da modernização na América Latina e no Brasil, a qual Germani denomina de “sociedade dual”. Os fatores exógenos de interferência e modernizantes nesta etapa são bastante intensos: inovações tecnológicas em transporte, comunicações e produção. Emigração européia em massa, emergência das ideologias do liberalismo econômico e político e a construção do “modelo ocidental” de desenvolvimento. Todos estes processos irão refletir na economia, na política e na estrutura da sociedade na América Latina. Dentre as modificações na economia, Germani identifica: diferentes graus de modernização na agricultura e na pecuária; passagem da “fazenda” tradicional paternalista para forma de empresa moderna; expansão do mercado interno, porém dual, com fortes clivagens internas (urbano-rural/ centro-periferia) e início do processo de industrialização em alguns países (e a formação de um proletariado urbano moderno). No âmbito da sociedade é possível perceber os primeiros efeitos modernizadores, principalmente nos centros urbanos, com a transição demográfica, início da mobilidade social, aumento da concentração populacional nas áreas urbanas, aumento na taxa de fertilidade e queda da taxa de mortalidade e imigração estrangeira em massa. Nas relações sociais prevalece a grande dualidade entre “tradicional” e “moderno”, coexistência de valores e comportamentos, contrastes entre o “centro” e a “periferia” (concentração da marginalidade) e entre o “campo” e a “cidade”. Nesta etapa vê-se importantes transições no cenário político, principalmente no processo de democratização (democracia representativa com participação limitada – democracia representativa com participação ampliada), organização estatal racional burocrática, controle do território nacional e profissionalização do exército.

A quarta e última etapa de transição e modernização, Germani denomina de “mobilização social de massas”, período da Grande Depressão (1930), e da II Guerra Mundial e pós-guerra, fixam-se as ideologias comunistas, socialistas, nacionalistas e fascistas. As ideologias “desenvolvimentistas” e o “nacionalismo econômico” da época, promovem projetos econômicos de desenvolvimento interno, como industrialização, dissolução do mercado internacional de exportação primária e da própria economia primária, extensão do mercado interno de bens de consumo. Estagnação da economia, inflação, persistência dos latifúndios e problemas relacionados com o sistema de posse de terras. Na sociedade ocorre um grande aumento na mobilização social – migrações internas em massa, intensificação da urbanização e explosão demográfica, e aumento da classe média. No cenário político concretiza-se o ideal da democracia, emergência da mobilização política, surgem os partidos populistas e partidos de populares, sindicalização, extensão de direitos sociais (leis trabalhistas) e queda das oligarquias. É, portanto na fase de alta mobilização social que ocorre a transformação mais intensa e extensa, atingindo mais diretamente o dia-a-dia das pessoas.

No entanto, é importante ressaltar que ao longo do processo modernizante no Brasil, conforme descrito acima, prevalece o caráter da descontinuidade, desigualdade e não sincrônico entre os diversos segmentos do processo. Ora a modernização atinge mais diretamente a economia, ora a política e ora a sociedade, que gera um sentimento de não modernizado por completo, dentro da idéia de país “em desenvolvimento”.

Por conseguinte, acredita-se que neste quadro de etapas apresentados por Germani (levando em consideração que ele escreve final de década de 1960), hoje, pode-se acrescentar uma quinta etapa que pode chamar-se “alta modernização”.<sup>97</sup> Como fatores exógenos, pode-se apontar os projetos neoliberal, a globalização, o ideal hegemônico norte americano. Hoje, vivemos na lógica da economia e do mercado global. Período de intenso desenvolvimento “técnico-científico-informacional”<sup>98</sup>. Vivemos em um país urbanizado, com mais de 80% da população vivendo em áreas urbanas, e uma enorme desigualdade social. Período da redemocratização em toda a América Latina, e eleições democráticas total, com representantes do “povo” no poder.

---

<sup>97</sup> O termo “alta modernização” foi inspirado na idéia de Giddens de que vivemos na “alta modernidade”.

<sup>98</sup> Termo empregado por Milton Santos (2005).

Quanto aos fatores exógenos, é preciso ter-se em consideração o cenário e os indivíduos aos quais estão interferindo. Pois, fenômenos iguais, em momentos históricos e temporais iguais, podem produzir efeitos diferentes.

Neste sentido, Milton Santos (2005), chama a atenção para o fato de que o Brasil, devido a sua grande extensão territorial, diversidade climática, geográfica e histórica, apresentará etapas de transição diferente, nas diferentes regiões brasileiras, principalmente no que tange ao processo da *Urbanização Brasileira*. A urbanização é um fenômeno *intrínseco* da modernização. Entretanto, o próprio modelo urbano e moderno da Europa, foi e vai sendo modificado, dependendo da conjunção de fatores políticos, econômicos e sociais de cada região.

Por isso, Milton Santos (2005), chama a atenção para o fato de que os períodos de estagnação ou dinamismo dos processos modernizantes em cada região brasileira devem ser analisados no processo histórico e de forma não generalizada. Sobre esta questão utiliza o exemplo da urbanização na Amazônia:

*Enquanto o território não é unificado pelos transportes, pelas comunicações e pelo mercado, e a urbanização não se torna um fenômeno generalizado sobre o espaço nacional, a simples comparação dos seus índices entre diferentes regiões e cidades pode levar a equívocos de interpretação. Por exemplo, em 1940, conforme já vimos, a taxa de urbanização da Amazônia era sensivelmente parecida à do Sul. Mas os nexos que estão por detrás desses números são bem diversos<sup>99</sup>.*

Tendo em consideração as peculiaridades de cada região brasileira, ou mesmo cidade do Brasil, desenvolve-se uma análise do processo de modernização na Cidade de Florianópolis.

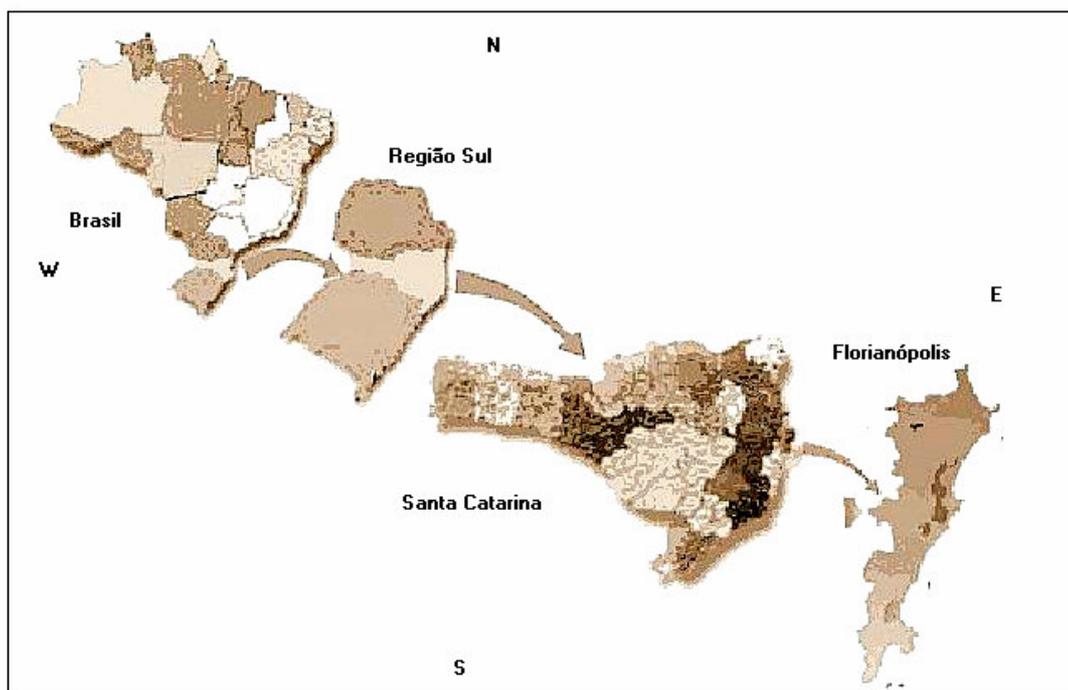
A capital do Estado de Santa Catarina, por diversos fatores apresenta um processo de modernização e urbanização descontínua, diferente do que ocorre nas cidades industrializadas.

O Município de Florianópolis está localizado entre os paralelos 27° 10' e 27° 50' de latitude sul e entre os meridianos 48° 25' e 48° 35' de longitude oeste.

---

<sup>99</sup> SANTOS, Milton (2005).

**FIGURA Nº 1 – Representação da localização do Município de Florianópolis**



Fonte: IPUF – 2003. In: CAMPOS, Édson Telê. p. 71

Florianópolis é um município dividido em duas porções de terra, sendo 97% em área insular e 3% em área continental. Atualmente, a ligação Ilha-Continente é feita por três pontes: Hercílio Luz, Colombo Salles e Pedro Ivo Campos (inauguradas em 13/05/1926 – 08/03/1975 - 08/03/1991 – respectivamente).

Dotada de incomensuráveis belezas naturais e características muito peculiares, “Nossa Ilha é dotada de tantos encantos que é capaz de criar, em cada ser humano que nela vier viver, uma mentalidade *sui generis*.<sup>100</sup>”

Florianópolis, em especial a área insular, sempre aduziu um certo “quê” de magia e sedução, vegetação abundante, praias paradisíacas e um jeito diferente de viver. Com razão nos diz Seidler (1825) que os naturais da Ilhas chamam-na o “jardim do Brasil”, “ela mercê [sic] esse nome pela sua luxuriante vegetação, seu clima temperado extremamente saudável, e as encantadoras vistas que se tem para longe, de quase todos os pontos”<sup>101</sup>.

<sup>100</sup> PEREIRA, Nereu do Vale. **Ilha de Santa Catarina – Portal do Atlântico Sul**. In: PEREIRA, Nereu do Vale (org). **Ilha de Santa Catarina: espaço, tempo e gente**. Florianópolis: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 2002. p. 33

<sup>101</sup> SEIDLER, Carl Friedrich Gustav (1825) In: HARO, Martim Afonso Palma de (org.) **Ilha de Santa Catarina**. Relato dos Viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. Florianópolis: UFSC, Editora Lunardeli, 1996, p. 280.

Segundo Scheibe (2002), Florianópolis historicamente apresenta um quadro de transformações geológicas, geomorfológicas e ambientais, com uma paisagem diversificada, vê-se por todos os lados “maciços e morros com vertentes escarpadas ou mamelonadas”, além das “planícies costeiras com terraços mais elevados e mais rebaixados, várzeas, feixes de arco praias, dunas, lagoas, depressões úmidas” e a “faixa litorânea composta por praias, costões, baixios e manguezais”<sup>102</sup>

Mesmo sendo o palco de grandes transformações, principalmente devido a ação humana, a Ilha mantém o poder de encantar os olhos e o coração dos homens e mulheres que por ela passam. E quem um dia já passou por Florianópolis, seja a trabalho ou de passeio sempre quer voltar. Segundo levantamento da Santur, desde o ano de 2000, cerca de 95% dos turistas, declaram que pretendem voltar no próximo ano.

No entanto, antes de ser considerada a Capital Turística do Mercosul, Florianópolis passou por um processo histórico de modernização bastante peculiar, conforme já mencionada.

Devido à sua posição geográfica e localização, Florianópolis desenvolveu-se inicialmente como ponto estratégico militar e como área portuária. “A Ilha de Santa Catarina é a última do Atlântico, ao sul, até o Prata, de considerável tamanho e habitável, usufruindo assim de invejável posição estratégica para navegação...”<sup>103</sup>

Por muitos anos, desde o descobrimento, o litoral catarinense, em especial a Ilha de Santa Catarina serviu de porto para os primeiros exploradores e navegadores; serviu como porto de abrigo, abastecimento e estadia, para os navios e seus tripulantes que seguiam em expedição, principalmente ao sul e em sentido ao Rio da Prata.

Somente em 1673 é que Dias Velho funda a Póvoa de Nossa Senhora do Desterro. Sendo elevada a condição de vila em 1726.

No entanto, a população da ilha mantém-se bastante reduzida, conforme descreve Frézier, em 1712 a Ilha contava com apenas 147 “brancos”, alguns “negros” e “índios”. É, somente ente os anos de 1748 e 1756, que realmente começa a era de povoamento da Ilha.

---

<sup>102</sup> SCHEIBE, Luiz Fernando. Aspectos Geológicos e Geomorfológico. In: PEREIRA, Nereu do Vale (org). **Ilha de Santa Catarina: espaço, tempo e gente.** Florianópolis: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 2002. p. 48

<sup>103</sup> PEREIRA, Nereu do Vale. **Desenvolvimento e modernização: um estudo de modernização em Florianópolis.** Florianópolis: Lunardelli. [198?].p. 13.

Devido ao grande fluxo de embarcações e as constantes invasões Silva Paes, tratou de fortificar a Ilha “fazendo construir fortalezas cujos remanescentes são as de Anhatomirim, Ponta Grossa, Ratoles, Santana e Barra do Sul”. Mas, não bastavam fortificações era necessário pessoas, assim,<sup>104</sup>.

*O Brigadeiro Silva Paes, que estava em Santa Catarina como governador militar, incumbido de implantar todo o sistema de defesa da ilha, recebeu ordens para proceder a localização dos primeiros açorianos. No ano de 1748 chegou à Ilha de Santa Catarina a primeira leva de povoadores. Entre este primeiro transporte e o último, ocorrido no ano de 1756, cerca de 5.000 pessoas foram trasladadas do arquipélago de Açores para Santa Catarina. Esta foi a maior corrente imigratória sistemática até então dirigida para o Brasil<sup>105</sup>*

Com a leva de imigrantes açorianos, associadas aos já moradores de Desterro, fazendo parte deste povoado os escravos, índios e negros libertos foram fundadas as freguesias de Nossa Senhora das Necessidades, Santo Antônio e Nossa Senhora da Conceição da Lagoa. Posteriormente, no decorrer do século XIX, vieram famílias de alemães, gregos, sírios, libaneses que contribuíram com o aumento populacional, quando ocorreram a fundação das freguesias de Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão, de São João Batista do Rio Vermelho, de São Francisco de Paula de Canasvieiras e da Santíssima Trindade.

Neste período, Desterro tem seu comércio incrementado pela atividade portuária, “o interesse comercial, representado pelas transações com os navios que ancoravam na baía, fez da linha da praia o elemento que concentrou a população.”<sup>106</sup>

*O porto de Desterro foi, no século XIX, o mais importante porto da Província. Como entreposto principal, promoveu a acumulação de riquezas, criando uma próspera classe de comerciantes, armadores e agenciadores de navios. Em 1883, um grupo deles protestava contra os impostos sobre a importação. Eram os membros das firmas mais fortes da praça<sup>107</sup>.*

<sup>104</sup> PAULILO, Maria Ignez Silveira. **Terra à vista ... e ao longe**. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 1998, p. 58.

<sup>105</sup> SANTOS, Silvio Coelho do. **Nova História de Santa Catarina**. 2ª ed. Florianópolis: UFSC, 1977, p. 59.

<sup>106</sup> PELUSO JR., Victor Antônio. **Tradição e Plano Urbano** - As cidades portuguesas e alemãs no Estado de Santa Catarina. Florianópolis/SC: Comissão Catarinense de Folclore, 1953. p.6

<sup>107</sup> PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe**. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998. p. 25.

O porto exerceu grande importância para o desenvolvimento do núcleo central de Nossa Senhora do Desterro, origem do atual município: no século XIX, “a frequência de navios de passageiros no porto promoveu, também, o aparecimento de hotéis, estalagens, pensões, restaurantes, bem como de um comércio ambulante de comidas que freqüentava os trapiches e as ruas centrais<sup>108</sup>”

No mesmo período, as ruas centrais começaram a ser pavimentadas, surgiram algumas normas urbanizadoras (como obrigatoriedade de cercar os terrenos, fazer calçadas) e o primeiro sistema de iluminação pública (1837), com candeeiros de azeite de peixe ou baleia. As melhorias urbanas estavam associadas ao fluxo crescente da população, advindo com a atividade do porto e os incrementos políticos de desenvolvimento da capital, tendo em vista que, em 1823, Desterro foi elevada à categoria de cidade.

No entanto, já no início do século XX, as atividades portuárias começam a entrar em crise, e, em 1970 o porto registra a entrada de apenas 15 navios. Vários foram os fatores que contribuíram para o declínio do porto, mas principalmente referem-se ao incremento tecnológico das grandes embarcações, bem como as ligações ilha-continente por sistema viário-terrestre, e a inauguração da Ponte Hercílio Luz em 1926.

Assim, as características portuárias predominantes em Desterro são abandonadas na Florianópolis do século XX; o porto deixa de existir. A “manutenção” de Florianópolis passou a se dar basicamente graças ao crescimento do setor público, à injeção de recursos federais e estaduais e à pequena produção agrícola e industrial.

Com a construção das rodovias federais e estaduais (décadas de 1950-60), no estado de Santa Catarina, e o crescimento do setor público, o comércio passa a ser a principal atividade econômica de Florianópolis, utilizando-se dos sistemas viários.

A implantação da Universidade Federal de Santa Catarina (1961), da Eletrosul (1974-75), da Celesc e outras empresas estatais, impulsionam o crescimento populacional, e, conseqüentemente, a expansão dos bairros periféricos da ilha e do continente.

Nos anos de 1970, o desenvolvimento da economia do turismo desencadeia um processo rápido de ocupação e urbanização em sentido aos balneários, e neste contexto se insere o bairro dos Ingleses.

Atualmente, a economia de Florianópolis está calcada basicamente no setor terciário, de prestação de serviços, comércio, turismo e construção civil.

---

<sup>108</sup> PEDRO, Joana Maria. (1998), p. 26.

Neste breve histórico, desde a colonização e o povoamento da Ilha, percebe-se o processo lento de descontínuo de modernização de Florianópolis.

Nereu do Vale Pereira, na obra *Desenvolvimento e Modernização* seguindo o mesmo modelo de análise de Germani, igualmente identifica quatro etapas no processo de modernização de Florianópolis. No entanto, obedecendo uma ordem cíclica, entre períodos de prosperidade ou modernização e períodos de crise ou estagnação.

Nereu do Vale Pereira, identifica como “o primeiro surto de desenvolvimento”, o período desde a chegada do Brigadeiro Silva Paes em Desterro (1738) até a invasão espanhola em 1777. Neste período a “cidade se solidifica amparada na construção civil” e no aumento da população. Além das fortificações são construídas, a Casa do Governo (1740), a Igreja Matriz (1753), o Paço Municipal – atual Prefeitura (1771) e o edifício dos Artigos Bélicos (1775). “Para uma pequena vila a edificação de tanto prédios, representou a primeira revolução econômica”<sup>109</sup>, pois fomentou a produção e o comércio de materiais para a construção.

O cotidiano também, sofre importantes transformações, pois os açorianos trazidos para o litoral catarinense, trazem consigo seus costumes e tradições,

*Alinham-se as técnicas de pesca, o folgado do ‘boi-na-vara’, o carro-de-bois, a olaria utilitária e decorativa, a ‘renda de bilro’, os ‘pão-por-Deus’ – como manifestações de literatura popular, as danças (geralmente denominadas fandangos), as festividades do ciclo do Divino espírito Santo, além evidentemente, do grande substrato lingüístico*<sup>110</sup>.

Depois de um período de estagnação, inicia-se uma nova fase de prosperidade (1830-1880), uma nova onda de construções, o índice de construção de residências sobre de 14 para 40 ao ano, e a população apresenta uma taxa no crescimento populacional de 2,48% ao ano. O Mercado Municipal é construído (1851), considerado o primeiro prédio “moderno” da ilha. Inicia-se o período de modernização política e emergem algumas atividades literárias e culturais. Os cidadãos maiores de 21 anos e que tivessem certo nível de renda tem direito ao voto. E, em 1826 Santa Catarina passa a ter um representante no Senado. O telégrafo foi instalado em 1871, quando Desterro passa a estar ligada ao Mundo.

<sup>109</sup> PEREIRA, Nereu do Vale. (198?), 49.

<sup>110</sup> PIAZZA, Walter Fernando e HÜBENER, Laura Machado. **Santa Catarina: história da gente.** Florianópolis: Editora Lunardelli, 1983. p. 37.

Após, novamente, um “curto período de estagnação”, aproximadamente 20 anos. A terceira fase da modernização acorrerá no início do século XX, quando o mundo experimenta uma fase de transformações, as transações internacionais, início da Primeira Guerra Mundial. Estes fatores aumentaram o movimento marítimo, beneficiando o porto de Florianópolis, e conseqüentemente reverberando em um expressivo processo de modernização.

Pereira, argumenta que em Florianópolis “mais uma vez é a construção civil o suporte econômico básico que sustenta e alimenta o processo”.

No entanto, acredita-se que mais do que a própria construção civil, os fatores exógenos, acima exposto, tem maior impacto no cenário mundial e em Florianópolis. Igualmente, visível que as construções são apenas marcos dos vários processo da modernização, a modernização na saúde (Maternidade Carlos Correia – 1920) , na educação (Liceu de Artes e Ofícios – Escola Técnica; Colégio Catarinense – 1906; ampliação do Colégio Coração de Jesus e primeira Escola Normal do Estado – 1922); a modernização dos serviços públicos abastecimento de água, usina hidroelétrica; modernização do traçado urbano demarcação e construção ruas, avenidas e traçados e a importante obra de ligação Ilha-Continente a construção da Ponte Hercílio Luz; além de outras reformas no Palácio do Governo e Catedral.

O impulso da modernização nesta fase, principalmente, no que refere-se ao ambiente moderno, exige que as pessoas também sejam modernas. Em 1920 Florianópolis apresenta uma população urbana maior que a rural, representando o declínio da agricultura e da atividade pesqueira, as casas da “cidade” vão sendo modernizadas (é uma forma de mostrar o “ser moderno”), as pessoas têm a oportunidade de estudar.

A ligação Ilha-Continente e o declínio das atividades do Porto modificam significativamente o modo de vida do insulano. Portanto, mais do que a modernização das construções, os processos estende-se por todos os âmbitos vida do nativo.

*A farinha de mandioca foi desaparecendo e substituída pela farinha do Continente, cultivada em terras mais produtivas e com engenhos mecanizados. Igualmente, as frutas, legumes e verduras, passam a ser cada vez mais importadas, em detrimento da produção local.*<sup>111</sup>

---

<sup>111</sup> CECCA/FNMA - Centro de Estudos Cultura e Cidadania. **Uma cidade numa ilha:** relatórios sobre os problemas sócio-ambientais da Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Insular, 1996, p. 58.

Algumas festas tradicionais vão perdendo o seu significado, como o caso da Festa da Laranja, na Trindade, uma vez que não se produz mais laranjas na Ilha.

O declínio das atividades do porto, também irá traduzir-se em formas de trabalho moderno, os assalariados, trabalhadores da construção civil, dos estabelecimentos comerciais, com isso a pesca artesanal, maior representação das tradições insulares, vai perdendo espaço.

Segundo o olhar de Pereira, na década de 1940 houve uma “aguda parada” no processo de modernização. No entanto, é nesta década que ocorre a maior concentração urbana, apresentando uma taxa de crescimento urbano de 71,3%.

Como quarta fase de modernização, Pereira identifica as décadas de 1950 e 1960, “provavelmente a sociedade florianopolitana passa, a partir de 1950, a viver uma nova etapa no seu desenvolvimento”, emergem as primeiras tentativas de rompimento com a “sociedade tradicional”, tendo em vista que mentalidade rural ainda predominava. A ampliação dos serviços públicos chega as residências, energia elétrica nas casas, água encanada, tudo isso vai modificar definitivamente as vida do insulano, refrigeradores, fogões elétricos, lâmpadas e eletrodomésticos.<sup>112</sup>

O ambiente estava preparado, e desta fase em diante, o processo de modernização foi cada vez mais intenso. Novamente o grande impulso de modernização da educação e profissionalização, Instalação da Faculdade de Filosofia, Odontologia, Farmácia e Bioquímica, Medicina e Serviço Social. Modernização do serviço público, implantação da Universidade Federal de Santa Catarina (1962), da Eletrosul (1974-75), da Celesc e outras empresas estatais; novo impulso no crescimento populacional, e a expansão dos bairros periféricos da ilha e do continente.

Assim, mesmo que Florianópolis desde o início do século XX<sup>113</sup>, começa a perceber o processo da “modernização”, quando a “iluminação elétrica ia substituindo o antigo sistema a querosene ou gás, e os bondes puxados a burros”<sup>114</sup> vão sendo substituídos pelos veículos automotores. É na década de 1970, que o processo de modernização torna-se mais intenso, contínuo e extenso, atingindo todos os recantos da Ilha.

---

<sup>112</sup> PEREIRA, Nereu do Vale (198?), p.61-4.

<sup>113</sup> Instalação do serviço público de esgoto sanitário (1906/1913); abastecimento de água (1906); montagem da linha de Bonde (1906/1910); abertura da Avenida Hercílio Luz; instalação de escolas como o Liceu de Artes, Colégio Catarinense (1906) e a construção da Maternidade Carlos Correia (1920); representam alguns fatores que corroboraram no processo de modernização da cidade.

<sup>114</sup> CECCA/FNMA. (1996).

A economia do Turismo, provavelmente teve grande reflexo para este processo. Pois com toda esta abertura ao turismo, as áreas naturais da ilha começam ser exploradas, e reverterem-se em capital. No entanto,

*as conseqüências foram imediatas e devastadoras ao patrimônio natural e cultural. Os encantos mais ermos da Ilha começaram a ser cortados por estradas e loteamentos, e as tradicionais e decadentes comunidades agrícola-pesqueira transformaram-se em balneários [...] encostas e periferias foram sendo intensamente ocupadas por populações mais pobres.*<sup>115</sup>

Mas, se na parte central da Ilha o processo de modernização foi gradual, em alguns balneários como Ingleses o desenvolvimento foi recente e intenso. “Nos locais em que o processo de urbanização iniciou mais tardiamente, este tem sido, em geral, mais intenso, mais rápido, agressivo, e de caráter declaradamente mercantilista”<sup>116</sup>.

É neste contexto e utilizando os pressupostos teóricos aqui arrolados, que analisar-se-á o *processo de modernização* na Praia dos Ingleses, um bairro na Ilha de Santa Catarina, que em menos de quatro décadas foi bastante transformado, reorganizando o coletivo em novas sociabilidades e novas territorialidades. Tendo em vista que, a modernidade somente pode ser, entendida na sua dimensão histórica enquanto processo contínuo e inacabado.

Todas as transformações sócio, econômica e ambiental ocorridas em Florianópolis e em especial na Praia dos Ingleses (objeto de estudo) têm provocado fortes mudanças no comportamento e no cotidiano dos ilhéus.

Pretende-se compreender com as pessoas no seu cotidiano percebem o processo de modernização? Como percebem a aceleração dos dias atuais, em relação às formas de vida tradicional? Quais as “táticas” para adaptarem-se à nova organização social, da vida moderna? Se mudou, o que mudou?

---

<sup>115</sup> *Idem*, p. 59.

<sup>116</sup> LAGO, Mara Coelho de Souza. **Modos de vida e identidade. Sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1996, p. 71.

## CAPITULO II

*Eles também querem um lugar sob a luz<sup>117</sup>.*

*Hoje tá tudo à vontade da gente. Hoje, tá muito melhor, muito, muito melhor. A gente passou sacrifício. Hoje, tá muito melhor as coisas. (...) Agora tem tudo, agora o super é uma cidade tem de tudo que você quer<sup>118</sup>.*

### “Tempos Modernos” – Indicadores da modernidade

Os sinais dos tempos modernos. A aventura de viver no mundo moderno pode ser percebida, entendida e compreendida sob diversos pontos de vista e expressões. O célebre filme de Charlie Chaplin, *Tempos Modernos*, produzido em 1936, aborda questões do mundo moderno, exploração do trabalho humano, trabalho repetitivo, vigiado, controlado por horários, além de apresentar as condições de vida em uma cidade industrial na época. O autor brilhantemente apresenta alguns aspectos da relação humana e o inumano, as contradições do processo na vida das pessoas. Sob a lente do cineasta vemos de forma sarcástica uma grande crítica acerca da influência da Revolução Industrial e a vida humana.

Destarte, ser moderno é “entrar” no “turbilhão da vida moderna”; para Berman, a modernização é criar “novos ambientes humanos”; é inserir-se nas estatísticas do “crescimento urbano” e nos “sistemas de comunicação de massa”; é implementação e modernização de obras públicas; é participar do processo de produção capitalista e da globalização cultural, social e econômica – modificando as relações tempo e espaço; portanto “é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos”.<sup>119</sup>

---

<sup>117</sup> BERMAN, Marshall (2006), p. 174.

<sup>118</sup> Dona Helena (entrevista realizada 01/03/2006).

E, na Praia dos Ingleses, quais são os indicadores da modernização? Como se desenvolvem? Sob que circunstâncias? Impulsionados por quem ou por quê? Quem são seus Faustos? Qual é o atual cenário da localidade?

Sem dúvida, as pessoas que vivem na Praia dos Ingleses, estão inseridas no “turbilhão da vida moderna”, do “eterno” vir a ser.

Os dados sobre a localidade e o ambiente material, variam ano a ano; os muros, casas e ruas modificam-se constantemente; a população aumenta vertiginosamente, a cada ano novos estabelecimentos comerciais de serviços são construídos. O processo é contínuo e intenso. O atual cenário da localidade é complexo, contraditório e fugaz.

Difícilmente em processos tão fugazes consegue-se narrar minuciosamente todo processo, comumente ficam lacunas. Assim, sem a pretensão de descrever “o todo”, o processo de modernização na Praia dos Ingleses, o objetivo deste capítulo é apresentar dados históricos e aspectos relevantes do atual cenário da Praia dos Ingleses, principalmente os que referem-se aos indicadores da modernização.

É importante ressaltar que a estrutura de apresentação dos dados, sobre o processo de modernização na Praia dos Ingleses, é apenas um formato de análise, o que não significa que os processos sejam lineares ou causais. Reiteramos que os processos podem ser simultâneos e sincrônicos, mesmo que interdependentes.

---

<sup>119</sup> BERMAN, Marshall (2006), p. 16.

## 1. Indicadores da Modernização na Praia dos Ingleses

Praia bela, areia branca e limpa, águas cristalinas e azuis, estas são as principais características e atributos utilizados para divulgar a Praia dos Ingleses, nos inúmeros *sites* de turismo no Brasil e no Mundo<sup>120</sup>.

As belezas naturais da Praia dos Ingleses sempre foram, e continuam sendo o seu “cartão postal”. Crispim Mira (1920) refere-se à Praia dos Ingleses dizendo que não existe no país nenhuma outra praia com tamanha beleza,

*Mas a praia dos Ingleses não é attraente [sic] unicamente na sua alvura, extensão e consistencia, onde poderão juntos, deslizar dez automóveis, e nem somente no seu propicio mar. Ella [sic] tem, ao demais, o encanto dos comoros em enormes e alvíssimos blocos de 5 a 8 metros de altura, numa linda superfície branca que se estende até a praia do Santinho, comoros esses cuja conformação se modifica conforme a direção do vento*<sup>121</sup>.

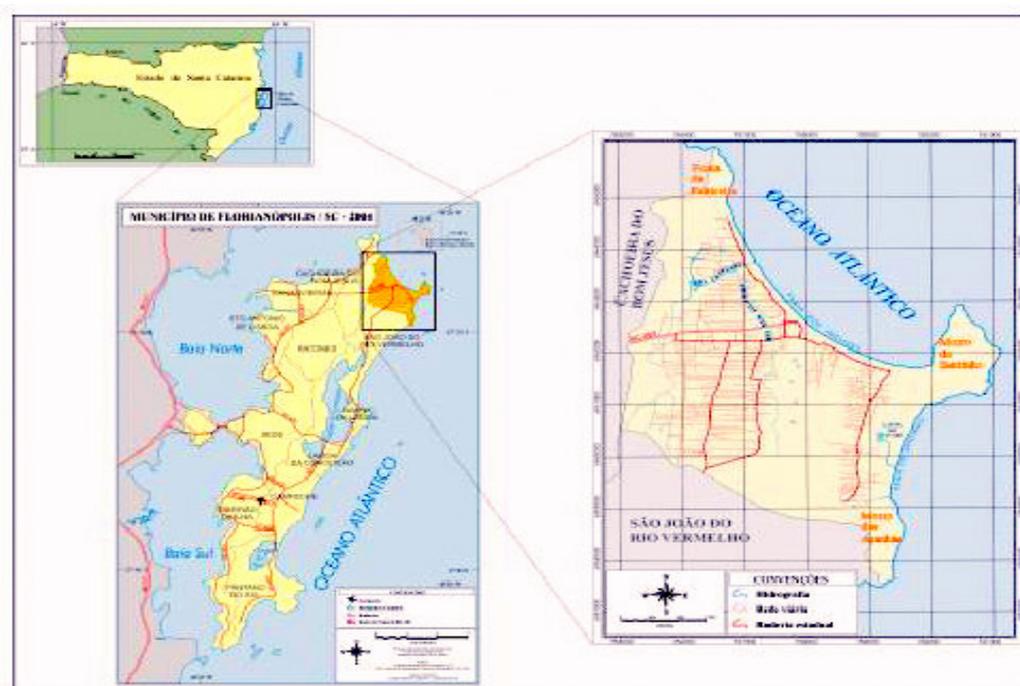
A Praia dos Ingleses localiza-se na costa leste, ao norte da Ilha de Santa Catarina, Distrito de Ingleses do Rio Vermelho, município de Florianópolis, Estado de Santa Catarina. Situa-se entre os paralelos 27° 25' e 27° 30', de latitude sul, e os meridianos 48° 20' e 48° 25' de longitude Oeste, limitada ao norte e a leste pelo oceano Atlântico, ao sul pelo Distrito de São João do Rio Vermelho e a oeste pela praia da Cachoeira do Bom Jesus.

---

<sup>120</sup> Acesso ao *Google* dia 12/11/2006. - Existem aproximadamente **194.000.000** resultados *Google* para **turismo**. Sendo que, destes: - Existem aproximadamente **21.400** resultados *Google* para **turismo "Praia dos Ingleses"**. A influência da tecnologia da informação no mercado do turismo de Florianópolis será detalhada mais adiante.

<sup>121</sup> MIRA, Crispim. **Terra catharinense**. Florianópolis: Moderna, 1920, p.64. Crispim Mira, foi advogado e jornalista catarinense, diretor e proprietário do jornal *Folha Nova*, de Florianópolis.

**FIGURA Nº 2 – Representação da Localização da Praia dos Ingleses**



Fonte: IPUF – Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis

Possui uma extensão litorânea de 4,83 km, demarcada a oeste pelo Morro das Feiticeiras e a leste pelo Morro dos Ingleses. Dentre as 42 praias da Ilha de Santa Catarina é a segunda maior em extensão, Moçambique é a primeira com 7,50 km de extensão.

A paisagem da Ilha de Santa Catarina apresenta basicamente, duas unidades geomorfológicas, os maciços rochosos e as serras litorâneas e planícies costeiras. Na parte insular, existem também, conforme descreve Lago (1996)<sup>122</sup> dois grande “bolsões de dunas”, um à leste, na Lagoa da Conceição e outro que se estende da praia do Moçambique até a praia dos Ingleses (subdivide-se no “bolsão de dunas” do Santinho), como uma área de aproximadamente 953,3 hectares.

<sup>122</sup> LAGO, Paulo Fernando. **Florianópolis: a polêmica urbana**. Florianópolis: Palavra Comunicação, 1996, p. 227.

Consoante análise realizada por Ferreira (1999), o “bolsão de dunas” Moçambique-Ingleses, apresenta dois tipos de dunas, “dunas fixas” e “dunas ativas ou móveis”. É, nas dunas fixas onde crescem a vegetação de restinga, com o predomínio das plantas herbáceas, que ajudam na fixação das dunas, situando-se nas laterais das dunas ativas.<sup>123</sup>

O movimento eólica nesta região dunar sem obstáculos, transforma a paisagem constantemente. Além, dos belos “bolsões dunares”, a Praia dos Ingleses, também foi presenteada pela natureza, com o melhor aquífero da Ilha. Grande parte do farto manancial de água pura encontra-se na região de dunas.

A diversidade e a beleza natural da Praia dos Ingleses constituem-se em patrimônio natural inestimável, atraindo atualmente quase 600 mil turistas durante o período do verão. Segundo dados da Santur, no ano de 2006, 70% dos turistas que vieram para Florianópolis, referiram-se as belezas naturais da região, como o maior atrativo turístico (importante perceber que em este número representava cerca de 82% no ano de 2000).<sup>124</sup>

Para chegar à Praia dos Ingleses, hoje, existem duas vias de acesso, as rodovias estaduais SC 401 e 403 (ambas pavimentadas, somente a primeira é duplicada), num percurso de aproximadamente 35 km ligando-se ao centro de Florianópolis. Outra possibilidade de acesso é a rodovia SC 406 via Rio Vermelho, passando pela Lagoa da Conceição e o Bairro do Itacorubi.

A Praia dos Ingleses faz parte do Distrito de Ingleses do Rio Vermelho. O Distrito surge com desmembramento do Distrito de São João do Rio Vermelho, a 4 de dezembro de 1962, pela lei nº. 531. O distrito possui uma área de 20,47 km<sup>2</sup>, composto pelas praias de Ingleses, Brava e Santinho e as localidades de Capivari e Aranhas. Ingleses, anteriormente estava integrada à Freguesia de São João Baptista do Rio Vermelho, um dos seis núcleos mais antigos da Ilha de Santa Catarina, fundado desde a Resolução Régia de 11 de agosto de 1831.

---

<sup>123</sup> FERREIRA, Tânia M. Machri. **Distrito de Ingleses do Rio Vermelho** - Florianópolis, um espaço costeiro sob a ação antrópica. Florianópolis, 1999. Dissertação de Mestrado (Geografia). UFSC.

<sup>124</sup> Dados disponíveis no site: [www.santur.sc.gov.br](http://www.santur.sc.gov.br). SANTUR - Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Esporte.

Em mil novecentos e oitenta e cinco, o Plano Diretor de Balneários, declara como *Área Especial de Interesse Turístico* nove balneários da Ilha de Santa Catarina, sob a lei nº 2193/85, e dentre estes está o Distrito de Ingleses do Rio Vermelho<sup>125</sup>.

As mudanças na legislação municipal, contribuem para o processo de modernização da localidade, tendo em vista que estas modificam tanto a dimensão territorial, como a forma de utilização do solo e a economia – deixando de ser uma área predominantemente rural, passando a caracterizar-se como área urbana voltada para o turismo.

O crescimento do setor turístico provocou um aumento populacional tanto de pessoas atraídas pelo lazer e o sossego, quanto de pessoas à procura de oportunidades de emprego e melhores condições de vida.

A população fixa do Balneário dos Ingleses, assim como em outros balneários turísticos da Ilha, como Canasvieiras, Barra da Lagoa e Lagoa da Conceição, que igualmente vem aumentando rapidamente, tem como propensão dois fatores mais relevantes: primeiro, porque os promissores balneários, em expansão, oferecem oportunidades de emprego em atividades da construção civil e na área de prestação de serviços. O segundo grande fator de grande atração é a divulgação nos meios de comunicação, referindo-se a Florianópolis como a Capital do País com melhor qualidade de vida, conduzindo famílias inteiras ao dito “paraíso”. “Assim, muitos cidadãos e famílias, originárias de diversas partes, passam a residir nestes recantos, indiferentes ao fenômeno turístico, ou sem relações com o mesmo”<sup>126</sup>.

O turismo é um fenômeno do mundo moderno, e está associado à “economia do lazer” e do “tempo livre”<sup>127</sup>. Normalmente, desenvolvem-se em regiões que apresentam atrativos culturais, naturais e climáticos, tais como: cidades antigas com monumentos históricos, cidades ou localidades que preservam antigas tradições, locais com belas paisagens ou regiões de nevascas.

---

<sup>125</sup> Os Distritos declarados como área de turismo na Ilha de Santa Catarina, pela Plano Diretor 2193/85, são: Santo Antônio de Lisboa, Ratonas, Canasvieiras, Cachoeira do Bom Jesus, São João do Rio Vermelho, Lagoa da Conceição, Ribeirão da Ilha e Pântano do Sul.

<sup>126</sup> LAGO, Paulo Fernando (1996), p. 273.

<sup>127</sup> Sobre a economia do “lazer” e do “tempo livre” ver: ANTUNES, Ricardo - **Adeus ao Trabalho?** Ensaio sobre as Metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo, Ed Cortez. 2 ed. 1995. CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1982. De MASI, Domenico. **O Futuro do Trabalho**. Fadiga e ócio na sociedade pós-industrial. Brasília, Editora UnB, 1999. TOURAINE, Alain. Tempos livres, participação social e inovação cultural. In.: **A sociedade post-industrial**. Moraes editores, Lisboa, 1970, p. 209-243. GORZ, André. Trabalho, Lazer, Cultura. In.: **O Socialismo Difícil**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1968, p. 134-140.

O mercado do lazer expandiu-se por todo o mundo, principalmente com modismo dos parques temáticos e modismo do turismo ecológico. No entanto,

*... o chamado tempo livre é, em boa medida, um tempo também submetido aos valores do sistema produtor de mercadorias e das suas necessidades de consumo, tanto materiais, como imateriais... (...) O tempo livre atualmente existente, é tempo para consumir mercadorias, sejam elas materiais ou imateriais. O tempo fora do trabalho também está fortemente poluído pelo fetichismo da mercadoria<sup>128</sup>.*

Sem dúvida que, as atividades de lazer e o turismo, na maioria das vezes reclamam algumas transformações e adaptações, no sentido de atender as necessidades materiais e imateriais dos turistas. Mesmo em lugares onde se desenvolve o turismo ecológico ou temático, ocorre o processo de novas acomodações e intervenções no espaço geográfico e nos costumes locais, para poder desempenhar sua nova função.

Deste modo, a implementação do turismo, exigia dos empreendedores (públicos e privados) a "criação" de um "produto" que assegure seu lugar no mercado do turismo. Neste sentido, Lafant (1980) observa que,

*o produto turístico é uma combinação de elementos heteróclitos: os serviços (alojamentos, restaurantes, transportes e serviços anexos, especialmente de lazer), os objetos culturais (os patrimônios culturais, artísticos, o folclore, as festas), as particularidades geográficas (as paisagens, os lugares) e muitos elementos menos palpáveis, tais como hospitalidade, a ambiência, as curiosidades étnicas, os costumes, etc... Esses diferentes elementos são amalgamados dentro de um 'produto' que é em suma um pacote de serviços e de imagens sedutoras<sup>129</sup>.*

Em Ingleses o primeiro "produto" turístico está relacionado às suas particularidades geográficas e belezas naturais, bem como os costumes locais, os serviços foram amplamente desenvolvidos para dinamizar o processo turístico.

---

<sup>128</sup> ANTUNES, Ricardo - **Adeus ao Trabalho?** Ensaio sobre as Metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo, Ed Cortez. 2 ed. 1995, p.29

<sup>129</sup> LAFANT, M.-F. (1980) Introduction: Le tourisme dans le processus d'internationalization. Revue Internationales des Sciences Sociales. v. XXX, n. 1, p. 25 In: MARTINS, João Batista. **Marolas antropológicas** identidades em mudança na Praia do Santinho. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1995. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)

Inicialmente, as terras destinadas à agricultura transformaram-se em mercadoria. Nas décadas de 1960 e 1970, primeiros anos de loteamento, o baixo valor das propriedades atraiu empreendedores privados e veranistas do centro de Florianópolis. O produto farto na comunidade tornou-se rentável para os “nativos” dos Ingleses, que até então, pouco contato tinham com o mundo moderno capitalista, mais propriamente dito, com o dinheiro.

O dinheiro representou para a comunidade dos Ingleses, importante “desencaixe dos sistemas sociais”, para a transição do mundo tradicional para o mundo moderno<sup>130</sup>.

Por “desencaixe dos sistemas sociais”, Giddens (1991:29) alude como “deslocamento das relações sociais de contexto locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço.” Ou seja, refere-se mais propriamente à separação do tempo e do espaço, próprio da sociedade moderna (Bauman, 2001, Giddens, 1991, Habermas, 2002).

*O dinheiro é um exemplo dos mecanismos de desencaixe associado à modernidade (...) O “dinheiro propriamente dito”, entretanto, é obviamente uma parte inerente da vida social moderna bem como um tipo específico de ficha simbólica. Ele é fundamental para o desencaixe da atividade econômica moderna. (...) é essencial às transações distanciadas que eles envolvem. Ele é também, como salienta Simmel, essencial à natureza da posse e alienabilidade da propriedade na atividade econômica moderna<sup>131</sup>.*

Neste sentido a legislação contribui para abertura da nova economia local, transformar extensas áreas rurais (fundamentada na economia de subsistência) em balneários (turismo). Para os “antigos” moradores da Praia dos Ingleses, as propriedades era o único bem de que dispunham para comercializar. A circulação do dinheiro com a venda das propriedades, foi a primeira possibilidade de suplantar o *status* à que estiveram destinados por longos anos.

Seu Raul comparando as condições em que viviam alguns anos atrás e considera que dentre os maiores benefícios da modernização foi:

*Atualmente, eu acho que melhorou um pouco né, principalmente a estrutura do bairro e a ... as condições que foi criado, as possibilidades, porque hoje tem mais possibilidade de ganhar dinheiro entendeu. Porque hoje você vê que até casca de laranja*

---

<sup>130</sup> GIDDENS, Anthony (1991), p.29.

<sup>131</sup> *Idem*, p. 33-34.

*you win money, in that era nothing was sold. Only fish or meat, or... nothing was sold anymore, now iron is sold, aluminum is sold, everything is sold. It created many opportunities to win money, because of this. In the era, in the era that I was a boy, you had to work, or then fish. Work in fishing or then arrange another service, more, as a peddler, or work in the salt, understood. Because up to there in the center the job was also difficult.*

O dinheiro para as pessoas que tiveram a aventura de viver à margem do mundo moderno capitalista, em condições muito “modestas”, passa a ter uma conotação de maravilhamento. Os moradores mais velhos dos Ingleses constantemente fazem alusão do modo de vida “antes” e “depois” de ter dinheiro circulante; referindo-se a questões muito simples do seu cotidiano, como a qualidade e variedade dos alimentos, no tipo de construção das casas, na facilidade para aquisição de bens materiais, em fim tudo aquilo que o dinheiro na sociedade capitalista pode comprar.

*Today, our houses are rich people's houses. Sometimes I say, oh my God in heaven. I, today, am putting on my table, as I never did, thanks to God. I don't want to say that I am rich, that I do more than the others. But what I did and what I am doing now is a big difference. A double difference.<sup>132</sup>*

O dinheiro transforma a vida das pessoas abrindo inúmeras possibilidades de participar do mundo moderno, bem como transforma o seu entorno. A modernidade tudo transforma, no entanto, é no ambiente material, nas coisas, nos símbolos e na forma de organização do ambiente, que o efeito transformador da modernidade pode ser visto a “olho nu”, não necessitam muitas investigações ou “lentes” de pesquisador para perceber onde está o “moderno”.

Com o dinheiro circulante e necessidade de atender os turistas, a organização do Balneário vai sendo modificada e alterada rapidamente, estradas são traçadas, ruas e servidões vão surgindo espontaneamente. As propriedades rurais transformaram-se em lotes, calçadas, bares, hotéis, ruas e casas iluminadas, postos de saúde e escolas, a paisagem está em constante transformação, aparente nas edificações. Os estabelecimentos comerciais e de serviços se multiplicam. A pequena comunidade de pescadores, perdida no norte da Ilha de Santa Catarina torna-se um próspero balneário.

---

<sup>132</sup> Dona Helena (entrevista realizada 01/03/2006).

Mara Lago ressalta que o processo de modernização, desencadeado pelo turismo, sem o devido planejamento urbanístico e social, pode apresentar sérios problemas ambientais e sócio-culturais. “A própria urbanização que o turismo promove, com a construção das instalações necessárias ao lazer, o uso dos recursos, a concentração demográfica, constitui-se em ameaça de agressões à paisagem”, podendo provocar inclusive o ocultamento ou desaparecimento dos recursos turísticos<sup>133</sup>.

Desenvolver-se e transformar-se em uma “cidade”, parece ser o ideal humano e ambiental dos Ingleses. Pois, “A supremacia da cidade como ideal sobre a vida rural está entrelaçada com os significados das palavras. Desde o tempo de Aristóteles ‘cidade’, para os filósofos e poetas representou a comunidade perfeita.”<sup>134</sup>

Toda e qualquer comunidade para atingir o “ideal”, precisa exhibir alguns símbolos e representações típicas de uma “cidade”. Cada cultura desenvolve seus próprios símbolos e representações de cidade; para a comunidade dos Ingleses, os símbolos urbanos estavam associados aos modelos arquitetônicos e de infraestrutura urbana do centro de Florianópolis. Com o propósito de um dia ser como a cidade do Rio de Janeiro que atraía turistas do mundo todo o ano inteiro.

---

<sup>133</sup> LAGO, Mara Coelho de Souza. **Modos de vida e identidade**: sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Editora da UFSC, 1996. p. 71

<sup>134</sup> TUAN, Yi-fu. (1980), p. 172

## 2. Infra-estrutura urbana e os serviços modernos

Cada coletividade elabora símbolos urbanos específicos.

Conforme expressa Yi-fu (1980) um símbolo urbano pode ser uma construção utilitária ou um monumento.

A coletividade da Praia dos Ingleses não construiu símbolos urbanos monumental, atribuindo à exuberância da natureza seu maior cognome. Por outro lado, para os moradores dos Ingleses os símbolos urbanos estavam associados às construções de infraestrutura urbana, o acesso ao comércio e prestações de serviços. Construir estradas, dispor de meios de transporte e comércio local, fornecimento de energia elétrica, são os símbolos urbanos de “progresso” e “melhorias”, para esta comunidade.

A Praia dos Ingleses, hoje, é um dos balneários da Ilha de Santa Catarina com melhor infraestrutura urbana, para atender ao turismo.

Corroborando, neste sentido a pesquisa realizada por Marilú May (1993), sobre a *Implantação de obra públicas em comunidades tradicionais*, verificou que no caso dos Ingleses os moradores apontaram: a instalação de energia elétrica, água e esgoto, estradas e ruas, telefonia e os equipamentos sociais (por ordem de importância ou necessidade) como as obras públicas que exerceram maior influência em suas vidas.

Não restam dúvidas, que a distribuição de energia elétrica revolucionou o mundo, a partir do século XIX. A nova tecnologia, a eletricidade, aumentou substancialmente de sua vida útil do ser humano e permitiu que os homens produzissem novas invenções. Em Florianópolis até meados da década de 1950 o sistema de energia elétrica era bastante precário. As Centrais Elétricas de Santa Catarina – CELESC foi criada em 9 de dezembro de 1955 pelo decreto estadual nº 22, assinado pelo governador Irineu Bornhausen. O investimento no setor elétrico era fundamental para o desenvolvimento da Capital. No entanto, somente no final da década de 1960 que o fornecimento de energia chega a Praia dos Ingleses, em 1967.

Para a comunidade dos Ingleses este foi um acontecimento memorável, ao qual lembram com muita alegria. A festividade de inauguração da luz aconteceu em frente a casa do José Fernandes (nas proximidades, onde hoje é o centrinho dos Ingleses). Dona Tarsila conta que no dia da “inauguração da luz, nós cantávamos e batíamos palma: ‘Tá, tá, temos luz. Tá, tá, temos luz’. Era tola, né, era boba, tola (ironizando). Daí botamos luz na nossa casa, porque os vizinhos todos botaram luz. Mas nós tínhamos luz e tínhamos “pomboca”\*.

A “pomboca” permaneceu por alguns anos “acessa”, pois, no início o abastecimento era instável, comumente faltava luz, então era preciso recorrer ao “antigo” sistema de iluminação. Entretanto, após algumas reformas e ampliações nas estações, o abastecimento de energia nos Ingleses hoje é satisfatório e constante, atendendo não somente os moradores fixos o ano inteiro, com atende a elevada demanda turística no verão. As “pombocas” ou “lâmparas” não existem mais.

Com a iluminação pública, a luz nos interiores das residências, muitas coisas mudaram, e como observa Alcântara que viveu na época em que não tinha energia elétrica “com a luz elétrica veio outras coisas, aí já veio o rádio, a televisão, já veio outros...”, além de ter apagado as “antigas” lenda e histórias do lugar.

*Eu peguei ainda a época que ainda não tinha luz. Não tinha luz. E tinha as histórias que o pessoal conta, a gente já pegou pouco as histórias, tipo luz de bota, tipo ... outras histórias que tem aí. (...) depois, veio a luz elétrica e acabou. Ela aparecia antes da luz elétrica, se ela tem algum mistério é a partir daí.*

Além de todos os equipamentos eletro-eletrônicos advindos com a modernidade, outro equipamento importante que chegou à comunidade dos Ingleses, foi o motor da bomba de água movido à eletricidade. O bombeamento de água pelo motor, permitiu a instalação água encanada nas residências, e conseqüentemente os banheiros.

Atualmente, a Companhia Catarinense de Água e Saneamento, CASAN, é responsável pelo abastecimento de água potável na Praia dos Ingleses, bem como nas demais praias da região norte e em 208 municípios, beneficiando, conforme informações da própria CASAN cerca de, 94,22% da população de Santa Catarina. A CASAN passa a administrar o sistema de abastecimento de água potável à população catarinense somente a partir de 1971.

---

\* Ver explicação de “pomboca” na p. 125.



Segundo levantamento do IBGE, Censo de 2000, cerca de, 75% dos domicílios particulares permanentes dos Ingleses estão ligados à rede geral de abastecimento de água, no entanto, 25% das residências ainda mantêm o sistema de poços artesianos ou nascentes. O sistema de abastecimento público de água potável para a população dos Ingleses provém do aquífero da própria região. A água captada através de 22 poços artesianos, localizados na região do Sítio de Capivari, no Distrito de Ingleses e Distrito do Rio Vermelho, abastece os Distritos de Rio Vermelho, Ingleses, Santinho, Ponta das Canas, Canasvieiras, Jurerê, Daniela e Ratonés.

Quanto ao sistema da rede de esgoto, provavelmente este seja um dos maiores problemas ambientais de Ingleses, tendo em vista que, 98% dos domicílios particulares permanentes utilizam-se da fossa séptica ou fossa rudimentar (IBGE 2000 – 91,26% e 6,89% respectivamente) para esgotamento sanitário.

É importante observar, a grande contradição que envolve as questões abastecimento de água e saneamento básico nos Ingleses, tendo em vista que, a região comporta o maior fornecedor de água potável da Ilha, no entanto, é neste mesmo lugar que o poder público não determina providências emergenciais de saneamento básico. As obras da Estação de Tratamento de Esgoto – ETE, de responsabilidade da Casan, iniciada em 1999 devem ser concluídas até setembro de 2007.

As conseqüências poluidoras do lençol freático já são percebidas pelos nativos hoje, principalmente, quando é preciso fazer um novo poço artesiano. Alcântara conta que antes era possível encontrar água limpa com uma ponteira de quatorze ou quinze metros, “hoje para tu conseguir água limpa aí, tens que ir a quarenta, quarenta e poucos metros”.

Mesmo assim, Seu Mário, diz que os benefícios advindos com a modernidade foram positivos para a comunidade dos Ingleses, pois “as pessoas que estão aqui, tem o direito a isso, em adquirir ao menos os benefícios materiais que a sociedade vai construindo. A luz elétrica, a água encanada, tudo isso foram aquisições muito boas para a comunidade.” Ele argumenta dizendo que a vida ficou mais fácil, diminuiu a mortalidade infantil e tirou a comunidade do isolamento.

Neste contexto, a construção da rodovia SC 401 e o advento do transporte urbano também, são importantes símbolos urbanos para os antigos moradores dos Ingleses, símbolos de conexão do bairro com centro, o caminho para sair do isolamento de séculos. Rapidez e agilidade no deslocamento, se antes dos Ingleses ao centro levava-se cerca de

dez horas de caminhada, hoje de carro, são apenas 30 minutos. E, para quem não tem carro, como o caso da Dona Helena, “o ônibus, agora para na porta”.

A obra de construção da atual rodovia SC 401 teve início nos anos 1960, no entanto a obra foi concluída somente em 1973, no Governo de Colombo Salles, quanto igualmente foi construída a rodovia SC 403, trecho que liga a rótula de Canasvieira à Estrada Dom João Becker (Estrada Geral dos Ingleses). A obra contribuiu para a expansão urbana e turística da Praia dos Ingleses, facilitou o acesso e melhorou o sistema de transporte coletivo, que era bastante precário, devido às más condições do sistema viário.

*Não tinha carro, os ônibus vinham, mas a estrada era barro. Para passar aquele morro lá, com chuva, todo mundo saltava do ônibus, colocava correntes nos pneus para poder subir aquele morro lá. Patinava muito, não sei como não caía no buraco. É, aquele tempo era assim, saía de manhã e voltava à noite, não tinha quase condução. A gente ia para o centro daquele jeito.*<sup>135</sup>

O primeiro o ponto de ônibus no bairro era no início da Antiga Rua dos Ingleses, hoje denominada Rua João Nunes Vieira (conforme lei municipal nº 4320/94). Depois, o ponto de partida passou a ser em frente à Escola Gentil Mathias. Somente na década de 1970, quando houve a ligação entre a Estrada Geral dos Ingleses e a Estrada Geral do Santinho, o ônibus passou a atender toda a extensão das duas comunidades: Ingleses e Santinho. Ou seja, o transporte coletivo no interior do bairro foi acompanhando a “evolução” do sistema viário.

Atualmente, a população dos Ingleses, dispõe dois tipos de transporte urbano coletivo – ônibus convencional e microônibus -, os dois sistemas fazem parte da Empresa Canasvieiras Transporte LTDA concedidos pela Prefeitura Municipal de Florianópolis. A Empresa Canasvieiras atua em todo norte da Ilha de Santa Catarina, inserido no Sistema Integrado de Transportes, através do Terminal de Integração de Canasvieiras (TICAN), interligado pelas linhas de ônibus convencionais dos bairros. O Transporte Executivo, que atua no bairro é feito por microônibus com ar condicionado e sem pontos de parada fixo.

---

<sup>135</sup> Seu Oswald (entrevista realizada em 15/05/2005).

Segundo dados da Prefeitura Municipal de Florianópolis, a Canasvieiras Transportes atua com uma frota bastante moderna, com carros novos (média 4 anos) e bem equipados (alguns carros da linha convencional tem ar condicionado), totalizando 92 ônibus convencionais e 15 microônibus-executivos. No entanto, mesmo a Empresa Canasvieiras atuando com um sistema de transporte totalmente “moderno”, existem muitos conflitos entre a população e a empresa, que não consegue atender eficientemente a demanda populacional do norte da Ilha, que segundo projeção do SUS, conta com aproximadamente 65 mil habitantes.

Quanto aos demais símbolos urbanos, mais referendados pelos “antigos” moradores dos Ingleses podemos destacar o atendimento médico, acesso a educação, e a segurança pública.

A medicina popular foi perdendo seu espaço. As benzedadeiras e as parteiras praticamente não são mais procuradas, foram substituídas por médicos e pelas maternidades. Os “chazinhos”, “benzeduras”, “dosas”, “garrafadas” e “simpatias” foram substituídos por medicamentos industrializados.

Os moradores da Praia dos Ingleses atualmente dispõem no bairro, duas unidades públicas de atendimento à saúde e três clínicas privadas (as clínicas privadas dispõem de alguns equipamentos sofisticados, como radiografia, ultra-sonografia e médicos especialistas).

Quanto às duas unidades públicas, uma faz atendimento em horário regular, das 08:00 as 12:00 e das 13:00 as 17:00 horas. E, a grande maioria dos atendimentos enquadra-se no CID-10 (Classificação Internacional de Doenças e de Problemas Relacionados à Saúde)<sup>136</sup>. Esta unidade de saúde ou posto de saúde atende basicamente para exames de rotina de saúde de crianças, hipertensão essencial, exame de rotina pré-natal, na Medicina de Família, Odontologia, Programa Capital Criança, Vacinação, Teste do Pezinho, Preventivo do Câncer. O número de atendimentos no primeiro quadrimestre de 2006 aumentou muito se comparado com o ano de 2001. Em 2001 o posto atendeu 219 a 1.003

---

<sup>136</sup> A classificação mais utilizada nas estatísticas de saúde é a Classificação Internacional de Doenças e de Problemas Relacionados à Saúde - CID, atualmente em sua décima versão. Este é um caso em que o sistema estatístico nacional adota a mesma classificação utilizada internacionalmente (International Classification of Diseases and Related Health Problems – ICD -10). A Classificação foi aprovada pela Conferência Internacional para a Décima Revisão em 1989 e adotada pela Quadragésima Terceira Assembléia Mundial de Saúde. Informações disponíveis no site [http://www.pmf.sc.gov.br/saude/unidades\\_saude/morbidade\\_cid10/](http://www.pmf.sc.gov.br/saude/unidades_saude/morbidade_cid10/)

pacientes por mês, enquanto que no primeiro quadrimestre de 2006 o número de atendimentos foi entre 1.417 e 1.811<sup>137</sup>.

O Pronto Atendimento - PA, outra unidade de saúde pública do bairro, localiza-se no antigo Posto de Saúde dos Ingleses, ao lado da Delegacia de Polícia, com atendimento 24 horas, atende casos de urgência e emergência, tendo a disposição uma ambulância para transporte de pacientes até o hospital mais próximo, caso haja necessidade de atendimento mais especializado.

Seu Oswald percebe nitidamente as mudanças no comportamento em relação aos novos métodos de tratamento de saúde, e comenta:

*Hoje em dia tá doente corre para a farmácia, naquele tempo tava com uma gripe, era chá de cachaça. Caipirinha, fazia de limão com cachaça, essas coisas que a gente fazia para matar a gripe. Hoje não, tem um guri pequeno com uma gripe, vai para a farmácia. Oh! Agora deu gripe em mim, eu fui me vacinar. Me vacinei lá no centro.*

O mesmo aconteceu com o processo de modernização no sistema de educação do bairro dos Ingleses. Nos últimos 30 anos o sistema educacional nos Ingleses apresentou uma expansão considerável, passando de três escolas isoladas, para uma creche pública, dois NEIs (Núcleo de Educação Infantil) e duas Escolas Básicas (uma nos Ingleses e uma no Santinho respectivamente) e uma escola estadual, além de uma escola profissionalizante de duas escolas particulares com educação infantil e ensino fundamental, sendo que uma tem o ensino médio completo.

No entanto, a estrutura do sistema educacional do Distrito ainda não é democrática, pois não existem vagas suficientes para atender a demanda escolar, que, segundo projeção do SUS, deveria atender aproximadamente sete mil crianças e adolescentes em idade pré-escolar e escolar, conforme distribuição etária, 5% menores de 1 ano, 21% com idade entre 1 e 4 anos, 24% idade entre 5 e 9 anos e 50% entre 10 e 19 anos.

---

<sup>137</sup> Sistema de Informação RAAI/RAAC - Relatório Ambulatorial de Atendimento Individual / Relatório Ambulatorial de Atividades Coletivas. <http://www.pmf.sc.gov.br/saude>

A Escola Básica Municipal Gentil Mathias da Silva é a mais antiga do bairro,

*A Escola Básica Municipal Gentil Mathias da Silva iniciou suas atividades no ano de 1954 como Escola Isolada. Em 1963 passou à Escola Reunida, dez anos depois em 1973 passou para Grupo Escolar. Esta unidade escolar teve três momentos de ampliação, nos anos 1975, 1980 e 2002. Atualmente atende 674 alunos em dois turnos. Destes 13 turmas de 1ª a 4ª série e 15 turmas de 5ª a 8ª série.*<sup>138</sup>

As escolas com educação seriada e graduada é um processo educacional que surge na modernidade. Segundo Petitat (1994) os primeiros colégios organizados com graduação sistemática apareceram nos Países Baixos, e eram mantidos pela comunidade humanista dos Irmãos de Vida Comum.

*A partir do final do século XV, eles passam a repartir os seus alunos em seis ou sete classes sucessivas. A idéia abre caminho rapidamente, passando por diversas etapas. Nos primeiros tempos, são introduzidas somente três ou quatro divisões; depois, forma-se o hábito de destinar mestres a cada uma delas. Contudo, o ensino continua a ser ministrado em uma única peça, com as três classes reunindo-se em torno de seus mestres em pontos diferentes da sala. Na última etapa desta evolução são introduzidos tantos graus quantos anos de aprendizagem, e cada classe passa a ter seu local e seu mestre específico.*<sup>139</sup>

No Brasil, a história da implementação da escola primária graduada, como lugar-espço, foi um processo de *constructo* social, semelhante ao ocorrido nos outros países do mundo ocidental. O lugar que a escola deveria ocupar na sociedade foi um ponto de grande preocupação para os reformadores dos fins do século XIX e inícios do século XX; “coincidindo” com o processo de urbanização e higienização da cidade moderna que se instaurava na sociedade.

Seguindo o processo social e de estruturação da sociedade moderna, o projeto edifício-escola, visava atender as necessidades pedagógicas da escola graduada, bem como aos projetos urbanísticos de modernização, naquele momento histórico. Adquirindo assim, uma identidade própria no entorno social, para além de uma simples edificação urbanística, como observa Escolano (1998), “a escola, em suas diferentes concretizações, é um produto,

<sup>138</sup> <http://www.pmf.sc.gov.br/ebmgentilmathias/>

<sup>139</sup> PETITAT, André. **Produção da escola/produção da sociedade**: análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no Ocidente. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994, p. 78.

de cada tempo, e suas formas construtivas são, além dos suportes da memória coletiva cultural, a expressão simbólica dos valores dominantes nas diferentes épocas.”<sup>140</sup>

A “tradição cultural brasileira”<sup>141</sup>, bastante elitizada, durante todo o período colonial, pouco avançou nas questões culturais e educacionais, pois estava calcada na manutenção do *status quo*, de uma sociedade altamente hierarquizada e elitista. As poucas escolas públicas primárias existentes neste período da educação brasileira eram muito precárias e era praticamente de total responsabilidade financeira do professor. Sendo assim, é no bojo da difusão dos projetos republicanos e das discussões das idéias liberais vindas da Europa, que surge também os projetos de construção de escolas populares, dotada de significado e identidade, denotando características próprias à sua função.

A construção dos grupos escolares, significava um esforço de uniformização e padronização do ensino, expresso em edificações simétricas para os diferentes graus e sexos, como descreve Souza (1998) “Os primeiros grupos escolares compreenderam edifícios de dois pavimentos com oito salas de aula de mesmo tamanho, um para cada ano do curso preliminar de cada seção - feminina e masculina.”<sup>142</sup>

No entanto, desde a primeira fase da implantação da escola graduada no Brasil, inicialmente em São Paulo, já se podia perceber a divisão classista brasileira, tendo em vista que as instalações dos prédios escolares da rede de ensino público, apresentavam dois tipos de escolas primárias, a escola urbana graduada e a escola isolada, a segunda, frequentemente instalada em áreas rurais ou bairros distantes do centro.

Na Ilha de Santa Catarina, as primeiras escolas eram de iniciativas comunitárias, familiares e/ou religiosas. Mas, segundo Pereira (2002) é somente a partir do final do século XIX que se tem registros mais precisos sobre o sistema de educação na Ilha, “no ano de 1872 o Imperador Dom Pedro II, contrata o apoio técnico de estatísticos franceses para a realização de um recenseamento geral no País”<sup>143</sup>. Neste ano contava-se na Ilha cerca de 32

---

<sup>140</sup> ESCOLANO, Agustin. A arquitetura como programa. Espaço-escola e currículo. In: FRAGO, A & ESCOLANO, A. **Currículo, espaço e subjetividade, a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro, DP&A, 1998, p. 47. (19-47)

<sup>141</sup> FERNANDES, Florestan. A formação política e o trabalho do professor. In: org. CATANI, Denise Bárbara. MIRANDA, Hercília Tavares e outros. **Universidade, escola e formação de professores**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1998, p. 13-37.

<sup>142</sup> SOUZA, Rosa Fátima. **Templos de Civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998, p. 129.

<sup>143</sup> PEREIRA, Nereu do Vale. Uma panorâmica dos primórdios da Educação Escolar na Ilha de Santa Catarina. In: PEREIRA, Nereu do Vale ... [et al.], (org.). **Ilha de Santa Catarina: espaço, tempo e gente**. Florianópolis, Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 2002, p. 173.

escolas de ensino elementar, com um único mestre por escola, que preparavam aproximadamente dois mil alunos para as três séries primárias.

No entanto, é somente no início do século XX que surge a escola governamental e estrutura-se um sistema de ensino no Estado de Santa Catarina. Mesmo assim, no interior na Ilha, as áreas rurais mantêm o modelo de escola isolada, como o caso dos Ingleses.

O processo de modernização nos Ingleses foi tardio, porém muito rápido. Nos últimos trinta anos, apareceram escolas e postos de saúde, ruas foram abertas e pavimentadas, hotéis, pousadas e casas de veraneio foram construídos, as redes de instalação elétricas foram ampliadas, vários estabelecimentos comerciais e de serviço foram abertos. Inicialmente associado aos poucos estabelecimentos comerciais já existentes no Bairro dos Ingleses, surgem o comércio para os primeiros turistas, lojas, bares e restaurantes que abriam somente na temporada.

Atualmente, Ingleses perdeu a característica de Balneário somente voltado para o turismo, e apresenta amplo comércio e prestadoras de serviços, tais como: farmácias, postos de gasolina, bancos 24 horas, clínicas médicas, revenda de automóveis, auto-escolas, *pet shop*, salões de beleza, locadoras de vídeo, amplos supermercados, shopping, agências de turismo, lojas de materiais de construção, oficinas mecânicas, cursos de idiomas e oficinas de artes. Tudo funcionando o ano inteiro, atendendo não mais somente o turista na temporada, mas a elevada população fixa.

A falta de comércio local gerava alguns transtornos para os moradores do bairro, que precisavam deslocar-se até o centro da cidade para comprar coisas extremamente comuns aos nossos dias. Conforme lembra Seu Raul, naquela época, mesmo com todas as dificuldades de transporte precisavam ir constantemente ao centro:

*... para comprar alguma coisa para manter a casa. Porque aqui não tinha casa de material de construção, então se você queria alguma coisa referente a construção, você tinha que ir lá no centro. Tinha que ir lá no centro comprar, se queria um dobradiça para uma porta de uma casa, você tinha que ir lá no centro comprar, uma fechadura, qualquer coisa.*<sup>144</sup>

---

<sup>144</sup> Seu Raul (entrevista realizada em 03/10/2006).

A superação da dependência do centro da cidade gera certo deleitamento nos antigos moradores dos Ingleses, Dona Helena percebe a mudança admirada e diz que, antigamente “*Só tinha uma, duas venda, só. Agora é uma cidade. Aqui, quer ver ali naquele asfalto. Ali na pracinha para lá é uma cidade. Tem tudo. Oh! Rapariga, tem de tudo, tudo.*”

O problema de processos tão intensos, como o que aconteceu nos Ingleses, é que na maioria dos casos, não há o devido planejamento urbano, acarretando o uso inadequado e desordenado dos espaços citadinos. Na praia dos Ingleses, assim como acontece em algumas cidades desde a antigüidade, os bairros crescem sem nenhum controle, mas “por aglomeração natural”<sup>145</sup>, ou seja, sem o devido controle e organização do uso e ocupação do solo por parte do poder público.

Neste sentido, Candido Rego Neto, argumenta que:

*Os aspectos relativos ao uso e a ocupação do solo urbano que resultam em problemas ambientais (e culturais), estão intimamente associados à concentração de população no espaço e à omissão do Poder Público em exercer seu papel regulador e fiscalizador do processo de apropriação e construção do espaço da cidade. Cada espaço, por pequeno que seja, deveria ser tratado com a atenção...*<sup>146</sup>

A falta de planejamento urbanístico para o Balneário dos Ingleses, de forma a atender o imenso crescimento da população fixa e flutuante - turística na alta temporada, ocasionou um complexo emaranhado de ruas e servidões, que em sua grande maioria não se comunicam. Até meados da década de 1970, o sistema viário era bastante simples. Existia basicamente, três ruas principais de comunicação: uma de acesso ao centro, a Rua Intendente João Nunes Vieira, a Rua João Gualberto Soares que liga Ingleses ao Rio Vermelho e a Estrada Dom João Becker que liga Ingleses à praia do Santinho.

A Estrada Dom João Becker que liga Ingleses e Santinho, foi construída final da década de 1960, início de 1970, após reivindicações dos moradores locais.

*Nos anos 70 lutamos pela vinda da estrada, porque não tinha estrada até aqui, parava lá perto do centrinho, vinha caminhando pela praia. (...) Nos anos 70, final dos anos 60, eu acho, é, meu tio*

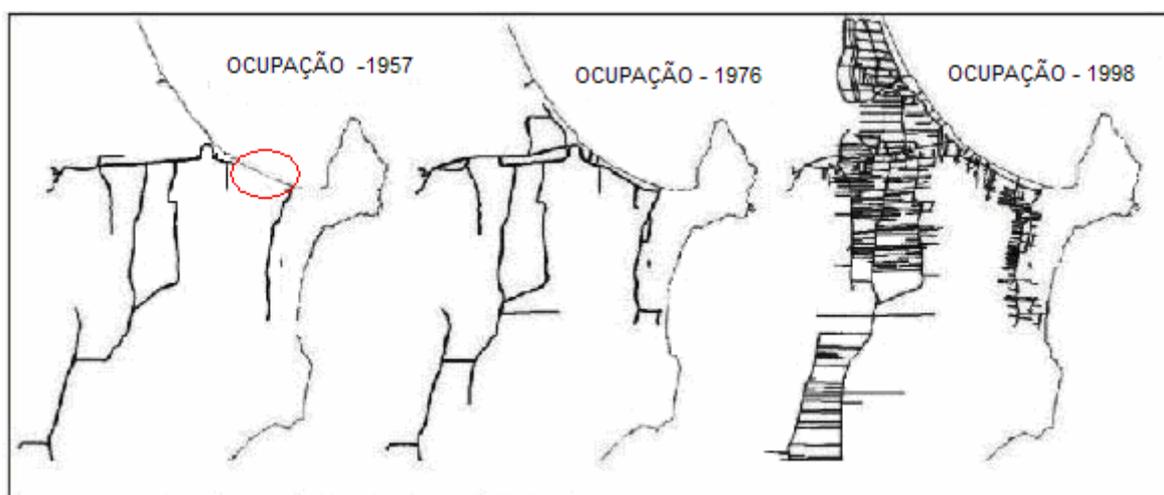
<sup>145</sup> TUAN, Yi-fu. (1980), p. 177.

<sup>146</sup> REGO NETO, Candido Bordeaux. **A integração de geoindicadores e reparcelamento do solo na gestão ambiental urbana**. Florianópolis: UFSC, 2003. p. 83-84 (Doutorado em Engenharia de Produção)

*era Vereador. Eu e ele fizemos aqui um abaixo assinado, com a população, e ele entrou com um projeto para fazer este corte de estrada. Aí foi aprovado, fizemos esta estrada para ligar a parte de lá com esta, aí que começou a ter transporte.*<sup>147</sup>

Final de 2005, Ingleses revelava a circunscrição de quase 300 ruas e servidões, sendo que 142 asfaltadas e 150 sem asfaltamento. Formatando um cenário bastante complexo e desordenado, não obedecendo nenhuma lógica urbanística, com um padrão viário ou modelo de quarteirões, passeios e avenidas.

**FIGURA Nº 3 – Representação do processo de ocupação entre os anos de 1957 e 1998**



**Fonte:** Rego Neto (2003), adaptado por Nopes (2006).

A forma de ocupação do espaço geográfico deu-se “aleatoriamente”, ou seja, sem um projeto urbanístico ou regulamentação prévia. As propriedades apresentam diversas dimensões e formatos, as calçadas ou passeios são irregulares; ruas e servidões são abertas pelos próprios moradores (com posterior aprovação na Prefeitura).

Diante do complexo e intenso processo de ocupação do espaço físico, muitas Áreas de Preservação Permanente - APP vão sendo ocupadas, tanto para abrigar as pessoas com menor poder aquisitivo (Favelas do Siri e Adão Reis – em área de dunas – “ilegal”) quanto para edificações turísticas (Complexo Turístico Costão do Santinho – em encosta de morros junto às inscrições rupestres – “legal”).

A organização do espaço está diretamente relacionada à “organização da vida cotidiana”. Segundo Certeau (1994), a vida cotidiana se organiza basicamente sob dois registros, pelo “comportamento” e pelos “benefícios simbólicos que se espera obter”.

<sup>147</sup> Seu Mário (entrevista realizada 23/01/2005)

*Os comportamentos, cujo sistema se torna visível no espaço social da rua e que se traduz pelo vestuário, pela aplicação mais ou menos estreita dos códigos de cortesia (saudações, palavras “amigosas”, pedido de “notícias”), o ritmo do andar, o modo como se evita ou ao contrário se valoriza este ou aquele espaço público.*<sup>148</sup>

O comportamento refere-se aos compromissos ou acordos estabelecidos informalmente para garantir “boa convivência”. Por outro lado, *os benefícios simbólicos que se espera obter*, nem sempre são visíveis, e aparecem de forma parcial ou fragmentada, e reverberam no modo como se “consome” o espaço público.

Conforme percebeu Durkheim<sup>149</sup>, a distribuição geográfica a grosso modo ocorre estabelecendo certa distribuição moral da população, cada divisão territorial tem certos usos e costumes, um vida que lhe é própria.

Por conseguinte, na Praia dos Ingleses, o espaço físico, também é organizado e dividido “simbolicamente”, de acordo com a “organização da vida cotidiana” e o uso que se faz do ambiente. Na orla estão a maioria dos hotéis e casas de aluguel para temporada.

À leste, em sentido ao Morro dos Ingleses (e início das Aranhas) encontra-se muitas propriedades de “nativos”, (é comum ter duas casas no mesmo terreno, uma casa para alugar na temporada e outra casa para morar). À oeste na orla (da pracinha em sentido ao Morro das Feiticeiras), estão a maioria dos edifícios, hotéis e condomínios destinados exclusivamente para veranistas e turista, é uma área com construções mais verticalizadas. E, na área denominada de Sítio, em sentido ao Rio Vermelho, é a região mais residencial, onde vive a maioria dos moradores permanentes.

---

<sup>148</sup> CERTEAU, Michel de. (1994) p 38 - 40 (morar, cozinhar)

<sup>149</sup> DURKHEIM, Émile. A Divisão do Trabalho Social. In. RODRIGUES, José Albertino (org). **Durkheim**. São Paulo: Editora Ática, 2004, p. 93.

Devido a algumas peculiaridades da localidade, como elevado aumento da população em época de veraneio e a “invasão” dos migrantes nos últimos 30 anos, a Praia dos Ingleses foi perdendo algumas características próprias do conceito de bairro. Antes, “não vinha ninguém de fora, agora tá cheio, né. Cheio, cheio, né. Quase não se vê ninguém daqui. Antes todos se conheciam, tudo, tudo.”<sup>150</sup>

O bairro, como um “palco” diurno, cujo personagens são, a cada instante identificáveis no papel que a convivência lhe atribui: a criança, o pequeno comerciante, a mãe de família, o jovem, o aposentado, o padre, o médico, máscaras e máscaras”, que cada pessoa reveste “para continuar usufruindo dos benefícios simbólicos”<sup>151</sup> deixam de existir para a grande maioria dos moradores do Ingleses. O entra e sai de pessoas nos Ingleses, transforma as relações sociais, as pessoas não têm mais uma “identidade” em relação ao outro, poucas pessoas se conhecem.

A idéia do “transeunte” passa a ser a regra, mesmo que este seja o seu “vizinho”. As pessoas não se sentem submetidos a convivência do bairro, principalmente o migrante. Esta atitude, conforme veremos no último capítulo, gera muitos conflitos sociais, principalmente no que se refere à falta de coesão social.

Nos últimos quarenta anos, Ingleses teve o número de habitantes octuplicado. Na década de 1960 Ingleses, contava com uma pequena população de 2.499, cuja principal forma de sustento estava fundamentada, no trabalho da pesca e agricultura.

Mas, quem são as pessoas que vivem hoje na Praia dos Ingleses? Quantas são? De onde vêm? Que relações espaciais se constroem neste lugar?

A idéia de “desenvolvimento” e “progresso”, em um lugar de tamanha beleza, seduz inúmeras pessoas que procuram melhor qualidade de vida, onde é possível associar trabalho, “tranqüilidade” e beleza natural.

---

<sup>150</sup> Dona Helena (entrevista realizada 01/03/2006).

<sup>151</sup> CERTEAU, Michel de . (1994), p. 51

### 3. O “nativo”, o “novo” morador e o turista

Dentre os múltiplos processos da modernização a explosão demográfica igualmente refere-se há um fenômeno da sociedade moderna.

O processo migratório que aconteceu em todo o Brasil, a partir da década de 1960, ocasionou significativo aumento da população nas Capitais. Neste período a região central de Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, também foi alvo dos movimentos internos do país. No interior da Ilha e na Praia dos Ingleses, entretanto, o processo migratório torna-se mais intenso somente na década de 1980.

O número de moradores da Praia dos Ingleses se manteve bastante reduzido até a 1980, contando nesta época com apenas 2.378 pessoas. Entre os anos de 1980 e 1991 a população dos Ingleses sofre um nítido crescimento, movimento confirmado pelos dados do IBGE. Conforme recenseamento do IBGE, no período de 1970 e 1980 o crescimento anual do Balneário dos Ingleses foi de 2,94%, enquanto que no Município de Florianópolis a taxa estava entorno de 3,11%. No período de 1980 e 1991 o cenário assume outras feições, a taxa do município cai para 2,38% anual, enquanto que a taxa do Balneário dos Ingleses eleva-se surpreendentemente para 7,32%.

A curva positiva do crescimento populacional é impressionante, e nos últimos dez anos a população quase triplicou.

Sobre esta questão é interessante perceber que segundo análise de Ferreira (1999), há uma falta de acompanhamento estatístico que responda ao *boom* populacional do Balneário na última década. O recenseamento realizado pelo IBGE no período 1991/1996 revelou um aumento populacional de cerca de 32%, obtendo no ano de 1996 uma população de 7.741 habitantes, entretanto, “estes dados discordam daqueles obtidos através do levantamento do número de ligações elétrica cadastradas na CELESC que, em junho de 1997 representava 8.831 ligações das quais 4.944 eram ligações em residências de não veraneio”. Multiplicando pelo número médio de 4 pessoas por família, obtêm-se a uma

população residente de 19.776. “Não se está acreditando aqui que este aumento quase triplicado, tenha ocorrido entre 1996 e julho de 1997.”<sup>152</sup>

Sendo assim, é difícil datar exatamente o fenômeno da ocupação mais intensa na Praia dos Ingleses, no entanto este dado corrobora com a perspectiva da falta de planejamento e acompanhamento do processo, e “Tudo que se faz sem planejamento vira um caos, e tá virando.”<sup>153</sup>

Corroborando a idéia de “caos”, Berman (2006) reflete como o turbilhão da cidade moderna pois, “o borbulhante tráfego da rua e do bulevar não conhece fronteiras espaciais ou temporais, espalha-se na direção de qualquer espaço urbano, impõe seu ritmo ao tempo de todas as pessoas, transforma todo o ambiente moderno em `caos`”<sup>154</sup>.

Outrossim, a falta de planejamento é visível através da ocupação desordenada do balneário e a falta de controle quanto às edificações imobiliária, aleatória à legislação e preservação do meio ambiente, natural e cultural.

Conforme projeção da Unidade Local de Saúde dos Ingleses, atualizada em outubro de 2006, residem hoje, na localidade aproximadamente vinte mil pessoas, divididas proporcionalmente por sexo (9811 homens e 9820 mulheres).

Mais de 50% da população local tem idade entre 20 e 49 anos e 7,5% estão com idade entre 50 e 59 anos. Os números apresentados revelam um elevado índice da população economicamente ativa - PEA<sup>155</sup>; se adicionarmos parte proporcional da faixa etária entre 10 a 19 anos, a população em idade de trabalhar representa cerca de 75%, do universo local.

<sup>152</sup> FERREIRA, Tânia M. Machri. **Distrito de Ingleses do Rio Vermelho** - Florianópolis, em espaço costeiro sob a ação antrópica. - Dissertação de Mestrado em Geografia. Florianópolis: UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.

<sup>153</sup> Alcântara (entrevista realizada em 10/10/2006)

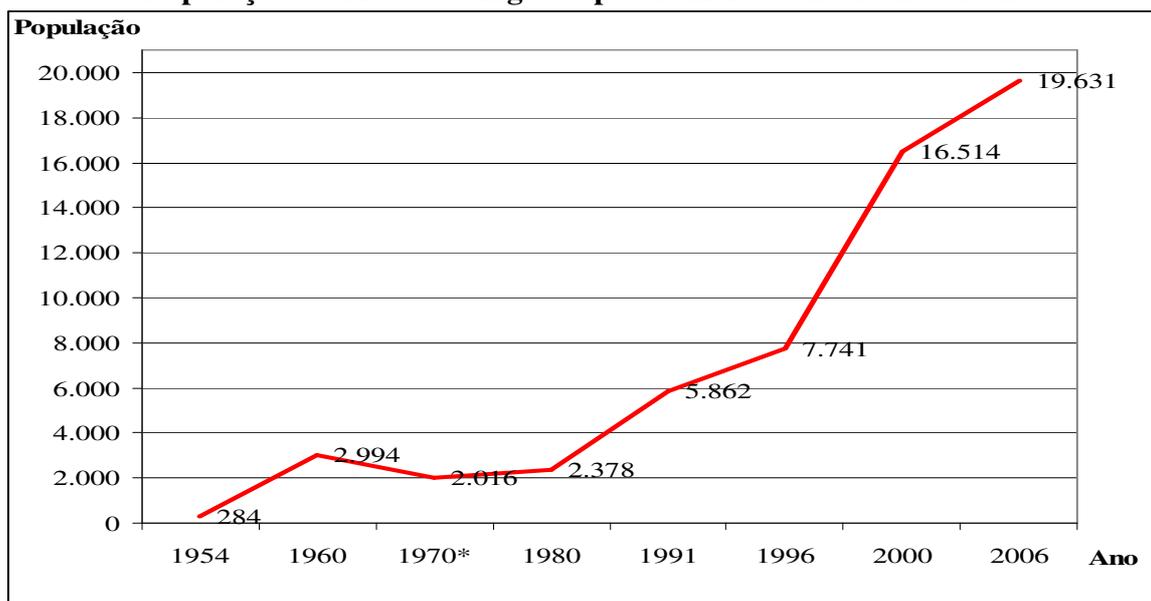
<sup>154</sup> BERMAN, Marshall (2006), p. 181

<sup>155</sup> População da Praia dos Ingleses por faixa etária

| 0 anos | 1 a 4 anos | 5 a 9 anos | 10 a 19 anos | 20 a 49 anos | 50 a 59 anos | acima de 60 anos |
|--------|------------|------------|--------------|--------------|--------------|------------------|
| 377    | 1480       | 1673       | 3511         | 9824         | 1484         | 1282             |
| 1,92%  | 7,53%      | 8,53%      | 17,88%       | 50,04%       | 7,56%        | 6,54%            |

Fonte: [http://www.pmf.sc.gov.br/saude/unidades\\_saude](http://www.pmf.sc.gov.br/saude/unidades_saude)- Censo Demográfico IBGE 2000 (Projeção 2006) - atualizado em outubro de 2006.

**Gráfico N° 1**  
**População da Praia dos Ingleses por número de habitantes x ano**



FONTE: IBGE

\* Número de habitantes após o desmembramento (1962) do Distrito

Basta dar uma breve caminhada pela orla da praia ou ir a um supermercado, para ouvir a pluralidade de dialetos e sotaques que existem no bairro - “Tu veio”, “viesse”, “você veio”, “tú viniste”. São gaúchos, nativos (minoría), paulistas, paranaenses, argentinos, uruguaios, pessoas do interior do Estado de Santa Catarina, todos convivendo em um mesmo espaço geográfico.

Segundo dados do IBGE, censo de 2000, Florianópolis revela uma população extremamente plural, devido à presença de pessoas naturais de todas as Unidades da Federação e do exterior. Cerca de um quinto (23%) da população da Capital Catarinense é migrante; destes a maioria são naturais dos estados vizinhos Rio Grande do Sul, Paraná (59,95%) e do Estado de São Paulo (14,48%), além da representatividade de imigrantes (4,22%), conforme vê-se na tabela abaixo:

**TABELA N° 1**

**População residente em Florianópolis, por lugar de nascimento**

| RS     | PR     | SP     | RJ    | MG    | Outras UF | Exterior | Total         |
|--------|--------|--------|-------|-------|-----------|----------|---------------|
| 31.524 | 14.897 | 11.214 | 6.356 | 2.293 | 7.875     | 3.269    | <b>77.428</b> |
| 40,71% | 19,24% | 14,48% | 8,21% | 2,96% | 10,17%    | 4,22%    | <b>100 %</b>  |

FONTE: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

O intenso movimento migratório para Florianópolis é percebido em todos os espaços do município, haja vista, que hoje, “a população nativa já não apresenta mais características dominantes e nem homogêneas – a integração com os que vêm de fora passa a produzir um novo quadro de relações globais.”<sup>156</sup>

A construção das rodovias SC 401 e SC 403 (1973) e a implantação do sistema de transporte urbano ampliaram o espaço das relações atingindo o centro da cidade. Assim como o advento do Aeroporto de Florianópolis Hercílio Luz (construído em 1974, elevado à categoria de internacional em 1995), e a construção da BR 101, deslocam-se as relações em âmbito nacional e internacional.

Poder participar da aventura do mundo moderno, relacionar-se com o mundo da cidade, representa uma grande oportunidade de superação do estereotipo negativo de ser “manezinho”, do “interior”.

Tendo em vista que, “todas as praias eram chamadas de interior da ilha. Hoje já tá perdendo a referência. (...) Antes era bem definido, era o centro, era lá no interior no Ingleses, lá no interior no Campeche, lá no interior Ponta das Canas, o interior da ilha. (...) nós éramos o manezinho, o interior da ilha eram os manezinhos”<sup>157</sup>.

Com o dinheiro, mesmo que pouco, os antigos moradores dos Ingleses, puderam melhorar suas residências, construir casas modernas, mais “bonitas” e mais confortáveis. A idéia de conforto aqui, pode ser comparada a idéia de conforto das pessoas que viviam nas cidades do interior da França no final do século XIX, “Para os ricos, o luxo tinha precedido o conforto. Para os pobres, a imagem do luxo de outras pessoas ocultava há muito tempo qualquer conceito de conforto.”<sup>158</sup>. No entanto, nem para os franceses do final do século, nem para os “antigos” moradores dos Ingleses, chegam perto do conforto do mundo moderno, tal como conhecemos hoje.

*Hoje, as nossas casas é casa de rico. As vezes eu digo, ao meu Deus do céu, eu hoje, estou botando a minha mesa, como nunca botei, graças a Deus. Eu não vou dizer que estou rica, que faço mais que os outros. Mas o que eu passei e o que eu estou passando agora, é uma grande diferença. O dobro da diferença*<sup>159</sup>.

<sup>156</sup> NUNES, Amarildo Marçal. **Considerações acerca da Pesca no Distrito de Ingleses do Rio Vermelho**. Florianópolis, Universidade federal de Santa Catarina, 1995. (monografia conclusão do Curso de Geografia).

<sup>157</sup> Alcântara (entrevista realizada em 10/10/2006)

<sup>158</sup> WEBER, Eugen. **França Fin-de-Siècle**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p.227.

<sup>159</sup> Dona Helena (entrevista realizada 01/03/2006).

O conforto para os “antigos” moradores dos Ingleses está associado, a questões muito básicas da sociedade moderna, casa de material, com mais divisões de peças (quartos, cozinha, banheiro e sala) como água corrente na torneira, energia elétrica, banheiro com chuveiro quente, fatores estes que modificaram definitivamente os “antigos” hábitos do mundo privado, conforme veremos no próximo capítulo.

Entretanto, a venda das propriedades possibilitou, além de melhor a qualidade de vida aos moradores locais, também facilitou a entrada de investidores e conseqüentemente de turistas.

As atividades econômicas pautadas na pesca e na agricultura, pouco oportunizaram a acumulação de riqueza, no entanto desde a vinda dos primeiros veranistas, na década de 1960, percebe-se o espectro do desenvolvimento econômico moderno, na Praia dos Ingleses.

Os veranistas na sua grande maioria, vindos do centro, comumente não são relacionados ao fenômeno do turismo, “naquele tempo não era pessoal de fora da cidade, era do Saco Grande, não é turista. Agora do Saco Grande é turista? Ali do Morro do Mocotó é turista? Também não.<sup>160</sup>”

Como neste período, a comunidade estava apenas iniciando sua relação com o mundo moderno, não dispunham de infraestrutura para atender o turista, o que fazia com que os primeiros “aventureiros” mantivessem uma relação mais direta com o “nativo”. Acabavam hospedando-se e fazendo as refeições na casa dos próprios nativos.

*Antigamente vinha meia dúzia de turista né. O primeiro turista as vezes almoçava ali em casa porque não tinha restaurante, não tinha nada né. E o turista era o funcionário público da cidade, era o pessoal da cidade, agora hoje não, vem do mundo todo. Vem não sei quantas mil pessoas, né.<sup>161</sup>*

Para atender um número tão elevado de turistas, é preciso uma grande infraestrutura urbana e de serviços, principalmente, no que diz respeito ao número de leitos, restaurantes, hotéis, estabelecimentos comerciais e área de lazer.

O Complexo Turístico Costão do Santinho, de propriedade do Empresário Fernando Marcondes de Mattos, teve como data de lançamento oficial, o dia 14 de janeiro de 1995. A construção de empreendimentos de tal magnitude, com *studios*, apartamentos

<sup>160</sup> Dona Tarsila (entrevista realizada em 03/05/2005).

<sup>161</sup> Alcântara (entrevista realizada em 10/10/2006)

de alto padrão, centro comercial, centro de convenções, *spa*, complexo esportivo, boate e campo de *golf*, visa atender especialmente o turista de alto padrão, principalmente, os vindo do exterior.

Mesmo que o “projeto arquitetônico” esteja estreitamente relacionado à “cultura portuguesa” da Ilha de Santa Catarina e arredores a interferência no lugar é inevitável. Conforme observa Prochnov (1999:31), a transformação do lugar é evidente, a ordem se altera e o espaço das relações toma dimensões indeterminadas. As práticas locais entram no cenário global, as relações turísticas que antes estavam relacionadas com os moradores do centro, hoje, atinge o âmbito global. O lugar e as pessoas do lugar comungam com múltiplos espaços.

Para explicar a dinâmica do espaço, ou “espaços” na sociedade moderna, Certeau (1994:202) conceitua espaço, dizendo que:

*Existe **espaço** sempre que se toma em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto de movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. (...) O espaço é um lugar praticado.*

As práticas do lugar mudaram, pessoas que viviam somente da pesca e da agricultura local tornam-se assalariados, vão trabalhar em hotéis, bares e restaurantes.

Os efeitos do turismo sobre os lugares que apresentam uma economia “atrasada”, comumente são mais intensos, e atingem todas as dimensões da vida cotidiana. Como analisa Weber (1989:224), para as comunidades de Nice e Cannes, Chamonix e Sables d’Olonne”, o turismo representou “um recurso importante”, uma “salvação”, principalmente quando a tradição da pesca esmorece. O mesmo pode ser percebido na comunidade dos Ingleses, quando a atividade pesqueira decresceu, a economia turística revelou-se importante fonte de rendimentos. Este movimento modifica todo o contexto.

No entanto, mesmo a Praia dos Ingleses sendo um dos mais importantes balneários turísticos da Ilha de Santa Catarina, com melhor infra-estrutura, algumas manifestações culturais e costumes permanecem. Por isso, a Praia dos Ingleses ainda é caracterizada como uma comunidade pesqueira, mantendo a atividade de pesca o ano inteiro - inverno e verão.

Algumas comunidades do litoral brasileiro mantêm o sistema de pesca artesanal – as comunidades pesqueiras – estas apresentam características próprias na “arte de pescar”. São classificadas pelo tipo de embarcação que utilizam, como: bateira, bote, canoa, baleeira, caíco, prancha, lancha treineira, emalhe chalupa, arrasteiro e barco<sup>162</sup> e pelo tipo de aparelho de pesca, o arrasto de camarões e a pesca com redes de emalhe (redes de fundeio, de volta, caça e emalhe caceio).

*Nas baías Norte e Sul da Ilha de Santa Catarina as principais pescarias são as de caceio para o camarão-legítimo e de emalhe para peixes. Em Florianópolis, a pesca de linha com zangarilho para captura de lulas é tradicional, assim como o é a pescaria de tainhas, através dos arrastões-de-praia, no período compreendido entre os meses de maio e julho. A pesca com a armadilha denominada cerco-flutuante, que permite a captura de espada, enchova, sardinhas e lulas, também é significativa em várias comunidades. As espécies mais capturadas são a tainha, parati, corvina, enchova, espada, lula, xerelete e camarão-legítimo. O município conta com empresas de pesca e fábrica de gelo.<sup>163</sup>*

**FIGURA Nº 4 – Pesca de Arrastão**



**Fonte:** Acervo próprio - 2007

<sup>162</sup> Em Florianópolis o tipo de embarcação mais comum é a canoa (128 canoas).

<sup>163</sup> FUNDAÇÃO PROZEE - FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DE RECURSOS VIVOS NA ZONA ECONÔMICA EXCLUSIVA. Nov/2005. Comunidades pesqueira de Florianópolis: Costa da Lagoa, Ingleses, Ponta das Canas, Armação Barreiros, Pântano do Sul, Abraão, Barra da Lagoa e Cachoeira.

No litoral Catarinense, as principais atividades econômicas das comunidades pesqueiras estão pautadas na pesca, turismo, serviços e agricultura.

Segundo relatório da Fundação PROZEE, dentre as comunidades pesqueiras de Florianópolis, Ingleses é a que apresenta melhor infra-estrutura de serviços comunitários e a mais populosa. Hoje, apenas 7,5% do peixe capturado em Florianópolis, ficam nas comunidades – 75% vai para a sede e 15% para outras localidades; enquanto que 100% do camarão vai para a sede.

No mesmo relatório é possível observar a inexistência de salgadeiras na Praia dos Ingleses.<sup>164</sup> As salgadeiras ou salgas, nas décadas de 1960 e 1970 eram a principal fonte econômica para os moradores de Ingleses.

Segundo, Seu Cassiano existem hoje nos Ingleses, cerca de 30 famílias de pescadores, no entanto, a maioria não sobrevive somente da pesca, “alguns tem casa alugada, outros a mulher trabalha (...) tem que ter ajuda de outro lado. Até que no verão ainda, a safra é melhor, mas no inverno é só tainha e corvina”.

A comunidade pesqueira dos Ingleses apresenta algumas características da pesca artesanal, no entanto, a “arte da pesca” não ficou, totalmente, à margem do processo de modernização. A modernidade conseguiu adentrar nas relações mais simples da vida do pescador. Seu Cassiano e Seu Guilherme percebem as facilidades e a segurança que a modernidade lhes proporcionou:

“Antes, o trabalho (da pesca) era mais difícil. Hoje, nós vamos pescar, e já levamos rádio, levamos o celular no bolso. Se o bote tá fora, o outro já sai daqui, e vai lá te pegar. Antes, não tinha isso. Daqui da praia o dono tá falando com a gente lá fora.”

O “antigo” rancho de pescador também foi “modernizado”. O empresário Fernando Marcondes de Mattos, interessado em manter a “tradição da pesca artesanal” como produto e atrativo turístico, construiu ranchos de pesca “modernos”.

---

<sup>164</sup> *Idem.*

**FIGURA Nº 5 – Pescadores entalhando redes**



*Seu Cassiano e Seu Guilherme estão entalhando uma rede de pesca de umas 300 braça de comprimento e 29 braças de altura, no novo rancho de pesca.*

**Fonte:** Acervo próprio - 2007

**FIGURA Nº 6 – “Antigo” rancho de pesca**



**Fonte:** *Canôa [sic] de voga para pesca – Praia dos Ingleses [sic]. In: Crispim Mira, p. 220.*

**FIGURA Nº 7 – Rancho de pesca de madeira e a canoa**



**Fonte:** Acervo próprio - 2007

Dois ranchos da Praia do Santinho, foram construídos junto ao Complexo Turístico do Costão do Santinho, que são utilizados pelos pescadores somente no inverno, durante a safra da tainha, no verão “são utilizados como restaurante do hotel de luxo”.<sup>165</sup>

Alguns ranchos de pesca da Praia dos Ingleses, também, são construções do empresário Marcondes de Mattos em uma parceria com ex-proprietário, Gentil.

*Aqueles galpão já, estavam meio baleado, já estavam querendo cair. Aí, o Marcondes comprou, fez negócio aí com o Gentil. A marina alí já é dele, né. (...) É aquele negócio tava querendo cair, aí... Eles fizeram quase uma troca né. Ele comprou aquele terreno, que era do Hélio, e fez o rancho lá, e Gentil negociou com ele aqui, parece. Para ele era mais interessante aqui que é mais perto da marina, né. Eles andaram querendo cortar a luz ai sabia? Eles queriam cortar a luz da marina e mais alguns que estavam irregular ai. Mas, não cortaram não sei porque. Eles não querem que faça negócio de restaurante, essas coisas assim. Não querem que aumenta aqui. Mas, se o cara vendeu, não pode fazer nada, fazer o que. Vendeu, trocou não pode fazer reclamação depois. Agora não dá mais, é do homem. Já tinha até ordem do juiz. **(Mas era o pessoal daqui que estava reclamando?)** Não, o pessoal daqui estavam reclamando, os pescadores, para não cortar, né. Eles não queriam que cortasse. Nós íamos ficar sem água e sem luz. E, nós quando puxa as embarcações tem que ter luz, senão como é que nós vamos manutenção quando puxa. Sempre tem alguma coisa para fazer, uma tábuia para trocar, um guincho para arrumar.<sup>166</sup>*

O “antigo” rancho de pesca de madeira foi destruído, no mesmo lugar construíram um “novo” com materiais modernos, tijolo rebocado, telhas francesa, pintado e arquitetado em estilo açoriano, para ficar em “harmonia” com a marina ao lado.

<sup>165</sup> PROCHNOV, Norberto de Jesus (1999), p. 32

<sup>166</sup> Seu Cassiano (entrevista realizada 04/02/2007)

**FIGURA N° 8 – Novo “Rancho”**



**Fonte:** Acervo próprio - 2007

O espaço da pesca e do pescador está totalmente modificado. O lugar “rancho de pesca” foi reconstruído e organizado para o “turista ver”. O espaço das relações que era praticamente uma exclusividade do pescador, e um universo masculino, hoje, é dividido com os turistas (homens, mulheres e crianças), bem como com os empresários locais.

Portanto, assim, como o “nativo” adaptou-se à vida moderna, o migrante e o turista, também precisam adaptar-se aos saberes e costumes do viver na ilha, e do modo de vida dos “antigos” moradores dos Praia dos Ingleses.

#### 4. Hibridação – “Manifestações do passado no presente”

O conceito “hibridação” parece ser mais apropriado para explicar o processo cultural na sociedade dos Ingleses, “onde as tradições ainda não se foram e a modernidade não terminou de chegar”<sup>167</sup>

Nestor Caclini (1998) compreende a hibridação como o processo que estabelece uma constante interação do local com redes nacionais e transnacionais. Para, Canclini, o termo hibridação é mais abrangente dos os termos “sincretismo” e “mestiçagem”, pois este pode ser empregado às diversas “mesclas interculturais”, permitindo incluir as formas modernas de hibridação, nisso consiste,

*A explicação de por que coexistem culturas étnicas e novas tecnologias, formas de produção artesanal e industrial, pode iluminar processos políticos; por exemplo: as razões pelas quais tanto as camadas populares quanto as elites combinam a democracia moderna com relações arcaicas de poder.*<sup>168</sup>

No processo de hibridação é possível observar moderno e tradicional no mesmo contexto, tendo em vista que, a modernização ainda não suprimiu por completo, todas as manifestações e cultos tradicionais.

À primeira vista, o lugar, o entorno, as coisas, tudo está modificado – moderno -, vê-se uma paisagem totalmente moderna. Entretanto, se lançarmos um olhar mais acurado, pode-se partilhar das manifestações e práticas relacionadas aos “antigos hábitos da comunidade”.

Conforme já mencionado, a Praia dos Ingleses, ainda é reputada como área de pesca artesanal marítima. Mesmo a pesca artesanal, não sendo mais o sustentáculo dos habitantes dos Ingleses, nos dois últimos anos (safra 2005 e 2006) tivemos o privilégio de ver as areias da Praia dos Ingleses “acinzentada”.

Somente no dia dezessete de maio de 2006, foram capturadas aproximadamente 40 toneladas de tainha, cerca de 23 mil peixes.

---

<sup>167</sup> CANCLINI, Nestor Garcia (1998), p. 17.

<sup>168</sup> *Idem* p.19

Praia lotada de peixe é atrativo turístico para uns, sustento e saudosismo para outros, principalmente, para aqueles que ainda vivem da pesca ou para aqueles já experimentaram a aventura de viver da pesca local.

**FIGURA Nº 9 – “A multiplicação das tainhas”**



**Fonte:** Folha do Norte da Ilha, 14/06/2006 - Fotógrafo: Gilberto Gonçalves

Dona Maria, esposa do Seu Ari, proprietário de rede de pesca, entre uma fala e outra, diz: *“A tainha chama a gente para a praia. Hoje em dia, a única coisa que mais chama a gente é o celular.”*

Outra manifestação da hibridação cultural na Praia dos Ingleses é o banho de mar. Para o turista que procura lazer em áreas litorâneas, banhar-se no mar é um atrativo fundamental e extremamente prazeroso. O mar da Praia dos Ingleses próprio para banho, por seu mar calmo e de água morna, hoje, é considerado um dos grandes atrativos.

O banho de mar como hábito popular ocorre no Brasil somente na segunda metade do século XX, conquanto, em alguns países da Europa a prática já existia desde o século XV. No Brasil o banho de mar popularizou-se e tornou-se um hábito, principalmente nas cidades turísticas do litoral brasileiro. Considerado uma prática urbana.

Inicialmente, a prática de banhar-se no mar gerou certo conflito na comunidade, Se Mário lembra que nos anos 60 algumas mulheres foram expulsas do bairro porque estavam usando maiô.

Dona Cecília, conta que ainda hoje não consegue adaptar-se à pratica de ir a praia pegar sol, nem mesmo banhar-se no mar,

*Meu Deus! Qual era a mulher que se levantava de manhã botava uma roupa e ia para a praia. Ah! Não. Eu.. eu.. eu.. tu vê, a gente que tá querendo se adaptar com os costumes de agora. Eu não tenho coragem de botar um maiô e ir para a praia. (nunca botou?) Eu boto, eu tenho meu maiô, porque eu sempre passeio, a gente sai, a gente sempre viaja, faz hidromassagem, estas coisas, então a gente tem o maiô. Mas, eu exclusivamente pega o meu maiô e me deitar na praia para pegar sol, ah, eu não faço isso. Eu não me sinto bem. (por quê?) Porque... sei lá, eu ainda tenho vergonha, ainda tenho aquele tipo de pudor, entende? (mas, você não se incomodam de ver as pessoas na praia?) Não, não. A gente até que no começo a gente se estranhou. Porque elas já tão muito... além de aproveitar a praia, já tão abusando com a roupa, não estão se vestindo, tão ficando pelada, né. Mas, como tudo evolui, como tudo cresce, tudo muda, a cabeça das pessoas também muda, quem sou eu para dizer que não.*

Quanto às festas populares, principalmente, as festas religiosas ou “festas da igreja” como os antigos moradores denominam, também sofreram o processo de *hibridação*. Algumas comemorações foram incorporadas aos costumes dos nativos, outras foram modificadas e algumas se extinguíram, ou seja, deixaram de ser praticadas pela comunidade dos Ingleses.

Comemorações como Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia da Criança, festividades próprias da modernidade e da sociedade consumo, foram incorporadas.

O boi de mamão, uma prática bastante comum da Ilha, não fazia parte das manifestações culturais da comunidade dos Ingleses, hoje, no entanto, existem dois ou três grupos na comunidade. Em outras comunidades da Ilha como Cachoeira do Bom Jesus, Córrego Grande, Lagoa, Vargem do Bom Jesus, o boi de mamão era e é “tradicionalmente apresentado entre 24 de dezembro e 15 de janeiro”.<sup>169</sup>

Por outro lado, as Festas de Terno de Reis, Homenagem ao Senhor Bom Jesus, Festa de São José e a Festa do Pescador deixaram de existir, como representação simbólica para a comunidade dos Ingleses. Um dos projetos de Edson Lemos é reativar a Festa do Pescador. Segundo Seu Raul, a Festa do Pescador era uma festa antiga dos pescadores que por volta dos anos 80 deixou de existir, “Foi extinta porque os pescadores, o pessoal que elaboravam, faleceram e ninguém mais ocupou aquele espaço. Daí veio a adolescência da turma dos nativos, mas não deram muita importância para a festa. Daí ela foi extinta.”

---

<sup>169</sup> MARCON, André da Lança. **No presente, mas também de olho no passado**. Reminiscências da outrora comunidade do Córrego Grande, Florianópolis. UFSC, 2006 (dissertação em antropologia social)

As Festas de Ternos de Reis, segundo a Dona Cecília acabaram porque o “luxo” das casas prevaleceu, diante do espaço das comemorações,

*Chegava o Natal, vinha aquelas festas de Terno de Reis, hoje acabou-se não tem mais. Porque veio o luxo, aí se eu tenho uma sala bonita, eu não quero mais que faça uma roda de fandango. Naquele tempo era lindo, cantava um Terno de Reis, tinha uma roda, ficava aquele bando de mulheres cantando e batendo palmas e fandango. E acabava e tudo mundo tomava café com rosca, era simplicidade. E hoje o luxo acabou tudo, porque se eu tenho uma televisão, eu tenho uma sala, vou querer mais um Terno de Reis, aonde todo mundo entra, todo mundo senta, todo mundo dança.*

Outra festa que perdeu espaço foi a farra do boi. O divertimento que comumente era realizado na Semana Santa, não tem mais espaço para sua manifestação. Seu Manuel lamenta muito o fato de proibirem a farra de boi, e aponta uma sugestão:

*Então... vão acabar com a farra de boi. A farra de boi, senhora, é a melhor coisa que há. É bonito. Mas tem uma coisa não pode pisar o boi. Agora, se for para pisar o boi, dar lambada, que cansa, não. É tudo da gente, a gente tá lá para brincar, assim. Brincar tudo, com ele solto. Mas, agora, não dá para brincar mais, Dona Maria. Sabe porquê? Porque naquele tempo havia pouca gente, né. Não havia ninguém, vou te explicar. Não sei se você conhece ali... a venda da Sissi. Ali perto do posto. Perto do João, tem ali um caminho que vai dar para os fundos. ... Ali não passava ninguém, hoje, como aqui também, passa hoje. Só que daqui oito dias, você vinha aqui de novo. Não passava ninguém, não tinha ninguém. Agora, hoje, não pode soltar boi, porque você trabalha de noite. Eu tenho uma filha que trabalha de noite. As vezes tarde da noite, e encontra um boi no caminho, né. O boi não sabe. Hoje, pode brincar com o boi, pode brincar, eu sou de acordo. Mas então faz... compra umas madeiras e faz um círculo grande de tábua forte, e bota ali dentro. Trata o bichinho ali dentro, 2,3 dias e brinca, mas solto não pode. Até uma criança. O povo, hoje, não dorme mais, o povo trabalha dia e noite, trabalha dia e noite. (para você não era assim?) Não naquele tempo ninguém trabalhava de noite. Para trabalhar a noite só se na rede para arrastar, pegar peixe. Ou então nos ternos de reis, nós saíamos a noite para farrear, só. O sol entrava e nós íamos todos dormir.*

Segundo contam os nativos antigos, as comemorações de Natal, Páscoa, Nossa Senhora dos Navegantes, Sagrado Coração, também passaram por um processo de

modernização. As festas “são as mesmas”, o que mudou foi a forma de organização das comemorações.

*A Festa de **Corpus Christi**, agora. Naquele tempo tinha a celebração, a missa, eucarística, mas fica por ali mesmo. Agora hoje não. Não digo para ti que as coisas agora estão se modernizando, as coisas estão evoluindo e as pessoas estão criando as coisas. Para que? Por que? É uma forma de atrair o povo (para a igreja). Porque naquele tempo era só a igreja católica aqui, agora em cada esquina tem uma igreja. Então tem que criar e inovar, mas tudo dentro da bíblia. ... A gente está se modernizando. Por isso, que tem estas missas. O que é a missa de Corpus Christi, o que é aquela procissão. Aquilo a gente faz para enfeitar, que é para o Cristo passar, através do padre na hóstia consagrada. Mas, isso é de uns anos para cá. Aqui nos Ingleses é de uns anos para cá. Há mais tempo, por ai nas igrejas maiores, mas no nosso lugar, quando começou a civilização, aqui quando começou o desenvolvimento, aqui. O Crescimento, isso foi novo.<sup>170</sup>*

Em julho, a comunidade mantém a Festa do Sagrado Coração, padroeiro da Igreja local. No entanto, esta é uma celebração que já não muito referendada pelos antigos moradores dos Ingleses, é somente citada.

Nas imagens que se seguem, pode-se perceber a beleza da criatividade, da inovação, em suas manifestações religiosas, do poder falar com satisfação do belo desenvolvido por eles mesmos, como forma de expressão da sua devoção.

---

<sup>170</sup> Dona Cecília (entrevista realizada em 01/03/2006)

**FIGURAS Nº 10 – Festa de “Corpus Christi”**



**Fonte:** Acervo próprio - 2006

A Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, atualmente, nos Ingleses, é a mais evidenciada. Provavelmente, isso ocorra porque ocorre na época da alta temporada. Esta é uma festividade que mais mistura os povos, antigos moradores - os que promovem a festa, e os novos moradores e turistas – alguns somente admiram a procissão, enquanto outros fazem questão de inserir-se nas comemorações.

Nas imagens da procissão em homenagem a Nossa Senhora de Navegantes, pode-se perceber melhor a hibridação do culto, os “nativos” dos Ingleses conduzem a procissão e as imagens dos santos, enquanto os fiéis, novos moradores e turistas acompanham.

Segundo, Seu Raul, “ A Festa de Navegantes continua com as mesmas características, só que a diferença, é que nesta festa existia o baile no local, e hoje não tem.”

**FIGURAS Nº 11 – Festa “Nossa Senhora dos Navegantes”**



**Fonte:** Acervo próprio - 2007

Contudo, para Caclini (1998), a permanência destas expressões populares, são algumas “estratégias de reconversão” que comunidades tradicionais, mantêm para poderem entrar e sair da modernidade.

Representa a capacidade que os “nativos” têm de entrar na modernidade e participar da ordem hegemônica, apropriando-se dos benefícios da modernidade para seu cotidiano; e sair da modernidade através das manifestações de seus cultos populares, enraizados no íntimo da suas existência.

No próximo capítulo, veremos as referências, as simbologias e o modo de vida que foi deixado para trás. O passado que foi apagado no concreto, mas que se mantém vivo na memória.

Mas, antes faremos uma breve análise sobre o movimento do “Projeto de emancipação do norte”.

## 5. Projeto de emancipação do Norte da Ilha

Em meio ao processo intenso de modernização da Praia dos Ingleses, assim com em outros balneários do norte da Ilha, emerge o “Projeto de Emancipação do Norte da Ilha”.

Meados do ano de 2002, foi criada uma Comissão Emancipatória no norte da Ilha, formada principalmente por comerciantes da região. Em dezembro do mesmo ano, foi encaminhado à Assembléia Legislativa um projeto para desmembrar a Ilha de Santa Catarina em dois municípios.

Dos doze distritos que compõe a capital do Estado de Santa Catarina, cinco distritos fariam parte do novo município, sendo eles Rio Vermelho, Cachoeira do Bom Jesus, Canasvieiras, Rationes e Ingleses. O novo município seria denominado “Balneário Florianópolis”, os cinco distritos representam 35% do território da Ilha.

O projeto de emancipação emerge como um protesto diante dos problemas sociais e econômicos vividos na região. Representa na sua forma mais simbólica, um pedido de ajuda ao poder público, para solução dos problemas gerados pelo processo abrupto e desordenado de crescimento.

Segundo, a Comissão Emancipatória, existe um sentimento de abandono por parte da Prefeitura frente as reivindicações e necessidades da população da região. A população dos cinco balneários do norte da Ilha reivindica melhorias na área da saúde, educação, segurança, lazer, saneamento básico e crescimento na geração de empregos.

A questão é bastante polêmica e divide as opiniões.

Para a Comissão Emancipatória a única forma de melhorar as condições da região seria criar um novo município, e aplicar diretamente todos os impostos arrecadados. Por outro lado há empresários se posicionam contra a separação, argumentando que as despesas com máquina administrativa seriam maiores que a arrecadação. “Além de prefeito, vereadores, secretários e funcionários, teríamos um custo muito alto, quase impossível de bancar fora dos meses de temporada. Aqui, no Inverno, mal sobrevivemos”.<sup>171</sup>

---

<sup>171</sup> [www.folhadonortedailha.com.br](http://www.folhadonortedailha.com.br) - Folha do Norte da Ilha – Norte da Ilha busca independência.

Dentre os diversos debates e discussões sobre o tema, a sugestão menos extremista, seria o fortalecimento das intendências, dando-lhes mais autonomia, e disponibilizando-lhes mais recursos.

Conforme, descrito na Constituição do Estado, Art. 110 – “O Município é parte integrante do Estado, com autonomia política, administrativa e financeira, nos termos da Constituição Federal e desta Constituição”, portanto, a criação, a incorporação, a fusão e o desmembramento de municípios, far-se-ão por lei estadual, obedecendo os requisitos previstos em lei complementar estadual.

Assim, a Lei Complementar Estadual nº 135/95:

§ 4º Entende-se por desmembramento a separação de parte de um Município para anexar-se a outro ou constituir um novo Município.

No entanto, a mesma lei determina algumas exigências, conforme:

Art. 2º - Nenhum Município será criado sem a verificação da existência, na respectiva área emancipada, dos seguintes requisitos:

- I - população estimada nunca inferior a 5.000(cinco mil) habitantes;
- II - número de eleitores nunca inferior a 30% (trinta por cento) da população;
- III - Centro urbano já constituído com, no mínimo, 200 (duzentas) casas ou prédios;
- IV - condições reais de desenvolvimento, que serão avaliadas pela Assembléia Legislativa do Estado;
- V- ser distrito há mais de 05 (cinco) anos;
- VI - Ter condições apropriadas para instalação da Prefeitura municipal e Câmara de vereadores;
- VII - manifestação favorável das Câmaras de Vereadores e dos Prefeitos Municipais dos Município envolvidos em caso de criação, fusão, desmembramento e incorporação.

Na Assembléia o projeto de emancipação do Norte da Ilha, também gerou polêmica, e muitos deputados mostraram-se contrário ao assunto. Como medida para amenizar a polêmica, ou mesmo para não levar adiante o projeto de emancipação, em junho de 2002 o Deputado Lício Mauro da Silveira do PP, apresentou uma Proposta de Emenda Constitucional – PEC, acrescentando ao parágrafo 3 a seguinte proposição “O município-sede da Capital do estado não poderá sofrer processo de fusão, incorporação ou desmembramento”.

No entanto, tendo em vista que o movimento de emancipação, não era uma exigência da maioria na comunidade, foi aprovado por Lei Complementar Estadual Nº 235/2002, o seguinte artigo:

“Art. 16 Somente será admitida a elaboração de projeto de lei para a criação de município, se o resultado do plebiscito lhe tiver sido favorável pelo voto da maioria dos eleitores que comparecerem às urnas, mediante sufrágio em que tenham se manifestado pelo menos 15 % (quinze por cento) dos eleitores inscritos no município.”

Na comunidade as opiniões também se dividem, mas o que realmente importa para o cidadão dos Ingleses é que seus problemas sejam resolvidos e suas necessidades atendidas.

Final do ano de 2006, ao andar pelas ruas da região viu-se espalhados diversos outdoors com os dizeres: “Congelamento não, Desenvolvimento sim.” “Acorda Ingleses, Santinho e Rio Vermelho.”

Esta foi mais uma manifestação do Núcleo de Lideranças dos Ingleses, sobre uma matéria pública no jornal Diário Catarinense, onde um professor de Arquitetura e Urbanismo da UFSC, Professor Lino Peres, declarou que o crescimento desordenado das praias do norte da Ilha deveria ser impedido. Citando o caso dos Ingleses, o referido professor declara que o Balneário deveria ser “congelado”, que não fosse permitido mais nenhuma construção.

Segundo, o jornal local “Folha do Norte da Ilha”, na ocasião o Núcleo de Lideranças elaborou um Manifesto “Acorda Ingleses, Santinho e Rio Vermelho.” assinado por várias entidades da região, posicionando-se contrário a opinião do professor.

Atualmente, conforme mapeado no dia 05/12/2006, em reunião para votação dos representantes comunitários para elaboração do Plano Diretor Participativo, existem no Distrito de Ingleses do Rio Vermelho cerca de 35 entidades, organizações e lideranças, sendo elas: Rotary Club Florianópolis Ingleses, Lyons Club Florianópolis – Ingleses, ACIF – Seccional Ingleses, CDL – Núcleo Ingleses, Associação de Moradores da Vila Arvoredo, Associação de Moradores do Rio Vermelho, CCS - Conselho Comunitário Santinho, CCI - Conselho Comunitário Ingleses, Maçonaria – Núcleo Ingleses, ACIR – Associação Comercial Ingleses e Região, CCSB – Conselho Comunitário Sítio de Baixo, CONSEG Ingleses/Santinho, CONSEG Rio Vermelho e ASPI – Ação Social e Paroquial de Ingleses.

Demonstrando que, hoje, O Distrito comporta uma multiplicidade de grupos e um complexo cenário. Necessitando um campo de debate amplo para comportar a multiplicidade de opiniões sobre o futuro do Distrito.

### CAPITULO III

*A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.*<sup>172</sup>.

#### “Era uma vez ...”

Desde criança acostumamo-nos a ouvir muitas histórias, sobre lugares, pessoas, circunstâncias e fatos, fictícios ou não. Algumas histórias ficaram guardadas em nossas memórias, e são reproduzidas de geração em geração, outras se perderem ao longo dos anos.

Quase todas as histórias apresentavam um prólogo semelhante. Era uma vez .... logo, após seguem-se as descrições de cenários, pessoas e lugares onde se desenrolará os acontecimentos.

O título proposto para este capítulo - “Era uma vez ...” -, remete a idéia daquilo que não volta mais, a coisas e fatos que um dia em algum lugar existiu ou aconteceu, e que jamais poder-se-á rever, contemplar ou experimentar novamente.

Basta olhar ao redor para perceber que a materialidade, o passado concreto foi soterrado, não existem mais velhas casas, rios, caminhos ou trilhas, árvores, morros, domingueiras, nem a paisagem de outrora. No lugar da pequena comunidade de pescadores hoje contemplamos uma “cidade”, em todas as suas contradições e complexidades. Então, que caminhos percorrer para construir ou reconstruir este passado, tanto na sua materialidade quanto na subjetividade das antigas formas de vida e relações sociais?

A modernidade que destrói a memória, também cria muitas formas de memória, escrita, imagética, iconográfica, impressa e auditiva. Se por um lado a efemeridade modernidade aniquila as memórias, por outro a tudo perscruta e tudo registra.

---

<sup>172</sup> LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992, p. 477.

Conforme observa, Silva<sup>173</sup> “A modernidade tem dessas coisas. Nunca um período histórico da humanidade foi tão pródigo em documentos; em contrapartida, nunca o processo histórico, embutido na modernidade, foi tão destrutivo”.

A noção de memória, principalmente nos dias de hoje e nas sociedades moderna, é muito ampla, tendo em vista os desenvolvimentos técnicos de armazenagem de informações e registros. No entanto, este capítulo tem como foco de análise, uma das formas de memórias mais antigas<sup>174</sup>, a memória oral.

Em sociedades onde existem poucos registros, a memória oral, tem importante papel. Através do “relato” tem-se a possibilidade de reconstruir um lugar, um acontecimento e a história de um povo ou um grupo de pessoas.

Segundo Ecléa Bosi e Halbwachs (1990), existem duas memórias, a individual e a coletiva, assim, “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”<sup>175</sup>. É no processo imbricado das duas memórias que encontra-se a riqueza, dos múltiplos olhares sobre uma vivência comum. No conjunto das lembranças muitos relatos, fatos e experiências são comuns ao coletivo, mesmo que estes sejam percebidos, sentidos e apresentem significações diversas.

Portanto, as memórias que se seguem são aquelas desenvolvidas, elaboradas e trabalhadas individualmente por cada relator, e representam as memórias da coletividade, sob o olhar de quem viveu em um lugar totalmente diferente, do que vivem no presente.

Certamente, nunca saberemos realmente como foi este passado comum, mas registraremos aquilo que para eles hoje, tem algum significado, e mesmo aquilo lhes foi permitido lembrar, o que o presente ainda não aniquilou. Pois, a memória é um quadro complexo, carregado de muitas simbologias, significados e representações.

Pode ser que em pouco tempo, as histórias que nos foram narradas, confessadas, e relatadas, fiquem apenas na memória do que aqui foi escrito. E um dia alguém comece esta história, contando ... era uma vez .... um lugar chamado “A antiga Praia dos Ingleses”.

---

<sup>173</sup> SILVA, Elizabeth Farias da, (2002), p. 43

<sup>174</sup> A memória iconográfica tais como as inscrições rupestres são as memórias mais antigas registradas pelos homens.

<sup>175</sup> BOSI, Ecléa. (1987), p. 413.

## 1. Um lugar

Um lugar pode ser longe ou perto, pequeno ou grande, ser dentro ou fora, pode ser de passagem ou para moradia, pode ter significado para uns enquanto outros o desconhecem. São muitos os lugares, e as possibilidades de relações que os homens estabelecem com o lugar ou lugares. Lugar de estudar, lugar de trabalho, lugar de lazer, lugar de pescar, de comer, de dormir ou lugar de comer, para tudo estabelecemos um lugar. E cada lugar destes está carregado de significações.

Halbwachs, com grande propriedade e sensibilidade, percebe a importância da relação que os homens estabelecem com o lugar, modificando-o e sendo modificado por ele.

*o lugar ocupado por um grupo não é como um quadro negro sobre o qual escrevemos, depois apagamos os números e figuras (...) o lugar recebeu a marca do grupo, e vice-versa. Então, todas as ações do grupo podem se traduzir em termos espaciais, e o lugar ocupado por ele é somente a reunião de todos os termos.*<sup>176</sup>

A composição de todos os termos que cada lugar compreende formata peculiaridades, particularidades e configurações próprias, que não se reduzem apenas a formatações do território, mas também e “formado por um tecido de relações sociais”.<sup>177</sup> que as pessoas criam com este lugar.

Podemos começar argumentando que Praia dos Ingleses foi um lugar distante. Mas, distante do quê? Para quem? O termo distante precisa de um complemento, caso contrário fica vazio de significado. Então podemos dizer que, por muitos anos os habitantes da Praia dos Ingleses mantiveram-se distante, do centro da cidade, do olhar do mundo, da lógica do capitalismo e da própria modernidade. E, em algumas situações distantes até para suas memórias.

Quando adentramos em algum lugar desconhecido, as primeiras perguntas que nos fazemos são: Que lugar é este? Qual o nome deste lugar? Porque tem este nome? Este, também foi o caminho que percorremos para desenvolver este capítulo.

---

<sup>176</sup> HALBWACHS, Maurice (1990), p. 133.

Conforme já descrito, o Distrito de Ingleses do Rio Vermelho situa-se no extremo norte da Ilha de Santa Catarina e fica à 36 km do centro, neste lugar até a segunda metade do século XX vivia uma pequena comunidade de pescadores e agricultores.

Quanto ao nome não se sabe muito bem sua origem. O nome do distrito é composto, Ingleses do Rio Vermelho. Rio Vermelho está associado ao fato de ter pertencido à Freguesia de São João Baptista do Rio Vermelho. Os lugares, ruas ou bairros, geralmente levam o nome de pessoas importantes, ou por características naturais que servem de referência. Assim, o nome - Rio Vermelho – originou-se de um dois veios d'água do rio Vermelho, derivam de uma nascente na base dos cômodos de areia, que separava a praia dos terrenos de lavoura. Os dois riachos nascem com águas claras, sendo que um corre em sentido norte, desaguando no mar da Praia dos Ingleses, e o outro corre em sentido sul, adquirindo uma coloração vermelha a mais ou menos três quilômetros da nascente, devido à vegetação e às terras que corta, principalmente em épocas de chuvas.

No entanto, a denominação - Ingleses - permanece uma incógnita, parece que o tempo apagou as memórias de sua origem. No campo da tradição oral este referencial se perdeu.

Para alguns é “*Um nome misterioso*”<sup>178</sup>, portanto é muito difícil responder com segurança, uma vez que não existem provas sobre os fatos. Seu Mário, em pesquisa realizada, na tentativa de desvendar o mistério, observa que no mapa dos Ingleses de 1812, o local aparece com o nome de ‘Ponta do Inglês’, e “não é dos ingleses”. Enquanto que em mapas mais antigos da Ilha (não soube datar) ora aparece com a referência de “ingleses”, ora de “inglês”.<sup>179</sup>

*Então, a coisa era assim, ou um inglês se jogou de um navio que vinha com os escravos - também em navio mercantil de pirataria, que ele fugiu -, ou o navio afundou, bateu em algum lugar e eles saltaram, ou alguém foi expulso do navio. Alguma coisa aconteceu. E, algum deles bateu aqui, então a Ponta do Inglês, aí virou a Praia dos Ingleses.*<sup>180</sup>

Outros, no entanto, arriscam dar uma explicação mais “verídica”. Neste contexto, surgem muitas versões para desvendar o mistério e atribuir um significado. Segundo

<sup>177</sup> LEDRUT, Raymond. A diferenciação do espaço social. In: **Sociologia Urbana**. Forense: São Paulo, 1971, p. 108.

<sup>178</sup> Jornal O ESTADO. Florianópolis, 12/01/1985. (acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina)

<sup>179</sup> Seu Mário (entrevista realizada em 23/01/2005).

Várzea (1900), a denominação de Ingleses provém do naufrágio de uma embarcação inglesa, nas proximidades da comunidade.

*A denominação de Ingleses provém de uma barca dessa nacionalidade que aí virou, com uma lestadada, em fins do século passado. Essa embarcação, segundo dizem, viera tocada e com água aberta do mar alto e encalhara na praia em frente à ilhota Mata-Fome, salvando-se toda a companhia, da qual alguns homens se deixaram ficar no lugar, constituindo família e entregando-se à pesca e aos serviços rurais.<sup>181</sup>*

Corroborando com a explicação de Virgílio Várzea, Reinaldo Vieira Stuart, que se diz descendente da família dos naufragos ingleses, relata com mais detalhes os acontecimentos, citando nomes, dinastias e época.

*Ele diz que, entre 1790 e 1795, um núcleo da família Stuart – descendente da rainha Ana, da Inglaterra, falecida em 1760 – chegou ao Brasil. O navio aportou no Nordeste. Alguns viajantes resolveram ficar em Pernambuco, seguindo depois para o Ceará, onde estabeleceram-se na cidade de Crato. Aqueles que optaram por não ficar nessa região seguiram viagem no navio rumo ao Sul. Eles assim chegaram à costa da Ilha de Santa Catarina, onde encontraram ventos muito fortes, que vinham do Leste e que fizeram a embarcação naufragar na praia em frente à Ilhota do Mata-Fome.*

*Os naufragos foram socorridos pelos moradores de São João do Rio Vermelho, Aranhas, Canasvieiras e proximidades. Todos queriam ver de perto os ingleses naufragados.<sup>182</sup>*

Diante de falta de comprovação dos fatos e de tantas imprecisões, outras versões vão surgindo, “de um naufrágio, no início do século, e que teriam aparecido três corpos de marinheiros ingleses nesta praia e enterrados no cemitério local.” Ou ainda que “o nome era dado ao referir-se a companhia inglesa de exploração de óleo de baleia, que existia até a primeira década deste século. Alguns nativos ainda guardam os tachos que já pertenceram aos exploradores do óleo.”<sup>183</sup>

<sup>180</sup> *Idem.*

<sup>181</sup> VÁRZEA, Virgílio. **Santa Catarina – a Ilha**. Florianópolis: Lunardelli, 1985. p 98.

<sup>182</sup> Jornal DIÁRIO CATARINENSE.. Encarte Especial. *Ingleses, 166 anos de praia*. Florianópolis. 26/08/1997.

<sup>183</sup> Jornal O ESTADO. Florianópolis, 12/01/1985. (acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina)

O fato é que com o passar do tempo a memória e a tradição oral, sobre a origem do nome se perdeu, o “mistério” prevalece, e quem sabe daqui a alguns anos, ou coletividade assume uma das versões, ou ainda poderão surgir muitas outras versões ajustando-se aos referenciais de cada época.

A Praia dos Ingleses, segundo dados até então registrados, inicialmente foi ocupada pelos carijós. Estima-se que os carijós migraram para a Ilha no século XIV, onde permaneceram até a chegada dos primeiros europeus. Quanto à história destes habitantes, pouco se conhece, salvo raras menções de europeus que passaram pela Ilha. De acordo com os poucos registros os carijó eram amistosos, reuniam-se em tribos de 30 a 80 habitantes, vivendo da pesca e da agricultura. Povoaram vários locais da Ilha - Lagoa da Conceição, Rio Tavares, Pântano do Sul -, preferencialmente localidades de solo arenoso e com dunas, que facilitavam o cultivo da mandioca.

Os europeus que vieram estabelecer residência na Praia dos Ingleses na maioria de origem açoriana teriam vindo de cidades vizinhas, Seu Mário, diz que “a maior parte da população dos Ingleses vem dos Ganchos, não os recentes, mas os mais antigos, eles vieram dos Ganchos, quando era Ganchos, né. Vieram para a Barra da Lagoa. Nós somos quase todos filhos de gancheiros.”<sup>184</sup>

*A colonização desta praia iniciou-se a partir de famílias de pescadores que se deslocaram de Ganchos e Biguaçu. Antigamente era comum que famílias inteiras visitassem amigos e parentes – sempre em embarcações – nos municípios considerados a “Mãe Pátria” de Ingleses.*<sup>185</sup>

Assim, o pitoresco lugar, distante da cidade e dotado pela natureza, que lhes oferecia o necessário para viver, foi povoado. Até 1954 a comunidade permaneceu bastante reduzida, contando com apenas 284 habitantes, sendo 138 do sexo masculino e 146 do sexo feminino.

---

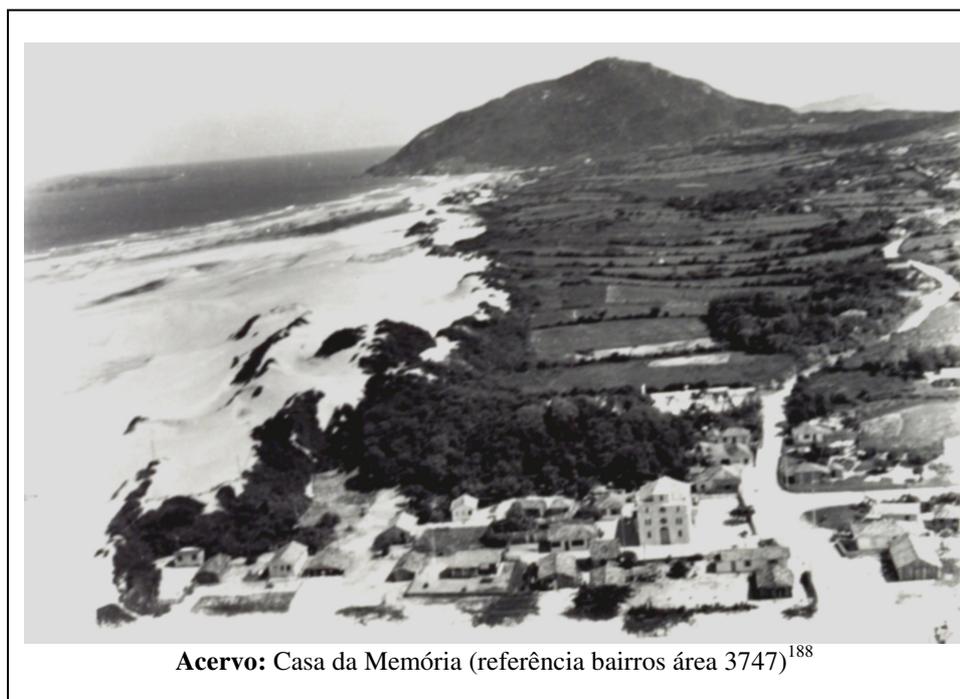
<sup>184</sup> Seu Mário (entrevista realizada em 23/01/2005).

<sup>185</sup> Jornal O ESTADO. Florianópolis, 12/01/1985. (acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina).

No entanto, conforme descreveu Virgílio Várzea (1900), Praia dos Ingleses era “Mais populosa que as Aranhas, e muito mais movimentado, Ingleses possui um núcleo maior de habitações, grupando-se em torno de uma pequena capela, situada à beira-mar (...), construída entre cômoros”<sup>186</sup>.

A Capela consagrada à Senhora dos Navegantes foi construída em 1881, por um abastado lavrador da região. De acordo com os depoimentos dos moradores, na década de 1960 a igreja foi reformada e ampliada, pois “a primeira estava caindo”. Segundo seu Mário, após a reforma, a nova igreja foi inaugurada em 1963. Dona Tarsila, recorda-se da época da reforma da Igreja, “... não sei quantos anos eu tinha, eu já era grande, mas não me lembro a data. A última vez quem arrumou aquela igreja, eu me lembro, foi a mulher do Celso Ramos que arrumou aquela igreja, agora o dia eu não sei.”<sup>187</sup>

**FIGURA Nº 12 – Praia dos Ingleses à frente e Praia do Santinho ao fundo**



**Acervo: Casa da Memória (referência bairros área 3747)**<sup>188</sup>

Além da pequena concentração de moradias no entorno da Capela, havia também algumas casas espalhadas, reduzidas em quantidade e dispersas por toda a região. Dona Anita que tem 85 anos, lembra que “naquele tempo não tinha quase ninguém, era muito

<sup>186</sup> VÁRZEA, Virgílio. (1985), p. 97.

<sup>187</sup> Dona Tarsila (entrevista realizada em 03/05/2005).

<sup>188</sup> Esta fotografia provavelmente foi produzida entre o final dos anos 1960 e meados da década 1970, pois já existe a estrada de ligação Ingleses-Santinho.

pouca gente, as casas eram tudo longe uma da outra. Não tinha muito movimento. Lá no sítio tinha uma venda, e aqui em baixo tinha outra do falecido Gentil, só”

Grande parte das terras era devoluta, e cada família cercava o pedaço de terra de interesse. “Era tudo terreno devoluto, era um terreno aqui, outro ali, era assim, terreno sem dono, terreno devoluto (...) vinha um fazia uma casa, (...) vinha outro, fazia uma casa aqui, adquiria outro pedaço, era assim”<sup>189</sup>. “Antigamente tinha gente que cercava um pedaço para casa. Daí um conhecido dizia: - Fulano cerca mais para lá. E, ele dizia: - Ah! Eu não vou ter este trabalho de cuidar disso tudo aí.”<sup>190</sup>. Com tantas terras disponíveis eram raros os casos de disputa por terras, até mesmo porque “as propriedades naquela época não tinham o mesmo valor que têm hoje”<sup>191</sup>.

No entanto, isto não significa que não havia algumas divisões e demarcações de território, principalmente devido ao tipo de atividade que se desenvolvia em cada espaço.

Na orla, pouco se plantava, os moradores da praia, conforme diz Dona Tarsila “os da praia toda vida foi vadio. Porque na beira da praia não dava para plantar.”

Aqui aparece a primeira divisão espacial, o lugar da pesca e o lugar para agricultura. A orla era o espaço destinado a pesca, e a região do sítio era área agrícola. Seu Manuel o morador mais velho dos Ingleses, nasceu no dia 14 de outubro de 1900, aponta para o lado do sítio e diz, “Olha querida, naquele tempo não tinha nada. Aqui era tudo mato, tudo aqui era roça. Neste mundo todo era roça. Só se criava umas cabrinhas, ali perto, naquela costa de morro. Só moravam e trabalhavam até aqui para baixo, só”.

Olhar o entorno é descrever seus passos, é outorgando significados e proeminência. É identificar-se e é ser identificado. Assim, cada coletividade através de representações simbólicas organiza o lugar, demarcando e atribuindo nomes.

“Aqui antigamente o bairro tinha vários nomes, e acho que isso também faz parte da cultura”<sup>192</sup>. Saindo do Morro dos Ingleses, seguindo em direção oeste pela orla da praia, e um pouco depois da Igreja chamava-se Canto (1), deste ponto até onde começava a estrada (onde hoje é a escola) chamava-se Companhas (2), depois era os Araçás (3) (porque na parte das dunas, tinha muitas árvores com a fruta chamada araçá), Morro dos Canudos (5) e no final da praia era o Canto da Feiticeira (6). Dos Araçás em sentido ao Rio Vermelho era tudo chamado Sítio do Capivari (4). Retornando, indo em direção a Praia do

<sup>189</sup> Seu Oswald (entrevista realizada em 15/05/2005).

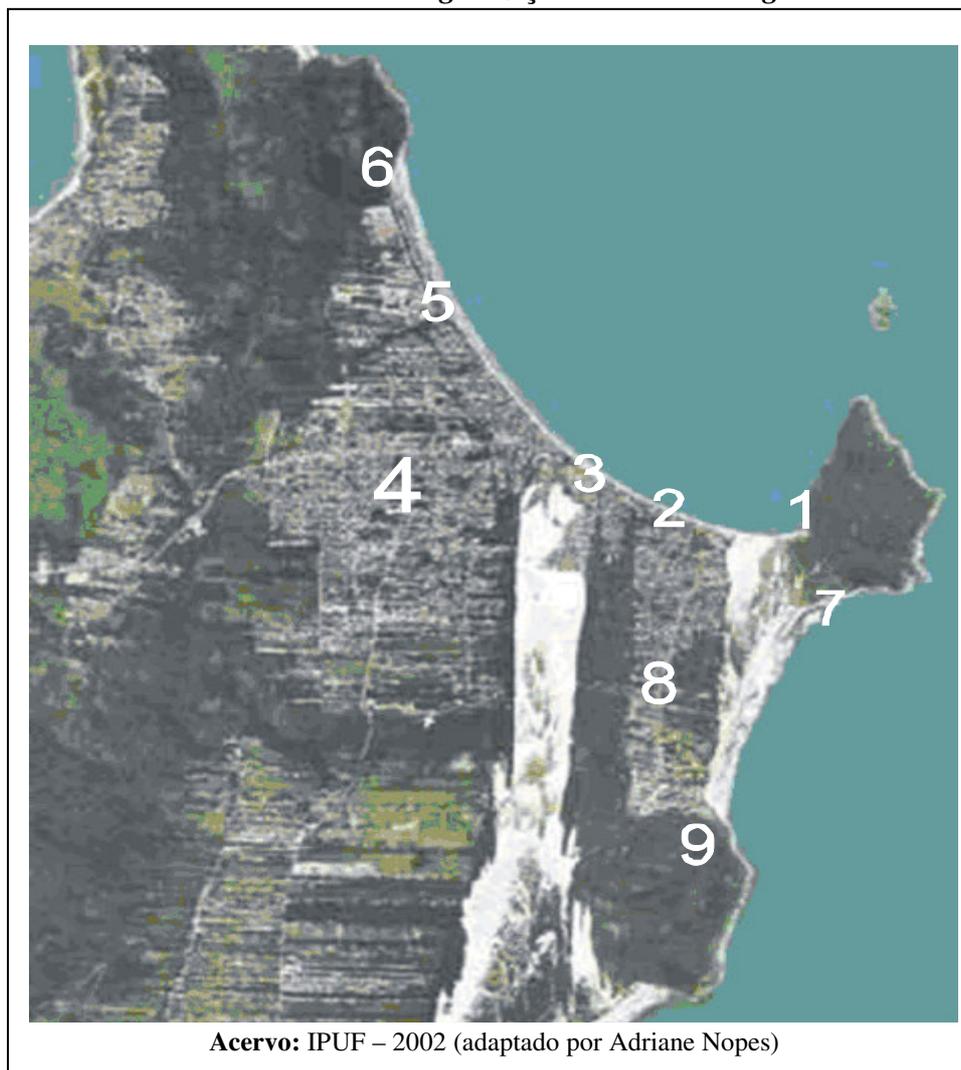
<sup>190</sup> Alcântara (entrevista realizada em 10/10/2006)

<sup>191</sup> *Idem.*

Santinho também havia outra divisão, chamava-se Costão do Santinho (7) somente o outro lado do Morro dos Ingleses e parte da orla, Aranhas (8) era mais à cima, paralelo com a orla. E o morro que divide a Praia do Santinho e Moçambique chamava-se Costão do Barcelos (9), porque o primeiro homem que foi morar lá chamava-se Barcelos.

De acordo com as referências e explicações, foi possível reproduzir um mapa com estas divisões, identificando a divisão simbólica do espaço praticado pela comunidade de antigamente.

**FIGURA Nº 13 – Organização interna da Região**



<sup>192</sup> Seu Raul (entrevista realizada em 03/10/2006).

A organização interna do bairro, segundo seu Raul, servia como referência, identificando onde moravam, tendo em vista que não tinha ruas. No entanto, esta divisão era mais complexa, pois também estava relacionada com o espaço da pesca. Pois, cada grupo tinha um espaço definido de pesca. Este era o ponto de maior rivalidade entre os grupos e famílias da localidade, “O Santinho, nós para botar uma rede foi na força. Tu vê e nós somos daqui. Meu pai para botar uma rede de tainha aqui no Santinho foi na força, foi no peito. Não, porque cada um tinha seu espaço.”<sup>193</sup>

O povoado dos Ingleses permaneceu quase que isolado do mundo por longos anos, alguns moradores dos Ingleses sequer conheceram a “cidade” e as “coisas” que a cidade oferece. “Naquele tempo a cidade nem sei. Nem sabia onde era a cidade. Ninguém sabia”<sup>194</sup>

A relação entre o bairro e a cidade sempre está carregada de significações, de valores, e *status*, o brilho e o “clarão” da cidade sempre atraiu os moradores dos bairros. “Na verdade sair do seu bairro sempre teve um sentido psicológico muito preciso. Ir ‘à cidade – segundo expressão corrente – ou a outro bairro, é sempre uma pequena *excursão* que exige um *deslocamento* de duração relativamente longa”<sup>195</sup>

Carros, ônibus ou qualquer outro tipo de transporte moderno não existia na comunidade. As formas de contato com o centro ou outros bairros, era feito de barco ou carroça, à cavalo ou à pé. Tendo em vista a distância; o isolamento dos moradores da Praia dos Ingleses é uma característica marcante para estas pessoas, que poucas vezes tinham a oportunidade de ir ao centro.

O trajeto feito à pé era longo, Dona Helena, conta que chegavam levar dois dias, “saía daqui de manhã e ficava à noite em Itacorubi. Tinha uma família lá, ficava à noite e no outro dia ia pra cidade.”

Eles costumavam percorre dois caminhos,

*Ou ia pela Praia Grande, passando pela Barra da Lagoa, Lagoa, Trindade e Centro a pé (...) ou ainda tinha uma trilha, que ela existe ainda ali, mas ela hoje não é mais trafegável, pelo Ratonés, passava pelo Saco Grande e subia mais ou menos aí onde é a estrada do Itacorubi com o cemitério, também era outro caminho.*<sup>196</sup>

<sup>193</sup> *Idem.*

<sup>194</sup> Seu Manuel (entrevista realizada em 20/06/2005).

<sup>195</sup> LEDRUT, Raymond. (1971), p. 109.

<sup>196</sup> Seu Mário (entrevista realizada em 23/01/2005).

O ônibus chegou ao norte da ilha por volta de 1940, o ponto final era na Cachoeira.

*A gente saía daqui de madrugada. Era umas 5:00 horas mais ou menos, 4:00 horas, para ir na Cachoeira do Bom Jesus, sabes onde é? A Praia Brava lá para baixo. Não nas árvores, não é aqui não, é lá do outro lado, lá embaixo. Para pegar o ônibus. Era 5:00 horas mais ou menos. Às 6:00 horas o ônibus saía. Então, antes deste horário, a gente tinha que estar lá. Mas saía de casa à pé. (...) Pegava o ônibus e ia para o centro, saltava lá. Na volta vinha de pé outra vez com aqueles pacotes, com aquelas coisas, era tudo assim.*<sup>197</sup>

O horário do ônibus provavelmente, foi o primeiro contato destas pessoas com as representações simbólicas de tempo universal. No entanto, poucos tinham relógio, o tempo ainda era ditado pela natureza, pelo cantar do galo, pelo sol e pela lua. Assim, precisaram ajustar suas antigas relações com tempo, com o horário marcado da saída do ônibus.

*Ai você tinha então... você acordava com o terceiro cantar do galo (...) as pessoas já tinham na mente. A mente já trabalhava neste sentido. Dormia e já sabia, porque dormiam cedo, 6,7 horas, já estavam dormindo. (e o que seria o terceiro cantar do galo?) quando o galo cantava a terceira vez. Cantava a primeira não dava bola, a segunda não dava bola, na terceira. (mas que horário era?) A gente não sabia, nem dava bola, se calculava mais ou menos 4:30 da manhã. Mais ou menos isso. E o galo começava a cantar lá pelas 3:00, 3:30 da manhã, então lá pelas 4, 4:30 nós nos levantávamos, se arrumava, tomava café, então nós caminhava, pela praia, para pegar o ônibus.*

Ingleses naquela época não dispunha de um sistema viário que permitisse a circulação de ônibus. Seu Plínio Manoel Gomes, está com 96 anos e lembra que por volta de 1920, ajudou o pai, João Nunes Vieira<sup>198</sup>, o sogro (Manoel Alves Cabral) e um amigo (João Santos) na abertura da primeira rua de acesso aos Ingleses. Auxiliados por um carro de boi, trouxeram aterro do morro, fizeram uma ponte no pequeno rio que separava o terreno, para fazer a rua. Mas, é somente em meados de 1950 que o transporte coletivo passa a ter um ponto final nos Ingleses. O tempo de deslocamento do ônibus do bairro até o centro era longo, levava cerca de duas à três horas. Dependendo das condições do tempo, da estrada e do estado de conservação do ônibus podia levar até três horas e meia.

<sup>197</sup> Dona Helena (entrevista realizada 01/03/2006).

<sup>198</sup> A antiga estrada Geral dos Ingleses a partir de 1994, conforme lei municipal nº 4320/94, passa a chamar-se Rua João Nunes Vieira em homenagem ao pai de João Manoel Gomes, que ainda hoje mora na mesma rua.

*... era o problema da estrada que era ruim, de chão, estrada mais longa que esta. Era outro caminho antigamente, com muitas curvas, o ônibus com baixa força de velocidade, demorava muito para subir o morro. Tinha morro que tinha que saltar todo mundo do ônibus, em Santo Antônio era o caso. Quando estava cheio, a gente tinha que saltar para subir o morro. Porque não tinha como fazer, porque o espaço era pouco, uma curva muito quadrada, e, não tinha velocidade e força.<sup>199</sup>*

Conforme o traçado viário dos Ingleses foi sendo demarcado, ruas são ampliadas, também o ônibus via adentrando na comunidade. O primeiro ponto de ônibus na comunidade era no início da Antiga Estada Geral dos Ingleses (Rua João Nunes Vieira), na decida do morro. Depois o ponto de saída passou a ser nos Araçás (próximo onde hoje é o Posto Policial), somente após a ligação entre Ingleses – Santinho , o ônibus passou a atender as duas comunidade diretamente. Desde de a vinda do ônibus para o Norte da Ilha até atender por completo a população das duas comunidades, levou aproximadamente trinta anos.

#### **FIGURA Nº 14 – Ônibus Praia dos Ingleses - Florianópolis**



**Acervo:** <http://www.canasvieirastc.com.br>

*(...) sai daqui dos Araçás, não existia a SC 403, passava por dentro da Cachoeira do Bom Jesus, Canasvieiras, Santo Antonio, Saco Grande, toda aquela região de estrada de terra, levava mais*

<sup>199</sup> Seu Mário (entrevista realizada em 23/01/2005).

*de duas horas. Saia daqui dos Araçás 5:00 horas da manhã chegava no centro mais ou menos 7:30 por ai. Quando saia 6:00 horas, chega 8:30 mais ou menos. No morro, ali no morro do Mauricio, que sobe para a Cachoeira, quando dava muita chuva o ônibus não conseguia subir. Tudo mundo tinha que saltar do ônibus subir a pé, o ônibus subia vazio. Ai a gente pegava o ônibus de novo lá em cima no alto depois. Quando o temporal era demais mesmo, que o morro ficava muito escorregadio, vinha outro ônibus da Canasvieiras e pegava o pessoal. Este ônibus ficava no lado de cá da subida e tinha o outro ônibus na outra parte da Cachoeira para pegar o pessoal que vinha daqui. E nós íamos a pé até lá. Na descida do morro, lá tinha o outro ônibus para pegar o pessoal. E era divertido, porque a gente parava em todos os armazéns, que chamava-se de venda. Parava em todos os armazéns para comprar... todo mundo saltava, comparava bala, pão; outros que gostavam de um aperitivo tomavam um aperitivo. E, era assim até chegar ao centro dava três quatro paradas. A primeira parada era na Cachoeira, a segunda em Canasvieiras, a terceira em Santo Antonio, a quarta no Saco Grande, daí era a última.<sup>200</sup>*

Para visitar amigos e parentes em outros bairros, também era à pé. Subir morro, descer morro, queimar os pés na areia quente, esfriar nas águas do mar e nas nascentes dos pequenos rios e lagoas, fazia parte de cotidiano destas pessoas. Até mesmo porque, ninguém usava sapatos, mesmo existindo tamancos de madeira, estes não eram apropriados para andar na areia, então preferiam andar descalço.

*Tudo chão de areia, quando era verão, janeiro, fevereiro, a gente para passar por essa areia aqui, essa estrada era de areia. Vinha para um lugarzinho que tinha capim, pra poder ir até em cima. Escaldava o pé da gente a areia era quente, era pulando. O povo pulava e corria, porque a areia era quente. Então ia pra cima de uma pedra, ia pra cima do capim, pra aliviar a queadura dos pés. Hoje não, hoje é tudo de chinelo, tudo de asfalto.<sup>201</sup>*

Andar descalço era um costume para os habitantes da comunidade, usavam calçados somente para ir ao centro, “Eu fui tanto, na minha vida nas festas descalço. Tantas vezes que não estava de sapato, não estava com sapato e eu ia lá para a igreja. Ia para a igreja e tomava comunhão.”

<sup>200</sup> Seu Manuel (entrevista realizada em 20/06/2005).

<sup>201</sup> Seu Oswald (entrevista realizada em 15/05/2005).

O lugar deixa marcas nas pessoas, assim como as pessoas deixam marcas nos lugares. A pele escura e enrugada são marcas da vida exposta ao sol e à água salgada do mar. O andar ligeiro e puladinho são práticas de quem foge das areias quentes ou de quem corre até a praia, para lançar a rede no mar, antes que o cardume que passe. O tempo da natureza dita seus passos. O tempo da natureza organiza o trabalho, arruma a casa e determina a alimentação.

## 2. O espaço da casa

Carmem Rial (1992) observa que a organização da casa, “o uso do espaço, a arquitetura e a decoração interna são vistos como parte de um conjunto de representações e práticas que insere a família numa rede de relações sociais e culturais”<sup>202</sup>, e estas ajudam a construir a história através da memória de objetos e materiais pertencentes a cada época ou cultura.

Conforme descreve Rial, a ‘casa de antigamente’ (como os nativos denominam) “é facilmente reconhecível, pois tem o caimento do telhado voltado para frente e é construída com material obtido no próprio bairro: barro, bambu e palha.”<sup>203</sup>

Na Praia dos Ingleses, bem como em outras localidades da Ilha e do Brasil de colonização açoriana, esta era a arquitetura predominante. A “arte de fazer”<sup>204</sup> o espaço doméstico, é uma experiência coletiva desde a sua origem. Pois, construir uma casa exigia o preparo especial dos materiais utilizados na construção e a colaboração de vizinhos, amigos ou parentes.

*Naquele tempo nosso, a metade das casas era tudo de barro, tudo casa de barro e palha. Era nós mesmos quem construíamos. Eu fazia casa de palha. Tinha “ícaro”, vocês não conhecem. Eu ia lá naquele campo, lá naquele morro tem palha comprida, corda. A palha fina era corda. Então a gente cortava, roçava aquela palha e fazia uns molhos, tinha que fazer uns sessenta molhos dessa grossura (mostrava com as mãos)... Depois de estar feito os molhos, arrumava tudo e deixava a palha murchar dois, três dias. Quando a palha ficava murcha a gente pegava aquele maço de folha e fazia um “mochinho”, pegava a outra palha e amarrava assim a roda, deixava aquela cabecinha, sabe como é? Deixava uma cabecinha assim (mostrava) e amarrava no pescoço, mas a palha tinha que ser comprida. Então depois nós íamos lá ao mato cortar bambu, a casa era de pau. O esteio era de pau, ficava um em cada canto, daí a gente fazia uma forca e botava os paus tudo em cima, assim. Depois, a gente cortava o bambu, rachava o bambu e ia amarrando assim, trançado. Para depois botar dez “carradas” de barro, conforme a casa, se a cozinha era pequena.*

<sup>202</sup> RIAL, Carmen. **Da casa de ‘Antigamente’ à casa decorada.** In: Revista Ciência Hoje. Vol. 14, nº 82, julho, 1992. p. 19.

<sup>203</sup> *Idem.*

<sup>204</sup> CERTEAU, Michel de. (1994).

*Para depois amassar aquele barro todo. Tudo com os pés ou com os bois, para depois barrear tudo aquilo.*<sup>205</sup>

Até a primeira geração<sup>206</sup>, havia poucas casas de alvenaria, primeiro pela dificuldade no transporte de materiais de construção e segundo pelo baixo poder aquisitivo dos moradores, “as casas eram de madeira e de barro (...) quem podia mais, era de material, entende, mas a maioria de madeira”<sup>207</sup>.

Dona Anita, que viveu até sua mocidade “numa casinha de barro, tapadinha de palha”, lembra o quanto era difícil, do trabalho e dos cuidados que as casas de barro requeriam “Quando queria dar chuva, eu com minha mãe íamos cortar aqueles galhos de árvore para colocar encostado nas paredes para o barro não cair.”<sup>208</sup>

As habitações eram pequenas, casas de quatro águas, mas com poucas divisórias. No entanto, era no interior das pequenas casas, de barro, de madeira ou de material que a vida acontecia, dormiam, comiam, tomavam banho, faziam as festas de casamento e os funerais.

As modestas construções igualmente abrigavam modestas mobílias, pois os artefatos do interior das casas eram confeccionados por eles mesmos e com materiais que a natureza lhes proporcionava.

As camas, mesas, cadeiras e os bancos eram feitos de madeira e o colchão era de palha. Os bancos na parte de baixo eram uma espécie de baú, onde armazenavam os alimentos. “Sofá a gente não tinha, era banco de tábua que se fazia para as pessoas sentar. A cama também era feita em casa de madeira”<sup>209</sup>.

As casas bem limpas, porém pouco adornadas, quase não apresentavam enfeites como bibelôs ou retratos na parede, era basicamente a renda de bilro enfeitava os seus lares.

O fogão era à lenha “alguns tinham chapa, e alguns nem tinham, então botava uns tijolos, botava dois ferros e cozinhava ali em cima, era perigoso. Depois cada um foi comprando sua chapa.”<sup>210</sup>.

A lenha que alimentava o fogão e a palha ou capim que usavam para encher os colchões eram encontradas nos morros da redondeza. Esta atividade era feita por homens e

---

<sup>205</sup> Seu Manuel (entrevista realizada em 20/06/2005).

<sup>206</sup> Carmem Rial, define como primeira geração os chefes de família que têm hoje entre 60 e 90 anos.

<sup>207</sup> Seu Oswald (entrevista realizada em 15/05/2005).

<sup>208</sup> Dona Anita (entrevista realizada em 15/05/2005).

<sup>209</sup> Dona Helena (entrevista realizada em 01/03/2006)

mulheres, aqueles que podiam comprar, compravam, pois aqueles que tinham carro de boi traziam maiores quantidades para vender aos outros moradores da comunidade. Quando Dona Helena lembra da sua mocidade, também lembra das dificuldades, todo o trabalho vem à tona:

*Ah!!, vou te contar, no tempo que eu era nova, sabe o que é que eu fazia. Ia pegar lenha, sabe o que é lenha? Para queimar. Não tinha fogão a gás não, então era tudo fogão a lenha. Então ia eu e minha mãe, todos os dias para pegar lenha, sábado não. A semana toda, de segunda a sexta nós carregava lenha, molho na cabeça, entende, sabe como é? De pau. Lenha para queimar no fogão a lenha. Então a gente fazia molho deste tamanho assim, amarrava duas cordas e trazia na cabeça, lá do mato, lá longe, lá longe do mato. Nós cortava e fazia um molho. Eu fazia um, a minha mãe fazia outro. Capim de colchão, naquela época não se dormia em colchãozinho bonzinho, como agora, não. Era capim. Tu não, acredita né? Nunca ouviu falar isso, né. Era capim, minha filha, do gado comer. A gente pegava o capim, a gente ia lá pros morros, aqui não tinha capim bom. A gente ia, eu mais a minha mãe.*

*- Só tinha lá?*

*Só. Aí nós ia pegar o capim sacudia tudo, as vezes tinha areia. Sacudia tudo, quando chegava.. o lençol, sabe como é, lençol de capim... A gente amarrava as duas pontas, uma ponta na outra, e a outra na outra, quatro pontas, né. E o capim ficava alí dentro, sabe como é? Parecia uma trouxa de roupa, aí nós trazia. Chegava em casa a gente botava no sol, tudo direitinho, tudo limpinho, para não misturar, né. E depois a gente ia naquela raiz, cortava toda raiz, arrancava. Não é cortado, é arrancado lá onde tem. Arrancava e depois e botava num pedaço de pau grosso, cortava aquela raiz e jogava fora. O capim a gente botava no sol para botar no colchão. Era no colchão, dava tanto trabalho para fazer. E depois costurava a boca, era tudo difícil menina. O sacrifício era grande para as mulheres.*

*- O tecido vocês compravam? O tecido a gente comprava.*

*- Quanto tempo durava um colchão destes?*

*Durava, se não tem criança, não faz xixi. E quando tava feio, gente ia lá pegar capim novo. Mas não estragava o colchão não, porque ele era botado no sol, aí ele murchava, não suava nem nada. Daí tirava aquele talinho, tirava aquela raiz, cortava tudo com o facão... murquinho, murquinho, sabe? E depois botava no sol novamente para enxugar aquela felpinha do capim, igual a cebola né. E depois botava no colchão. Ficava bem cheinho.*

---

<sup>210</sup> Dona Ilda (entrevista realizada em 10/06/2006).

Também, não havia energia elétrica nem água encanada. O interior das casas era iluminado pelos “candeeiros” ou “pombocas”. Nas casas comumente, usavam pequenas lamparinas, um em cada peça, estas permaneciam acesas por toda a noite. “A “pomboca” era uma lamparina. (...) durava uma noite toda, dava para uma noite. Nas casas usava uma pequeninha, então era cada um, um na sala, um na cozinha, um no quarto, enchia de fumaça.”<sup>211</sup>

Todos fazem questão de explicar a diferença entre “candeeiro” e “pomboca”. Seu Carlos conta que o “candeeiro” era usado pelos mais antigos, pois usavam um material mais artesanal, a banha de tainha (cozinhava a cabeça e o intestino para tirar o azeite), enquanto que na “pomboca” ou “lamparina” já usavam querosene, material industrializado. Dona Helena explica que a “pomboca é um negócio assim, redondo de bico, é, tinha um biquinho que era para botar o algodão. Uma tirinha de algodão, e daí botava querosene dentro... era um trabalho.” Quanto maior ou mais fosse “torcida” de pano o algodão mais iluminava, se quisesse economizar, porque a querosene era cara, era só empurrar mais para baixo o pavio.

**FIGURA Nº 15 – “Pomboca” ou Lamparina de latão**



Acervo: <http://www.mercadolivre.com.br><sup>212</sup>

Seu Carlos lembra que no tempo da guerra,

*(...) em 1945 começou a segunda guerra mundial, a primeira eu não sei contar a história né, mas a segunda eu sei porque já era*

<sup>211</sup> Seu Carlos (entrevista realizada em 10/10/2006).

<sup>212</sup> Este modelo de “lamparina” feito de latão, encontrado no site do mercado livre, ilustra o desenho feito pelo Seu Carlos.

*grande. Então começou a faltar querosene, porque aquele querosene vinha de fora, da Europa, dos Estados Unidos, não sei direito de onde que era (...) como a guerra foi crescendo, foi mundial, a querosene começou a faltar, então vinha racionada, aí era vendida na intendência. (...) Então tinha que economizar, era vendido uma garrafa para cada família, então aquela garrafa tinha que durar quase uma semana. Fazia tudo mundo dormir cedo.*

É importante observar que mesmo no isolamento físico a comunidade já percebia as interferências do mundo globalizado.

A água era de ponteira, poço ou fonte, como não tinha energia elétrica era puxada a manivela, “alguns faziam o poço e as comunidade e o pessoal pegava água daquele poço”.<sup>213</sup> A água era armazenada em potes de barro, e utilizada para cozinhar, lavar a louça e tomar banho. Enquanto, que as roupas eram lavadas nos rio e lagoas.

O banheiro, conforme descreve Rial (1992) , a integração do banheiro nas casas de famílias açorianas somente irá ser acoplado na residência pela geração mais nova. Assim, Miro conta que “O banheiro era aquele de casinha, lá nos fundos. Aí tinha um tempo que mudava a casinha, aterrava, botava cal, aquela coisa. É uma casinha, que era feito um fosso. Quando aquele fosso tava meio completo, tu aterrava, coloca algum produto, e mudava ela.” O banho era de banheira ou em uma bacia grande e de caneca. Todos os dias era preciso esquentar água para o banho. Como não tinha uma peça própria para tomar banho, a higiene pessoal era feita no quarto.

Também é no espaço da casa que acontecem as refeições. Neste contexto, onde o tempo da natureza organiza o cotidiano da comunidade a alimentação também apresenta suas particularidades, seja pelo tipo de solo ou pelo tempo da pesca, tempo de plantar e tempo de colher.

Carmen Rial (2003) no artigo *Brasil: primeiros escritos sobre a comida e identidade*, diz que “no Brasil, as considerações sobre a alimentação estiveram presentes desde os primeiros momentos do contato dos europeus.” Donde, vê-se uma relação das praticas alimentares dos índios que aqui habitavam associado aos hábitos alimentares dos europeus. Assim, a base alimentar dos moradores da Praia dos Ingleses, estava relacionada à culinária dos carijós, receitas feitas a partir da mandioca, e o peixe próprio dos povos que

---

<sup>213</sup> Alcântara (entrevista realizada em 10/10/2006)

vivem em áreas litorâneas ou próximos aos rios, a união da culinária indígena quanto açoriana.

Não fazia parte do cardápio diário dos nativos dos Ingleses comerem carnes e verduras. Assim, como na França no final do século XIX, era raro a apreciação de carne nas mesas dos camponeses em dias que não fossem festivos.

*Matava boi aqui, de sábado em sábado. Quem matava um boi saía nas portas para oferecer carne, para o meu pai e outras pessoas. – Seu Fernando, vim oferecer um quilo de carne para o senhor. Vou matar um boi amanhã. – eu quero uma arroba, meia arroba, cinco quilos, era assim. Hoje, você vai e compra carne no mercado, né, no açougue. (...)*

*Hoje, é tudo na base da carne, arroz, macarrão, batata, senão nossos filhos não comem. Naquele tempo não, se fazia biscoito na venda, beiju de farinha de mandioca, era biscoito, era bolachão. Na venda tinha rosca de polvilho. As mulheres faziam rosca e iam oferecer nas portas das casas.*<sup>214</sup>

O método de conservação da carne e do peixe era salgar “o que comia fresquinho, comia. O que não comia, salgava e botava no sol. Era peixe, era tudo. Tinha varal de peixe”<sup>215</sup>

Dona Ilda e Dona Helena reclamam da comida de antigamente, “A alimentação naquele tempo era muito ruim, não tinha o que se tem hoje. A manteiga como se compra, isso naquele tempo não tinha. Pão, fomos comer bem mais tarde. Um tempo apareceu aqui um padeiro num cavalinho, vendendo pão.”<sup>216</sup>

O pão branco sempre esteve associado a certo *status*, na Europa era uma prerrogativa de príncipes. Segundo Rial (2003) em Portugal o pão de farinha de trigo destinava-se somente aos ricos. No Brasil, conforme observa Freyre<sup>217</sup>, a família real dissemina o hábito elitista de comer pão: pão branco para os brancos e pão preto para os demais. O açúcar produzido em abundância no Brasil igualmente carregava o *ethos* de produto destinado aos europeus.

O café também, era produzido na região, Seu Oswald conta com detalhes como o café era preparado, era uma atividade, desenvolvida principalmente pelas mulheres.

<sup>214</sup> *Idem.*

<sup>215</sup> Seu Oswald (entrevista realizada em 15/05/2005).

<sup>216</sup> Dona Nenén (entrevista realizada em 10/06/2005).

<sup>217</sup> FREYRE, Gilberto. Casa-grande & Senzala. Rio de Janeiro, Record, 2002.

*Nossas mães socavam o café, apanhavam o café verde. Maduro, né. Apanhavam, ponhavam no sol, secava, depois botava no pilão com a massa socando, ai botava no torrador, no fogo, com uma pazinha mexia, quando o café ficava bem pretinho ai socava outra vez, tinha uma peneirinha, peneirava o café, aquele grosso colocava outra vez para secar e aquele fininho ficava na vasilha, depois que enchia uma lata, fazia café por uma semana, com o pó de café. Claro, e era melhor, o melhor café, puro. Era puro.*

Havia épocas em que a variedade da alimentação era precária, se a safra não fosse boa, comia-se muito mal. “Aqui a maioria era criado com mandioca e peixe da praia.”<sup>218</sup> A precariedade alimentar nos Ingleses também estava relacionada à falta de dinheiro, falta de conhecimento de técnicas de plantio e devido ao tipo de solo, arenoso.

*De primeiro era tudo daqui, não era nada de fora. (...) Se fosse como de primeiro, não comprava nada no supermercado. Porque o amendoim tinha aqui, a farinha (mandioca) tinha aqui, o aipim tinha aqui, a batata tinha aqui, o repolho, tinha tudo. A laranja até era nojento no tempo da laranja, de tanta que tinha. A gente ia comprar, porque nós comprávamos, mas eles davam sacos e sacos de laranja.<sup>219</sup>*

Quem queria comer tinha que plantar. Os moradores da orla tinham sua horta junto às casas, plantavam repolho, mandioca, feijão, café, amendoim, banana, cebola e alho, alguns tinham umas vaquinhas, ou cabras para o leite.

Mas, a área destinada à agricultura era o Sítio, onde a terra era mais propícia ao plantio pelo tipo de solo.

*Na comida sempre tinha o feijão, naquele tempo o arroz não era muito. Arroz a gente não comprava muito, mas o feijão todo mundo tinha sua colheita, tinha seus animais, umas duas vaca de leite, tinha o seu leite, quem não tinha comprava, ganhava dos vizinhos. Tinha muitas frutas nos pomares, laranja e todas as espécies de frutas. O que não tinha a gente ia pedir e as pessoas davam.<sup>220</sup>*

Os quitutes e iguarias como: o beiju, a cocada e a pamonha faziam parte do cardápio das festividades.

<sup>218</sup> Dona Ilda (entrevista realizada em 10/06/2006).

<sup>219</sup> Dona Tarsila (entrevista realizada em 03/05/2005).

<sup>220</sup> Dona Ilda (entrevista realizada em 10/06/2006).

Mas, Seu Mário lembra que muitas pessoas não tinham o que comer, principalmente no “tempo de miséria” quando a natureza não lhes fornecia os alimentos necessários.

*O tempo da miséria que se chamava, enquanto se comia frango, lingüiça ou carne seca, carne seca hoje é comida para rico, mas naquele tempo era para pobre, coisa de pobre, quando não tinha peixe, aí, era o tempo da miséria. Mas tinha gente que não tinha dinheiro para comprar lingüiça ou a carne seca. Tinha venda que aceitava a permuta, o cara trazia uma caixa de ovos, e trocava por carne seca, o cara trazia pamonha, o dono da venda comprava pamonha para vender, e dava ovos ou carne seca, e faziam as trocas de produto. Isto era muito comum, a troca com as vendas.*

Devido a falta de assistência médica e as más condições sanitárias, o índice da mortalidade infantil era bastante elevado, não se sabe precisar em dados estatísticos, pois poucos faziam registros de nascimento e óbito, mas são muitos os relatos de morte de crianças naquela época. Seu Mário conta que “a metade, normalmente, morria na primeira infância, de vermes, má nutrição e subnutrição (...) a má nutrição, porque mesmo o peixe sendo bom, e forte, as pessoas não tinham o costume do consumo de vegetais, e das outras proteínas e vitaminas que precisavam.”

Antigamente o cartório mais próximo era no Rio Vermelho, a estrada era um caminho, uma trilha de estrada de boi, o que dificultava o acesso aos registros, por isso

*muitos (pais) deixavam de registrar (os nascidos). Eu fui registrada com uma irmã minha, houve um erro eu mandei buscar minha certidão e mandarão a certidão da minha irmã. Os cartórios faziam muitos erros. Na certidão eu tenho 86 anos. Tenho 80 anos. Você conhece a Valdanei, somos gêmeas, eu e ela, na certidão somos gêmeas. É que os pais pra não pagar, muitos registravam as duas juntas, porque pagava o registro das crianças era pago.<sup>221</sup>*

A fome também estava presente nas famílias em que os maridos saíam para pescar em outras cidades como Rio Grande e São Paulo, deixando a mulher e os filhos pequenos abandonados à sorte, vivendo e comendo aquilo que recebiam de doação dos vizinhos e parentes. Dizem que alguns chegavam a comer ratos em “tempo de miséria”.

Em meio a tanta simplicidade, e falta de dinheiro, organizar e manter a casa dava muito trabalho. Trabalhava-se muito e ganhava-se pouco.

---

<sup>221</sup> Dona Ilda (entrevista realizada em 10/06/2006).

### 3. O trabalho e a economia de subsistência

Viver em uma comunidade pesqueira e agrícola, e, com poucas fontes de rendimentos, sem dúvida reclama trabalhar muito para garantir a sobrevivência. Desta forma o trabalho diário era organizado e distribuído; enquanto os homens ocupavam-se na atividade da pesca e da agricultura, as mulheres desempenhavam o trabalho do lar. Dona Ilda lembra que, “E, assim passava o tempo na lida da casa e os homens na pesca e na lida da roça.”

Era preciso tirar da natureza, da terra e do mar a sobrevivência da família. Por muitos anos as atividades desenvolvidas pelos nativos dos Ingleses eram somente de subsistência, não obstante sempre procuravam alternativas para ganhar algum dinheiro.

A prática de divisão social do trabalho na comunidade dos Ingleses organizava o trabalho, não no intuito de subjugar o trabalho das mulheres em detrimento ao dos homens. É importante perceber que tanto as mulheres demonstravam imenso respeito pelo trabalho desenvolvido pelos homens, como os homens reverenciam e admiram o trabalho das mulheres, de cuidar dos filhos e da casa, da lavoura, e de trabalhar na renda e nos engenhos para ajudar financeiramente os maridos. Na comunidade dos Ingleses de antigamente não existiam as construções de trabalho “produtivo” ou “improdutivo”, portanto “o papel da mulher é tão econômico quanto o do marido”.<sup>222</sup>

O dinheiro circulante na comunidade era parco e adquiriam-no, principalmente com a venda do excedente da pesca e da lavoura e com a venda da renda de bilro, atividades locais. Outra meio de obter algum dinheiro era sair da cidade, e lançar-se no trabalho da pesca nas cidades de Rio Grande (RS) ou São Paulo (SP). Não almejavam trabalhar no centro de Florianópolis, pois além da dificuldade de locomoção, dizem que “lá no centro o emprego também era difícil”.<sup>223</sup>

Muitos homens na idade de 18 anos, 20 anos iam trabalhar na pesca, principalmente, na cidade de Rio Grande, “porque antes era tudo pescador, e o que eles ganhavam era só para se manter, e manter sua família, não sobrava nada para outra coisa.

---

<sup>222</sup> PAULILO, Maria Ignez. **Trabalho doméstico:** reflexões a partir de Polanyi e Arendt. Palestra apresentada no 1º Seminário Internacional Mulheres no Meio Rural: experiências e Perspectivas. Universidade Estadual de Campinas, 27 a 28 de abril de 2005.

Então, a maioria dos pescadores dos Ingleses, a maioria trabalhava na Praia do Cassino, lá na cidade de Rio Grande”<sup>224</sup>. Alguns ficavam, um mês, dois meses em casa e um ano ou dois anos em Rio Grande, mas a maioria ficava de março a dezembro.

A única forma de comunicação com os pais, mulheres e filhos, que ficavam na comunidade, era através de cartas, no entanto era raro o carteiro vir até o bairro; então eram os próprios pescadores que iam e vinham de Ingleses para Rio Grande, que traziam as correspondências e o dinheiro das economias. Quando os pescadores retornavam para Rio Grande, levavam notícias dos familiares que ficaram.

A necessidade de ter que trabalhar na pesca em Rio Grande, fazia com que muitos pais, não pudessem acompanhar o crescimento dos filhos, Seu Guilherme conta, que ficavam tanto tempo em Rio Grande, que quando chegava em casa os filhos já estavam grandes. Dona Anita, lembra que no dia do seu casamento o pai dela não estava, porque “meu pai foi trabalhar no Rio Grande, quando eu me casei ele nem estava no casamento. Não, não estava. Quem me apresentou no lugar do meu pai, foi meu avô, pai do meu pai.”

Os pescadores de Ingleses que foram trabalhar na pesca em Rio Grande do Sul, lembram o quanto era difícil chegar até lá, “a gente passava muito trabalho para ir para lá. Como a gente não tinha dinheiro, tinha que ir de caminhão. Ia na carroceria do caminhão. A maioria era tudo estrada de barro, quando a gente chegava lá tava duro do vermelhão do pó da estrada.”<sup>225</sup>

A viagem durava dois, três dias, conforme estavam às condições da estrada, chegavam a passar fome e frio. Seu Guilherme diz, “era muito difícil, passávamos muito trabalho.”

A pescadinha, um peixe típico da região da Praia do Cassino, tinha grande valor monetário, e para muitos representava uma possibilidade de melhorar as suas condições de vida.

Para as necessidades básicas do cotidiano a natureza lhes oferecia o que há de melhor, abundância de peixes em variadas espécies, verduras e frutas frescas tiradas do pé, água potável farta na região, além de gozarem o privilégio de viver em um lugar cuja paisagem revela rara beleza.

---

<sup>223</sup> Seu Raul (entrevista realizada em 03/10/2006).

<sup>224</sup> *Idem.*

<sup>225</sup> Seu Cassiano (entrevista realizada em 04/02/2007)

Seu Manuel lembra que “... era uma época de fartura, era na lavoura. Naquele tempo dinheiro não havia. Naquele tempo quem tinha 500,00 cruzeiros no bolso, era um ricoço.”

Os homens que ficavam na comunidade, dividiam o tempo entre a pesca e a roça. Seu Manuel conta, “todos trabalhavam na lavoura, todo mundo, e nós tudo aqui também era pescador. Eu era pescador, eu era roceiro. Tinha engenho de farinha, tinha gado, tinha carro de boi. Trabalhava até ao meio dia na roça e à tarde ia para rede.”<sup>226</sup>

*Nossos pais eram lavradores, plantavam mandioca, milho, feijão, para comer, mas quase todos eram pescadores, né. Era um tempo de muito peixe (...) Vivia da pesca e da roça, era muita gente plantando naqueles morros.*<sup>227</sup>

O trabalho da pesca ocupava menos gente que a lavoura, alguns homens ficavam o dia inteiro no rancho de pesca, arrumando rede e esperando o peixe. Assim, muitos pescadores não mantinham uma relação direta com a agricultura, no entanto, todos os agricultores eram pescadores também. As hortas familiares eram mantidas pelas mulheres e filhos dos pescadores, pois:

*Quem pescava vivia na praia. Era tainha, sabe. A tainha é assim, as pessoas que pescam tainha, tem que estar no galpão o dia todo, né. (...) tem que esperar, ela vem de repente, entende? Ela vem de repente, sem esperar ela vem. Os homens tem que estar ali o dia todo, até fazem comida no galpão, no rancho, é assim.*<sup>228</sup>

Mas, todos tinham sua horta, cada família dispunha do seu pedaço de terra, onde produziam o necessário para o consumo da casa, e “alguma coisa ainda dava para vender” ou trocar.

As crianças também ajudavam na plantação e na pesca, Seu Oswald lembra, que desde os 14 anos, 15 anos já trabalhava ao lado do pai, com sua enxadinha, naquele tempo trabalhava-se muito ajudando os pais, “Trabalhando, nosso pai com a enxada dele e a gente com a nossa, com chapéu de palha, sol quente trabalhando. Plantava mandioca, plantava feijão, plantava milho, plantava melancia, tinha café, tinha laranja, tinha o terreno cheio de galinha.”, mas as galinhas quem cuidava era a mãe.

---

<sup>226</sup> Idem.

<sup>227</sup> Dona Ilda (entrevista realizada em 10/06/2006).

<sup>228</sup> Dona Helena (entrevista realizada em 01/03/2006)

O excedente da produção local, como o peixe, a farinha, banana, mandioca, era comercializado no centro ou trocado por outras mercadorias, “Nós comprávamos as coisas que faltava, comprava açúcar, as coisas que faltava em casa porque muita coisa a colheita não agüentava o ano todo, né.”<sup>229</sup>

Seu Oswald conta, que “matava o peixe aqui e levava nos barcos e baleeiras, para a cidade, para Itajaí, Joinville, para todo o lado.” O peixe escalado era vendido em arroba.

A troca também era uma prática comum tanto entre os moradores dos Ingleses, com os comerciantes do bairro e do centro, “botava aquele peixe escalado no cavalo e ia para o centro. Vendia para aqueles donos de venda, para os colonos (...) vendia peixe trazia sabão, trazia querosene, trazia tudo Muitas vezes o peixe levado para o centro, era trocado por outras mercadorias, “aqueles colonos davam as coisas para a gente, entende?”, em troca do peixe<sup>230</sup>

Entre os moradores era habitual trocar peixe por frutas ou ovos, ou peixe por lenha. As vendas, como os estabelecimentos comerciais do bairro eram chamados, funcionavam à base da venda ou da troca, Seu Oswald conta que “o dono da venda ia para a cidade fazia rancho, e o caminhão trazia, entende? ... Era querosene, era sabão, era saco de açúcar grosso, quase não tinha açúcar branco.”

Assim, enquanto os homens cuidavam da lavoura e pescavam, havia muito trabalho para as mulheres, cuidar das crianças, lavar roupas nos rios, buscar lenha e água, preparar a comida, arrumar a casa, costurar, fazer renda de bilro. Aquelas mulheres que os maridos iam trabalhar na pesca em Rio Grande, também precisavam dedicar-se ao cultivo da lavoura e cuidados com os animais (gado bovino, caprino e galinhas)

Apesar de todos e todas conhecerem-se no dia-a-dia, não sobrava tempo para um convívio entre os moradores do bairro, passavam o dia envolvido nas suas tarefas. Tinham muito trabalho à fazer, sobrava pouco tempo para as relações de vizinhança, assim, o trabalho representava importante espaço para o convívio, os homens no galpão de pesca, e as mulheres nas lagoas das dunas e rios onde lavavam as roupas.

Dona Helena lembra, que todos os dias pela manhã, ia com filha mais velha, de “balaia”<sup>231</sup> na cabeça para lavar roupas na dunas:

---

<sup>229</sup> Dona Ilda (entrevista realizada em 10/06/2006).

<sup>230</sup> Seu Oswald (entrevista realizada em 15/05/2006)

<sup>231</sup> Balaia – balaio redondo de taquara – os balaies eram confeccionados pelos moradores do Sítio.

*... naquela época agente usava balaia, sabes o que é balaia? (não, eu não sei) Não sabe... (risos). Balaio cheio, era um balaio redondo de taquara. Botava aquela roupa dentro, e nós íamos lavar lá, lá naquele canto de lá. Lá onde é as dunas, lá onde tem a favela. Porque lá não tinha aquela favela, porque não tinha ninguém morando lá, ninguém. Era isolado. Então a lagoa enchia de água e nós íamos lavar roupa, lá. Nós deixamos a roupa lá, um dia, dois, batitinha na areia... era tudo batida na areia, para ir outro dia lá torcer. Aí, ninguém mexia nada. É, ensaboava e botavam na beirinha, era uma maravilha. Mas agora acabaram com tudo, botaram aqueles favelados lá. Era uma fonte. Muita roupa lavei lá nos combros. Eu e a minha filha íamos de balaio cheio, lá lavar. Era tanto trabalho... Chegava até tonta, eu, do balaio de lavar roupa. Chegava as vezes em casa tão cansada, que o meu marido já tava fazendo comida. Todos os dias, todo. Era um trabalho, era um trabalho.*

Além de lavar roupas, buscar lenha e água, precisavam preparar os alimentos, desde de pilar o sal grosso e o café, até matar a galinha e escalar o peixe. Nas horas de folga, principalmente à noite após as crianças dormirem, as mulheres à luz da lamparina, faziam renda de bilro.

As mulheres “mais velhas” as vezes juntavam-se na casa de uma delas, com suas almofadinhas para fazer renda, “as senhoras, se juntavam três, quatro e ali elas cantavam assim: *Oh! Mulher rendeira, Oh! Mulher renda. Tu me ensinas a fazer renda e eu te ensino a namorar.*”<sup>232</sup>

Tecer a renda de bilro era uma atividade que as mulheres lembram com orgulho. A destreza para fazer belas rendas, grandes toalhas e colchas, e com muitos bicos, toda cheia com trinta, quarenta bicos. Entre tramóias e pique viam a beleza da arte que confeccionaram. Dona Tarsila conta com deleite que “tirava muita renda de cabeça”, que fazia renda para vender na Cachoeira e no Rio Vermelho, pois uma vez por semana vinha uma mulher buscar a renda para vender.

Dona Helena também, lembra que quando não estava trabalhando nos afazeres domésticos junto com a mãe, dedicava-se à renda. “Eu me casei, eu me aprontei com o dinheiro da renda. (...) vivia da renda. Eu me aprontei para casar da renda. Não era enxoval bom, mas me casei.”

Para elas naquela época era fácil vender a renda de bilro,

---

<sup>232</sup> Dona Helena (entrevista realizada em 01/03/2006)

*... nós vendíamos, fazíamos renda para vender. Andavam as rendeiras vendendo, a ia até o Rio Vermelho vender. Na porta a gente vendia por um preço e lá era outro, lá era mais caro. Depois eu passei, então a fazer e ia na Lagoa da Conceição, lá eu vendia muito bem. Me encontrava com as senhoras do Estreito, Barreiros, que faziam encomendas, aí eu levava aquelas encomendas para elas. Era uma preço melhor, e assim a gente viveu, agora esse tempo que nós estamos é maravilhoso.<sup>233</sup>*

As mulheres dos Ingleses trabalharam também nos engenhos de farinha e nas “salgas”\*, estavam sempre procurando alguma maneira para ganhar algum dinheiro que auxiliasse nas despesas do lar. As roupas também eram confeccionadas por elas, as mulheres usavam saias ou vestidos, calças compridas eram usadas somente pelos homens.

A população dos Ingleses na tentativa de sair da total estagnação econômica em que viveram por muitos anos, nas décadas de 1920 e 1930 empenham-se nas atividades do engenho de farinha e cana de açúcar. Neste período existia em Ingleses e Aranhas cerca de vinte e um engenhos de farinha e três engenhos de cana de açúcar. Nos engenhos de cana, faziam o açúcar, o melado, o vinagre, a cachaça e a guarapa ou caldo-de-cana. A cachaça era preparada no alambique.

Na região de Aranhas existiam muitos engenhos de farinha, Dona Cecília, lembra como era a divisão territorial naquela região:

*Aqui a gente contava, do cemitério para cima, aqui tinha o engenho de farinha da Tia Marcela e a casa grande. Isso era um cafezal enorme, que pegava até este restaurante aqui, aqui era um cafezal e um bananal enorme, que pegava lá do muro do cemitério até aqui no restaurante. Chama-se o pomar, com banana, com frutas, com café. (...) Isso aqui não tinha estrada, era um caminhozinho de areia que passava o carro de boi. Daí, depois tinha outra casa que também era outro pomar, pelo lado direito não tinha casa. Pelo lado esquerdo indo toda vida, lá onde tem a padaria tinha a casa da Tia Cândida, depois a casa do Seu Antero, que também tinha um engenho de farinha. Depois tinha o engenho da falecida Tia Tomazia, que era minha bisavó, depois o engenho da Tia Domisa (...) Então era assim, uma casa, um engenho de farinha e um pomar. Dava para contar as casas.*

<sup>233</sup> Dona Ilda (entrevista realizada em 10/07/2006)

\* Ver mais adiante sobre as “salgas”.

Chegava o mês de junho era a época da farinhada. Dona Cecília conta, que neste período muitas famílias iam morar nos engenhos. Lá também, cantavam as modas de engenho (ninguém sabe cantar mais).

*Então, nós íamos para o engenho de farinha. Nós íamos de muda para o engenho de farinha. O que é de muda? É um balaio com um bocado de travesseiro, um bocado de roupa de cama, umas roupas de vestir, uma chaleira, um prato, uma frigideira. É de muda. Ali ficava no engenho, um mês, dois meses, depende da farinhada. Ia toda a família. Aí, chegava no engenho, a cama estendia uma esteira no chão, botava um travesseiro todo mundo dormia. Nós íamos muito ou para o Engenho da Tia Dada, ou para o Engenho da Tia Flor. (...) Nós íamos de muda. Aí, meu pai fazia um fogão, fazia quatro pé, botava um barro, botava dois tijolos, botava dois ferros, e ali a minha mãe cozinhava. – Iam muitas famílias para lá. Não, no caso a família da minha mãe, quando terminava a farinhada entrava outra. Ali, não se pagava aluguel, nem nada. Aí, chegava a mandioca, todo mundo sentava ali na roda, raspava a mandioca, forneava, fazia o beiju, o cuscus, faziam rosca.*

No entanto, devido à falta de equipamentos modernos os engenhos logo perderam mercado. Os engenhos no período de safra, também empregaram algumas pessoas, que iam ajudar as famílias nas farinhadas, Dona Helena lembra da época em que a mãe trabalhava no engenho, forneando, para ajudar o marido financeiramente.

Nas décadas seguintes, os senhores Gentil Matias da Silva e o José Fernandes da Silva (considerados por alguns como os “coronéis” da comunidade) passaram a investir na pesca artesanal, no período entre as décadas de 1940 e 1950, a pesca nos Ingleses está no auge. Nesta época era possível encontrar na comunidade aproximadamente quarenta redes de pesca e em 1957 existiam cerca de 47 ranchos de pescador. O crescimento da atividade pesqueira despertou o interesse no comércio do peixe semi-processado, e surge na década de 1960 as salgas. “Teve um ano que tinha 9 fábricas de produzir peixe escalado”, lembra Seu Plínio. As salgas, no contexto histórico econômico dos Ingleses, representaram a primeira estratégia efetiva na comunidade para ganharem dinheiro.

A primeira salga foi fundada em 1962 por Gentil Mathias da Silva. No entanto, conforme observa Nunes<sup>234</sup> as salgas “tiveram vida ativa efêmera” de 1962 à 1974, mas denotou “o processo inicial de industrialização do pescado, criando novas relações de trabalho”.

Seu Oswald, filho do Gentil Mathias da Silva, proprietário da maior salga, conta que “o pessoal daqui trabalhava tudo da pesca, era mulher, era rapaz, moça, na salga do peixe. Tinha muita gente trabalhando para mim naquela época”.

Por volta de 1964 e 1965, a família Gentil, instalou uma firma de pescado no centro, compraram barcos e caminhões para transportar o peixe da salga. Seu Raul lembra que nesta época foi trabalhar com eles de caminhoneiro.

*Então eu transportava, eles vendiam peixe daqui para Rio de Janeiro e São Paulo, e o peixe salgado que saía da salga do pai deles ia para o nordeste, Salvador, Recife, Paraíba e eu transportava. Eu cheguei a transportar peixe salgado para o nordeste. Levava daqui a Recife 7 dias, Salvador, mais ou menos 6 dias, 5 dias e meio, mas não viajava a noite, para só a noite para dormir. Paraíba e João Pessoa, também levei, era 7 dias, 7 dias e meio.*

O trabalho nas salgas podia ser comparado ao trabalho de extirpação e da salga do peixe que era realizado nas casas conforme descreveu Virgílio Várzea, em 1900. O trabalho de escalar peixe nas cozinhas das casas era realizado principalmente pelas donas de casa e moças, que com muita destreza e alegria muitas vezes entravam madrugada a dentro na tarefa de abrir o peixe pelas costas, lanhar no sentido longitudinal, extrair a guelra, as ovas e a banha. O trabalho “só terminava quando a última tainha era escalada”. A banha extraída da tainha depois era derretida e transformava-se num azeite que era utilizado nas lamparinas.<sup>235</sup>

Era uma grande variedade de peixes, sardinha, bonito, bagre, palombeta, corvina, peixe galo, roncadour, que garantiam o trabalho da pesca o ano todo. Mas, era na época de safra de tainha que as atividades nas salgas não paravam, era dia e noite. È neste momento que os nativos da Praia dos Ingleses, começam a experimentar a aventura de ter uma atividade remunerada no bairro, ganhavam por produção. Pois o trabalho nos engenhos de

---

<sup>234</sup> NUNES, Amarildo Marçal. **Considerações acerca da Pesca no Distrito de Ingleses do Rio Vermelho.** Florianópolis, UFSC, 1995. (monografia de conclusão do Curso de Geografia), p. 25.

<sup>235</sup> VÁRZEA, Virgílio. (1985), p. 168-170.

farinha muitas vezes não lhes rendia dinheiro, era somente para garantir de o sustento da família o ano todo.

O trabalho na salga, conforme contou Dona Tarsila, acontecia com o peixe pescado na localidade, bem como, de peixes que vinham do centro, em caminhões para ser semi-industrializado nas salgas dos Ingleses.

*Que “tola”, tinha vezes que era duas noites, três noites, o dia todo, nós virávamos. Na época da tainha, porque aqui de primeiro, quanto mais cercava mais vinha. Daí eles pegavam ou compravam aquele monte de peixe, tainha. (...) Uma vez, foi uma escalada de três dias. A ova nós furava, para trazer para casa. Porque a ova, eles não queriam as furadas, queriam só as boas. Aí nós fazíamos que estávamos escalando (mostrava como furavam escondido) e furávamos a ova, para trazer para casa.*

Os engenhos de farinha e a salga tiveram papel importante na economia local, mas é a economia do turismo, a partir dos anos de 1970 que irá modifica completamente as relações econômicas da população dos Ingleses.

Aos poucos, a atividade da pesca foi decaindo, as salgas não existem mais, nem atividade nas plantações. As propriedades dos pescadores e agricultores aos poucos foram tornando-se lotes, que foram vendidos para veranistas, turistas e grupos de interesses econômicos voltados para o turismo. E o turismo torna-se a atividade econômica mais rendosa para estas pessoas, tendo em vista que suas propriedades passaram a ter grande valor monetário, em uma época em que existiam terras em abundância.

Com a economia do turismo as relações sociais alteram-se significativamente, os laços de vizinhança acercam-se, pois as grande propriedades tornam-se lotes, a relação com o “outro” o vindo de “fora”, torna-se mais constante.

#### 4. O tempo e o espaço das relações sociais e políticas

Conforme já mencionado, o espaço das relações sociais cotidianas estava diretamente relacionado com as atividades desenvolvidas por cada pessoa na comunidade. As mulheres bastante atarefadas com os trabalhos do lar, pouco tempo tinham para estabelecer relações de vizinhança “naquele tempo a gente quase não procurava ir nas casas uns dos outros, ficava fazendo o serviço da gente, lavando roupa, que se lavava nas fontes, não tinha poço”<sup>236</sup>.

Então os espaços de sociabilidade ficavam muito restritos, aos bailes, domingueiras, às festas da Igreja, conforme veremos mais adiante, além do ônibus.

É, o ônibus, também, representa um importante espaço de sociabilização, permitindo uma comunicação entre a comunidade dos Ingleses, a cidade, e as coisas da cidade. Como não existia televisão ou rádio, a forma de contato mais direta com o restante do mundo era através das informações orais de pessoas que iam e vinham.

*O ônibus tinha um papel importante, porque, ao chegar no ônibus pela manhã, sabia-se o que acontecia no bairro. As “fofocas”. Não só as “fofocas”, é no sentido pejorativo da coisa. As informações. Então, todos ficavam sabendo de tudo. Na volta era a mesma coisa, traziam novidades de lá (cidade). Então, era interessante isto. A gurizada podia trazer sonho, podiam trazer carne, carne aqui era iguaria.*<sup>237</sup>

Mas, quebrando a rotina, eram as festas da igreja o maior e mais intenso espaço de sociabilização, não somente entre os moradores, mas também, com pessoas das comunidades vizinhas e do centro.

*A igreja tinha esta força de atração, ela tinha uma função muito importante social, não somente religiosa e espiritual, mas ela tinha função importante na firmação social da comunidade. Então, quando o padre vinha, ou o bispo, que eventualmente vinha, era uma grande festa em tudo. Era tudo sadio.*<sup>238</sup>

---

<sup>236</sup> Dona Anita (entrevista realizada em 15/05/2005).

<sup>237</sup> Seu Mário (entrevista realizada em 23/01/2005)

O maior espaço público - a praia (pois paralelo a orla não existiam ruas, e no restante eram caminhos), era bastante praticado no dia-a-dia, era onde tudo acontecia.

Como o número de moradores era bastante reduzido, todos se conheciam e sabiam a que família pertenciam, desenvolvendo hábitos de relacionamento bastante respeitosos e amigáveis, naquele tempo, “era falta de respeito passar pelos mais velhos e não pedir benção”<sup>239</sup>.

Na coletividade, a população dos Ingleses não costumava unir-se para protestar ou reivindicar suas necessidades. Não costumavam fazer manifesto reivindicando melhorias para a comunidade ou qualquer coisa deste gênero.

Os moradores dos Ingleses acompanhavam a política, quando possível, mas, não se envolviam. Em época de campanha, os políticos vinham “faziam as promessas, e a gente entrava no papo deles, né.”

“A política? No meu tempo, aqui era tudo certo. Porque era a eleição, era só. Os da antiga não tinham este negócio de partidos, era só dois, só. Então, a gente ia lá e votava.”<sup>240</sup>

As eleições aconteciam no Grupo Escolar Gentil Mathias da Silva. No dia da eleição era uma festa, matavam dois, três bois nos campos ao redor da escola, todos juntavam-se para “acompanhar o movimento das eleições”.

A única forma de organização política no bairro estava relacionada aos intendentes, que eram considerados como um prefeito do lugar. Mas, esta organização ficava bastante restrita a ação do intendente, e o grupo de familiares direto.

Antigamente era um único intendente para as comunidades de Rio Vermelho e Ingleses, depois passou a ter um para cada comunidade. A separação das intendências acontece antes do desmembramento dos Distritos.

*Mas ainda era assim, se o PSD ganhava era o meu avô, José Fernandes, quando a UDN ganhava era o falecido Gentil. Só tinha dois partidos políticos, era a UDN e o PSD. Então meu avô era da PSD, Seu José Fernandes era PSD. Quando o governo mudava, o prefeito municipal que nomeava o intendente. Eles eram como os coronéis, né. Eles comandavam tudo. Quando o prefeito da UDN ganhava o intendente era o Gentil, quando o PSD ganhava o intendente era Seu José Fernandes.*<sup>241</sup>

---

<sup>238</sup> Seu Mário (entrevista realizada em 23/01/2005)

<sup>239</sup> Dona Cecília (entrevista realizada em 01/03/2006)

<sup>240</sup> Dona Rachel (entrevista realizada em 03/10/2006).

Assim, a política nos Ingleses acompanhava a política do município sede - Florianópolis. Isto significava que na comunidade, também existia uma rivalidade política, e cada intendente queria demonstrar mais sua influência no meio político. Cada intendente tinha seus líderes na política, a energia elétrica foi um benefício do intendente José Fernandes; enquanto que o Colégio Gentil Mathias foi construído na gestão do Gentil, quando o prefeito era o Paulo Fontes, da UDN.

A “rivalidade política” interferia diretamente nas relações entre famílias. Pois, além do Gentil e do Fernandes, serem os líderes políticos da comunidade, eram eles também os donos das redes de pesca. Estas questões provocavam algumas “rixas” entre famílias. E, por muitos anos era proibida a união (casamento) entre as duas famílias. Somente na segunda geração estas rivalidades entre famílias começam a ceder.

Seu Raul, um apaixonado por política desde a juventude, hoje, acompanha os sobrinhos e parentes candidatos, e lembra com muita emoção do primeiro comício que ele a oportunidade de presenciar, no final da década de 1950:

*O primeiro comício que eu participei. Que eu participei, eu era garoto acho que eu tinha uns 14 anos, foi na eleição do Ex-Governador Jorge Lacerda. Eles fizeram um comício na casa do tio Gentil e estava presente, o Jorge Lacerda, Irineu Bornhausen, o pessoal do Bulcão, e vários outros que acompanhavam eles. Naquela época era o partido da UDN, e foi justamente o Jorge Bornhausen que era filho do Irineu Bornhausen, ele também era adolescente, ele já tinha 18 anos, 19 anos por aí. Eu me lembro que ele... a única coisa que eu me lembro, quando todo mundo falou, discursou em cima daquele palanque, quando o Jorge Lacerda terminou de discursar, ele saiu corrido de onde estava, e pulou em cima do palanque e começou a discursar. Eu observei que dali, que daquela data em diante começou a carreira política do Jorge, do Jorge Bornhausen. Porque ele era garotão. Isso me marcou muito. A atitude dele, de querer entrar, a ansiedade de entrar na política. Saiu corrido subiu no palanque e começou a discursar, e discursou muito bem. Discursou muito bem.*

Deste modo, pode-se dizer que as relações sociais nos Ingleses estava permeada pela política nacional, e esta invadia nas relações comunitárias, provocando a cisão nos núcleos familiares.

---

<sup>241</sup> Seu Carlos (entrevista realizada em 10/10/2006).

Entretanto, as famílias eram tão “fechadas”, que era comum acontecerem casamentos entre primos. Estes casamentos chegavam a ser meio que “arranjados” pelos pais. Como o caso da Dona Anita e o Seu Plínio:

*Ele é meu primo. A mãe dele é irmã do meu pai. Ai ela queria que ele se casasse, ele tinha namorada fora, tudo. Mas, eu não tinha muito namorado, quase não gostava muito de namorado, não. Ai, a mãe dele queria muito que ele procurasse por mim, casasse comigo. Ai, nós começamos a namorar, ficamos noivos e casamos.*

Portanto, um bairro na sua estrutura não está somente relacionado a uma divisão topográfica e geográfica, mas as divisões simbólicas da comunidade. Que mesmo aparentemente homogênea apresenta suas divisões de pertencimento ao um grupo ou outro. Uma pessoa dos Araçás dificilmente casava, com uma pessoa das Companhas. “Aí depois, começou a casar, um daqui (Ingleses) com ali Aranhas, ou daqui com Sítio. Ai, começou. Tinha esta coisa. Quer ver aqui com o Rio Vermelho, aqui com qualquer outro lugar.”<sup>242</sup>

Isso significa que, além da divisão no interior do bairro, a coletividade também preservava o sentimento de pertencimento ao bairro. E, o “bairrismo” era igualmente revelado pelas relações matrimoniais, no jogo de futebol, no lugar da pesca.

Na comunidade dos Ingleses, no entanto, não haviam divisões religiosas. Até mesmo porque, existia apenas um templo para suas manifestações religiosas, e a igreja Nossa Senhora dos Navegantes era o lugar de maior coesão social. Onde as pessoas demonstravam os valores morais, religiosos e éticos da comunidade.

Muito antigamente, contam os nativos mais velhos, o Costão do Santinho também era um lugar de manifestações de fé. “O Costão do Santinho é o costão do norte, onde tem aqueles riscos na pedra, aquelas coisas, que os antigos consideram como um morro do santo. Onde faziam promessas acendiam velas, tudo lá. Mas, depois este santo foi tirado de lá.”<sup>243</sup>

No entanto, a divisão racial existia, pois em festa de branco preto não entreva, e em festa de preto, branco entrava. Nas atividades de lazer a divisão racial era bem estabelecida, no cotidiano, aparentemente a divisão não era tão enfática.

*Era o respeito senhora. Olha eu vou lhe falar a verdade... naquele tempo, aqui em cima um caminhozinho só. E levantou um fogaréu*

<sup>242</sup> Alcântara (entrevista realizada em 10/10/2006)

<sup>243</sup> Seu Carlos (entrevista realizada em 10/10/2006).

*no mato. O preto veio, o preto era ligeiro, sabe. Era ligeiro e muito bonzinho. Se não fosse ele ajudar eu passava trabalho. Ele chegava lá, tirava o chapeú. Lá em baixo na praia também, tinha um moreno lá, que se chamava “tio Acácio”, era um preto que tinha um pé deste tamanho assim (mostrava com as mãos o tamanho grande). Era um baita de um homem, tinha a força de um bicho. Então eu conhecia ele. Eu trancava a cabeça dele na minha perna, eu brincava com ele que suava. Um preto com um branco.*<sup>244</sup>

Todavia, existem relatos de divisão racial, Dona Tarsila, afrodescendente, diz que naquela época havia racismo “sim, preto não dançava com branco e branco não dançava com preto.” Se um preto entrasse num baile de branco apanhava. Na época do carnaval existiam dois blocos de carnaval, um bloco de brancos no salão do Carlos, e o “Bloco das Morenas” numa casa do Gentil, perto da salga. Os blocos pagavam licença para sair na rua, a taxa era cobrada pela polícia local, o delegado Sr. Manoel Paulo - Mané Paulo.

*Sáímos para arrumar dinheiro por ai, para pagar. Aí, saímos. E o negro, o negro quando abre as guelas é aquilo, quando e como dança, é, por ali á fora. Quando passamos ali no Carlos, para dar a volta, os brancos queriam vir para o nosso bloco, o bloco dos pretos. Ai nós dissemos não, aqui só dança preto. - Há! Mas aqui tá melhor do que o de lá. - Não, mas aqui só preto.*

Hoje, o discurso racista, está bastante suavizado, pelos referencias do presente, branco “e preto e tudo igual, e depois é tudo mesmo sangue. Deus é um só, não há dois deuses”.<sup>245</sup>

O delegado de polícia era nomeado pela comunidade, e as leis eram determinadas por ele. Quando acontecia alguma briga ou desentimentos, quem resolvia era o delegado, porque as vezes aconteciam brigas nos bailes e festas, principalmente com o pessoal que vinha de fora. Seu Mane Paulo foi delegado por mais de vinte anos, e a delegacia era na casa dele, se precisasse prender alguém ele levava para sua casa, “Daí o delegado prendia, umas horas, cinco, seis horas daí o delegado soltava. Era só para dar um corretivo”.<sup>246</sup>

---

<sup>244</sup> Seu Manuel (entrevista realizada em 20/06/2005).

<sup>245</sup> Idem

<sup>246</sup> Seu Raul (entrevista realizada em 03/10/2006).

## 5. Os espaços das festas religiosas, carnaval e domingueiras

Os relatos têm o poder de remeter o ouvinte aos inúmeros espaços, de fazer viver ou reviver os acontecimentos; conforme observa Certeau, “os relatos efetuam portanto, um trabalho que, incessantemente, transforma lugares em espaços ou espaços em lugares”.<sup>247</sup>

Os espaços das festas, das celebrações, das domingueiras e do carnaval permanecem muito vivo na memória dos nativos. O júbilo de ter vivido experiência de namorar, dançar, conviver com os amigos e parentes, era um bálsamo para a vida “dura” e “difícil”.

Neste sentido, conforme descreveu Marcon, as festas para os antigos moradores do Córrego Grande, ocupavam uma posição privilegiada no quadro nativo de representações. Isso, acontece, igualmente com os antigos moradores dos Ingleses, evidenciando-se um panorama dicotômico, “de um lado, as árduas atribuições diárias, obrigatórias, imprescindíveis à sobrevivência da unidade doméstica e, de outro, as festas religiosas, as domingueiras e o carnaval.”<sup>248</sup>.

Os bailes, domingueiras e carnaval são lembrados com muita exaltação e veemência. Principalmente, porque, os bailes era o espaço para namorar, e onde, comumente, os namoros começavam. “O namoro a gente se encontrava nas domingueiras (...) a gente almoçava, quando era duas horas já estava se arrumando para ir dançar. Era ali que a gente namorava (...) a gente se via nos bailes, só se via nos domingos, dia de semana não.”

Depois, quando o namoro ficava mais “sério”, era permitido ao namorado ir até a casa da família da namorada, os pais acompanhavam de perto a conversa, era tudo muito discreto, “para dar um beijo na namorada era escondido, deixava o pai e a mãe sair para dar um beijo”, conta Seu Oswald.

Isso não significa que não havia as transgressões de condutas morais, como casos de moças que fugiam com os namorados, casos de infidelidade e mesmo bigamia (homens com duas, três esposas).

---

<sup>247</sup> CERTEAU, Michel de. (1994).

<sup>248</sup> MARCON, André da Lança. (2006).

Os mais namoradores e “farristas” se deslocavam para as comunidades vizinhas, Seu Oswald diz que tinha uma namorada em cada lugar, “chegava final de semana saia a pé, entre três ou quatro rapazes, e iam dançar em Canasvieiras, Ponta das Canas, Barra da Lagoa, Rio Vermelho, em todos os lados, vinha quatro horas da madrugada embora”.

As domingueiras aconteciam no domingo à tarde, faziam ou no salão de baile da igreja, ou nas casas dos próprios moradores. Mas, também, havia os bailes, que inicialmente faziam nas casas, depois algumas casas transformaram-se em salão de baile, bastava uma gaita e um pandeiro para a festa começar, depois já aparecia a temperada (cachaça que eles preparavam com canela, com cravo, com café), era tudo muito simples, mas ali dançavam a noite toda.

*Como faziam os bailes antigamente, era assim, eles pegavam uma casa qualquer. Tinham casas que era quase sempre naquelas casas, porque os dois gostavam ou porque ganhavam um dinheirinho. Eles tiram os quartos, ou a sala, e tiravam as paredes, menos da cozinha, então eles abriam as casas, juntavam os móveis certinho, e daí ficava assim um salãozinho, botavam uns banquinhos em volta, os tocadores vinham e era aquele baile.<sup>249</sup>*

Alguns casais, também costumavam fazer um baile na casa que estavam construindo, antes do casamento, para arrecadar alguma verba que ajudasse na construção ou para comprar o restante do enxoval.

O carnaval foi incorporado entre as festividades da comunidade no início do século XX, “o primeiro de tudo, foi ali na praia, tinha um homem chamado Zenildo, ele e a mulher, fizeram o primeiro carnaval. Depois então o rapaz lá fez também, e outros.”<sup>250</sup>

A organização dos blocos de carnaval, contava com um responsável, mas ensaiar as músicas, preparar as fantasias de papel, contratar músicos contava com a participação de todos. As festividades de carnaval duravam quatro dias.

“Eu era porta estandarte do carnaval”, conta Dona Helena, “Tinha a orquestra completa. Mas, era orquestra completa, era bom, bom, meu Deus do Céu”. Naquela época os blocos de carnaval nos Ingleses já saíam pelas ruas “não ficava no salão, a gente andava na rua cantando, pulando, tudo, ia até lá no Santinho.”

DaMatta, ao analisar o carnaval e alguns personagens paradigmáticos da sociedade brasileira, vislumbra a existência de uma separação, nesta sociedade, entre o domínio do

---

<sup>249</sup> Seu Mário (entrevista realizada em 23/01/2005)

mundo cotidiano e o universo dos acontecimentos “extra-ordinários”. Segundo ele, a passagem de um domínio a outro é marcada por modificações no comportamento, o que faz, por sua vez, que tais mudanças criem as condições para que tais acontecimentos sejam percebidos como especiais. Assim, as festas, em tal contexto, constituem-se em “momentos extraordinários marcados pela alegria e por valores considerados altamente positivos. A rotina da vida diária é que é vista como negativa”.<sup>251</sup>

Dentre os acontecimentos “extra-ordinários” existem as festas religiosas. Estas não eram muitas ao longo do ano, entretanto, exigiam mais preparativos.

As principais comemorações religiosas, ao longo do ano seguiam um calendário, primeiro a Festa da Padroeira – Nossa Senhora dos Navegantes, depois,

*No dia 19 de março era festa de São José, depois vinha a Páscoa, tinha as orações, ali na igreja. Em maio não se fazia o Dia das Mães, julho era a Festa do Sagrado Coração, tinha a festa, esta tem até hoje. Agosto era a festa de Bom Jesus, dia 6 de agosto, alguns lugares ainda têm, na Cachoeira, na Vargem do Bom Jesus. Eu tenho um filho que mora na Vargem do Bom Jesus, ele vem aqui pedir brinde para o bingo, a neta vem junto, eu compro e dou pra ela. E depois vinha o Natal, com presépio, com tudo. Sempre teve o “presépiozinho”, bonitinho, com aquelas coisas mais antigas, hoje está tudo diferente. (...) O presépio, era feito com palha, com capim, barba de velho, que dava nos pés de laranja. A gente ia lá, catava tudo e fazia o presépio. Botava o que era necessário, os Três Reis Magos, os Santos Reis, botava tudo.<sup>252</sup>*

A Igreja tinha um grande poder de movimentar a comunidade, desdobrando o espaço das vivências, tendo em vista que as típicas da localidade atraíam muitos devotos que de outras comunidades, que vivam “pagar promessas”.

*Bom, então a Igreja era o centro. Era onde as pessoas punham alguma coisa diferente da sua personalidade. Páscoa, Natal, Festas de Nossa Senhora, Sagrado Coração, todo isso que movimentava comunidade. Toda a comunidade se reunia, não só para rezar, nas grandes comemorações religiosas, mas para os bailes principais. Para comer carne, carne não se comia todos os dias, era só nos dias de festa. E, as pessoas se encontravam, colocavam roupa nova.<sup>253</sup>*

<sup>250</sup> Seu Manuel (entrevista realizada em 20/06/2005).

<sup>251</sup> DAMATTA, Roberto. *A Casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987, p. 47-52. In: MARCON, André da Lança (2006).

<sup>252</sup> Dona Ilda (entrevista realizada em 10/06/2006).

<sup>253</sup> Seu Mário (entrevista realizada em 23/01/2005)

As “barraquinhas” eram de comida, arroz, feijão, aves, carne, beiju, rosca, doces, tudo preparado pelos moradores e com os alimentos doados. Assim, serviam um almoço comunitário.

Comumente, as missas eram rezadas por um sacristão que atendia toda a região, o padre vinha somente em dias de festa, quando “A gente escutava foguete, eles soltavam foguete, aí a gente dizia: hoje tem missa, hoje é sábado, tem missa”. E, “depois da missa faziam o baile”<sup>254</sup>.

O Terno de Reis, igualmente, acontecia na Praia dos Ingleses, era uma brincadeira que os jovens e crianças adoravam. De acordo com Marcon, o Terno de Reis, era uma brincadeira que acontecia no Córrego Grande entre 25 de dezembro e 6 de janeiro, quando um grupo de pessoas, cantando e tocando gaita, viola e outros instrumentos, iam de casa em casa, pedindo ofertas.<sup>255</sup>

A brincadeira de Terno de Reis, também acontecia nos Ingleses no dia de Reis, e nos dias de São Sebastião e Santo Amaro.

*Naquele tempo era lindo, cantava um Terno de Reis, tinha uma roda, ficava aquele bando de mulheres cantando e batendo palmas e fandango. E, acabava tudo mundo tomava café com rosca, era simplicidade. E, hoje o luxo acabou tudo, porque se eu tenho uma televisão, eu tenho uma sala, vou querer mais um Terno de Reis, aonde todo mundo entra, todo mundo senta, todo mundo dança. Naquele tempo era assim, quando um Terno de Reis chegava aqui, já se fazia um baile. Já virava, daí ia na tua casa e fazia a mesma coisa, amanhecia, ia até 10, 11 horas da manhã o Terno de Reis. Era tudo mundo cantando, brincando, dançando, era “temperada”, todo mundo brincava, entende?*

Não obstante, assim como no Córrego Grande, estas práticas e representações, nos Ingleses não são atribuídas à uma origem açoriana, mas, “como brincadeiras herdadas de seus pais, seus avós, componentes de um mundo que, outrora vívido e intenso.”<sup>256</sup>

Neste sentido, é importante observar que algumas manifestações da tradição açoriana não faziam parte das práticas culturais da comunidade dos Ingleses, como o caso do boi-de-mamão. “Não, nós não fazíamos boi-de-mão. Faz uns vinte anos ou mais, aí

<sup>254</sup> Seu Oswald (entrevista realizada em 15/05/2005).

<sup>255</sup> MARCON, André da Lança. (2006), p. 103.

<sup>256</sup> Idem, p. 104.

começaram a fazer isto, não tinha, não aqui. Só lá para o centro, lá para a Barra, mas aqui não tinha. As festas que tinha aqui eram só da Igreja e carnaval.”

A farra de boi, no entanto é uma lembrança, da prática masculina, que eles contam com muito entusiasmo,

*Ah! Sim, mas o que eu queira te contar antes, é sobre a farra de boi de campo. A farra do boi de campo, eu vou te dizer. Aquele vermelho lá... aquele vermelho lá era só roça, aquilo era cheio de gente que tinha roça de mandioca, de melancia. Então o boi, o boi de campo, cada pessoa lá do Rio Vermelho. Tinha muita gente no Rio Vermelho, todos eles quase tinham o seu cavalo. Então eles iam lá, compravam o boi. Compravam e, 3 bois, pra brincar com o boi, mas cada um com o seu. Compravam um boi aqui, lá no Rio Vermelho compravam um, lá das Aranhas compravam outro. E, eles iam brincar, quem tinha cavalo, ia à cavalo, e quem não tinha, ia a pé. Mas, respeitavam tudo, Dona Maria, era 15, 20 cavalos atrás do boi, e de pé também. As vezes gritavam: - corre, corre, olha que o boi voltou, voltou... era uma correia. O boi voltou... safado, para fazer a gente correr. Ia o boi na frente, os cavalos atrás, e nós atrás dos cavalos. Aí. os cavalos paravam, e diziam: - êpa! O boi voltou, voltou. E nós tínhamos que correr, era uma farra. Mas se o boi, entrava dentro de uma roça daquelas, eles corriam... que fazia de ver. Ninguém brigava, ninguém falava.<sup>257</sup>*

Enfim, todas as atividades que pudessem uni-los com o propósito de lazer, de amenizar luta diária pela sobrevivência, era um acontecimento magnífico, “mágico”. Alterando a lógica da rotina, nos múltiplos usos dos espaços, no tempo da festa que rompendo o movimento uniforme do dia-a-dia.

---

<sup>257</sup> Seu Manuel (entrevista realizada em 20/06/2005).

## 6. O espaço das crianças e educação

A estrutura de educacional na comunidade dos Ingleses era bastante precária, com professores pouco qualificados, faltavam-lhes instalações e materiais pedagógicos adequados, entretanto, poucos moradores dos Ingleses ficaram no analfabetismo. Segundo estudo realizado por Marilú May<sup>258</sup> em 1993, apenas 18% dos nativos dos Ingleses disse ser analfabeto.

A institucionalização do ensino na Praia dos Ingleses acontece somente, em 1973, quando foi fundada a Escola Básica Municipal Gentil Mathias da Silva, nesta época Ingleses já contava com uma população com mais de dois mil habitantes. No entanto, desde o ano de 1954 neste mesmo lugar existia uma Escola Isolada, que em 1963 passou à Escola Reunida com o nome de Grupo Escolar Paulo Fontes.<sup>259</sup>

Nas antigas “escolas isoladas”, cursava-se o primário, de primeira a quarta séries, sendo que todas as séries e turmas funcionavam juntas, com um único professor. Os professores e professoras eram na maioria os próprios moradores da comunidade, os que já haviam concluído o curso primário ensinavam os outros. No primeiro ano os alunos começavam com a cartilha, depois estudavam em livros específicos para as séries iniciais. Para Seu Carlos concluir o curso primário poderia ser comparado com o ginásio de hoje. Pois, recorda que para concluir o quarto ano primário, tinha que saber “o nome das capitais, o nome de todos os municípios do Estado, saber as Ilhas de Santa Catarina,” as quais diz lembrar dos nomes até hoje, “precisava saber os cabos principais do Brasil”.

“A gente aprendeu algumas coisas naquele tempo, eram coisas tão boas, matemática, mas eu só aprendi conta de dividir, diminuir, somar, isso eu aprendi. Tabuada, hoje se for me perguntar eu não perco uma.”<sup>260</sup>

Os professores, além de ensinar a ler, escrever e fazer contas também eram pessoas de prestígio junto à comunidade, tendo em vista que desempenhavam um papel social,

---

<sup>258</sup> MAY, Marilú Angela Campagner. **Implantação de obras públicas em núcleos tradicionais** – o caso da Praia dos Ingleses, na Ilha de Santa Catarina. Florianópolis, 1995. Dissertação de Mestrado (Geografia). UFSC.

<sup>259</sup> O Grupo Escolar Paulo Fontes tinha este nome em homenagem ao Prefeito Paulo Fontes, depois passou a chamar-se Escola Básica Municipal Gentil Mathias da Silva, conforme Lei Nº 1124/72 aprovada em 19 de outubro de 1972, em homenagem ao doador do terreno, onde foi instalada a escola para a comunidade, então Intendente.

ensinavam a plantar, ensinavam hábitos de higiene; as professoras também, auxiliavam as mães na educação dos filhos.

Seu Carlos, também, lembra com muito respeito do Professor Marçal Roberto dos Santos. Ele reverencia a importância deste professor, sugerindo inclusive que seu nome fosse homenageado pela comunidade.

*O professor Marçal Roberto dos Santos era o homem que deveria ser lembrado em qualquer coisa deveria ir o nome dele. Tem nome rua aí, como a Dom João Becker, que é uma pessoa que veio de lá, que ninguém sabe quem é, nem de onde é, Dom João Becker. (...) O professor Marçal Roberto dos Santos, ele era o homem, era o braço forte da comunidade dos Ingleses, ele que fazia os ofícios para os delegados, fazias as coisas para os intendentes, ele fazia tudo. Se, vinha um prefeito ou governador, na época da ditadura, era ele quem recebia. Ele recepcionava esta gente, ele era o mais inteligente, tinha mais estudo. Ele era muito respeitado e admirado pela comunidade, todo mundo gostava dele. E ele era muito comprometido com o trabalho dele. Naquele tempo na escola dele tinha uns duzentos alunos.*

Até a década de 1960 existiam três “Escolas Isoladas”, na Praia dos Ingleses, uma nos Araçás, onde hoje é a atual Escola Gentil Matias da Silva, uma nas Aranhas e outra próximo à Igreja. O número de escolas até esta época atendia satisfatoriamente os moradores da comunidade, mesmo que para os moradores do Sítio as escolas ficavam um pouco longe. Quem quisesse estudar mais teria que ir para o bairro de Canasvieiras, onde já existia o curso ginásial. Os que tinham parentes e amigos no centro ou em outros bairros onde tinha escola ginásial, mandavam os filhos morar com eles até completar a escolaridade.

Seu Mário, Doutor em Geografia, lembra que “muito no início só tinha primário, depois surgiu o ginásio em Canasvieiras. Eu e meus irmãos tínhamos que ir para Canasvieiras, pegava o ônibus pela manhã e voltava a pé ao meio-dia, ou ia a pé no começo da tarde e voltava de ônibus no final da tarde.”

Para os moradores dos Ingleses estudar era muito importante, representava uma “tática” para sair da condição de inferioridade, para deixar de ser o “manezinho”, o “matuto”.

---

<sup>260</sup> Dona Ilda (entrevista realizada em 10/06/2006).

Mas, esta não era uma oportunidade para todos, era preciso ter recursos financeiros, precisava dinheiro para o ônibus, dinheiro para o lanche. Neste contexto, a maioria dos nativos dos Ingleses (53%), declaram ter o ensino fundamental incompleto, ou seja, apenas os quatro anos primários.<sup>261</sup>

*Naquele tempo, quase não se estudava, saí no quarto ano daquele tempo. Eu tinha uma lousa, um livro e coisa de tabuada, lápis de pedra e essas coisas assim. Naquele tempo era tudo assim, o lápis era de pedra. Depois tinha o tinteiro onde molhava a caneta. Entende? Não é como essas assim, entende, molhava a caneta no tinteiro e escrevia.*<sup>262</sup>

Todos os entrevistados tinham histórias da escola para contar, lembram com entusiasmo do período escolar, das festas e até mesmo como eram as aulas.

“O estudo era assim, a professora ditava e a gente escrevia (...) era uma lousa de pedra, escrita com lápis de pedra, mas se a gente errava, já tinha aquele paninho que apagava.”<sup>263</sup>

Dona Helena, lembra com muito entusiasmo do período em que estudava; lembra dos preparativos das festas escolares e comemorações cívicas. Lembra do trabalho e dedicação ao enfeitar o pátio da escola, como confeccionavam os adornos, além da liberdade em ocupar os espaços públicos para suas comemorações.

*Nós andávamos na rua cantando, pulando, tudo, ia até lá no Santinho. Agora é que não, é tudo diferente. Quando eu andava na aula, chegava 7 de setembro, nós fazíamos, enfeitávamos aquela frente, o pátio da escola toda. Íamos lá para o mato buscar coisas para o salão, bambu e taquara, um bambu da florzinha miúda, umas folhas miudinhas e a vara dela é bem fininha, não é como esses bambu que tem aí não. Nós íamos pegar lá longe no mato, os alunos todos. Era para fazer enfeite no pátio da escola, nós fazíamos arco, fazia tudo. Agora não tem mais né, chega 7 de setembro, nem sai na rua, só se vê pela televisão no centro.*

<sup>261</sup> Segundo levantamento de May em 1993.

<sup>262</sup> Seu Oswald (entrevista realizada em 15/05/2005).

<sup>263</sup> Dona Ilda (entrevista realizada em 10/06/2006).

As crianças, além de irem à escola, que o faziam com muito prazer, também ajudavam as mães nos afazeres domésticos e brincavam. Existia o tempo de brincar. Era um sobe e desce morro, correrias pela praia e dunas. Comiam frutas do pé, laranja, melancia, banana.

Seu Omar lembra que quando criança, costumava brincar nas dunas “A gente ia brincar nos “combros” de calha de pau, a gente montava em cima da calha e corria duna à baixo. Lá embaixo tinha aquela lagoa, como uma piscina. Caia dentro daquela lagoa, cheio de areia, ia lá e descia outra vez.”

Naquele tempo, “a gente brincava, rapariga com rapaz, mas era tudo com sinceridade. De primeiro de tudo eu fazia. A gente brincava tudo junto, brincava na praia, brincava na frente da casa da gente.”<sup>264</sup>

A infância foi marca por muita simplicidade e alegria, esta felicidade aumentava na época que o circo vinha ou o baleiro. Dona Tarsila, recorda que “o circo era um tostão a entrada”.

Para as crianças parece que não havia limites, a eles era permitido explorar todos os espaços. Há menos, que houve algum problema, como o caso das epidemias, quando as crianças somente podiam brincar com os familiares, e em casa para não trazer tosse comprida para casa.

Quando chegava à noite todos dormiam cedo, “a gente se baseava muito pelo sol. O sol entrou a mãe dizia, bota a gamela, naquele tempo era gamela. Vão se lavar, que eu já fiz o fogo, já botei água no fogo (...) para você ceia. (...) olha escureceu é lugar de rapaz pequeno na cama.”<sup>265</sup> E, o sol nascia e a vida continuava, entre estudos, atividades e brincadeiras.

---

<sup>264</sup> Dona Tarsila (entrevista realizada em 03/05/2005).

<sup>265</sup> Dona Cecília (entrevista realizada em 01/03/2006)

## 7. As lendas, mitos e “histórias”

Uma característica bastante peculiar na Ilha de Santa Catarina, são os relatos orais sobre “fantasmas”, “aparições” e “bruxas”, uma particularidade das sociedades rurais, distante da “civilização”, e principalmente distante da luz artificial.

Não se pretende analisar as lendas, histórias de sustos e crenças, contadas pelos antigos moradores dos Ingleses, mas considera-se importante uma breve alusão, conforme foram sendo contadas ao longo das entrevistas.

Conquanto, pode-se dizer, que todas estas “histórias” narradas fazem parte do rol de relação que os homens estabelecem com a natureza, cujos fenômenos sem explicação transformam-se em mistérios e crendices populares .

A lenda da “Luz de Botas” é a mais popular entre os “nativos” dos Ingleses. Para os nativos da primeira geração ainda prevalece o medo e o mistério, enquanto que os da segunda geração procuram alguma explicação.

*Eu peguei ainda a época que ainda não tinha luz. Não tinha luz. E tinha as histórias que o pessoal conta, a gente já pegou pouco as histórias, tipo Luz de Bota. Estas histórias a gente não sabe até que ponto o pessoal inventa e até que ponto eram verdadeiras. Como a Luz de Bota, bota porque aqui no canto da praia, tem a ponta de bota que eles chamam, e esta luz aparecia ali. Pelo que o pessoal fala, era.... bom, uma explicação científica, era tipo uma árvore que cai e apodrece, aí ela libera um gás e sei lá com a liberação daquele gás, ele pega fogo, né. Mas, aí o pessoal já diz que esta luz corria atrás deles. Esta luz seguia o pessoal, então a gente não sabe até que ponto, o que é ... - Você nunca viu? Não, veio a luz elétrica e acabou. Ela aparecia antes da luz elétrica, se ela tem algum mistério é a partir daí. A minha vó disse que viu. O que ela viu, ela disse que viu como se fosse uma água viva, esta da praia, ela fica redonda, com um monte de barbatana assim, oh. A minha vó disse que viu. A Dona Mercedes viu este troço passando por cima assim, e agora? Ai tudo era luz de bota, o que a pessoa via era luz de bota, mas o que era um troço destes, entendeu? Tinha gente que corria deste troço, aí pousava na copa das árvores, clareava tudo, e aí? Será que os gases, ou o que que é? E, um gás..... tinha que ser uma calmaria muito grande, que esta*

*peessoa se movesse, com o deslocamento do ar, ai aquilo seguia, mas eu acho meio improvável.*<sup>266</sup>

Outras “histórias” são referentes à “fantasmas” ou “aparições”, permeada por medos e imaginações, e podem ser percebidas em narrativas como de Seu Oswald, que diz ter vivido uma experiência desta natureza.

*Ah! Eu namorava com uma guria ali das Aranhas. Era uma meia-noite, ai a dona da venda era viúva, e ela tinha uma irmã solteira que morava juntas. Essa viúva tinha namorado, mas ela ia conversar com o namorado somente depois da venda fechar, porque não podia atender o namorado e atender a venda. Então um dia ela disse assim “espera por mim depois da venda fechar a gente pode conversar”. Ai, disse tá eu espero. Ai veio conversando pelo caminho, até perto do cemitério, lá no Santinho. Depois eu tinha que voltar até lá no Sitio. Ai quando chegamos perto da Igreja ela falou: Já tá tarde, é muito longe tua casa daqui. Eu disse: não, eu tenho que voltar, meu pai fica com “pensão”. Fica ai, amanhã meu pai acorda cedo pra pescaria, ai ele te chama e você vai. Eu disse: não, eu vou embora. Ai fui pela praia, maré cheia, a maré vinha cá no barranco e ia pra baixo, tirei o sapato do pé, arregacei as calças e fui pela praia. “Garrei” aqui perto do Gentil, quando chegou ali perto do Mercado Ingleses, acompanhou aquele homem comigo. Eu chamando, parecia um colega meu que morava ali em cima. Chamei: Oh, espera por mim, vamos pra cima junto. Ele assim nada, continuou andando, ligeiro, eu também andava ligeiro. “Espera por mim, rapaz, não quer de ser descoberto?” . Quando chega assim, perto daquele “combro” aqui, meu chapéu de palhinha que trouxe do RG, tinha saído da cabeça, ai voltei. Eu voltei pra traz, disse: - Vou pra casa da minha irmã. Ai olhei pra traz, ele escorado em pé, perto do combro das dunas ali. Oh! Ai voltei, cheguei na casa da minha irmã, bati na porta: Oh, “Mercedes”. “O Oswald ta aí”. Tá batendo na porta. Ai, a porta era duas meia-folha, ai trouxe a luz, o candeeiro, botou em cima da mesa. Abriu a meia-folha de cima e a de baixo ficou presa. Quando ela abriu, deu um negócio em mim, deu um negócio em mim. “O Mercedes, vem aqui que o Oswald, deu um negócio nele. Ai a Mercedes veio de camisola, veio cá botou umas tela, botou uns travesseiros e eu me dentei. “Quem sabe é bebida, Mercedes?” Não, não tem cheiro de bebida. **Aí, o galo bateu asa e cantou.** Então, minha irmã fez chá pra mim, eu tomei. De manhã fui embora, contei pro meu pai e pra minha mãe. Ah! passaram um desaforo em mim, não fui mais. Só ia pra lá de dia, escurecia, já ficava dentro de casa. Com medo.*

---

<sup>266</sup> Alcântara (entrevista realizada em 10/10/2006)

Segunda tradição e superstição quando o galo canta, ele espanta todos os fantasmas e visões.

Se estes fantasmas existem ou existiram realmente não nos cabe aqui questionar, tão pouco procurar uma explicação, no entanto, temos que admitir que eles existem no imaginário coletivo destas pessoas.

Na comunidade dos Ingleses de antigamente, não há relatos de bruxas, no entanto, era comum a prática de rezas, simpatias e benzeduras. Benzedura para criança afogada, para afastar cobra, para “bicha” (vermes). Após fazer o sinal da cruz, chama o nome da criança (com a mão na barriga) e diz: *“bicha maldita, que come e bebe sem louvar a Deus. Amaldiçoada seja da graça de Deus. Que caiam todas no chão em favor de Deus, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.”*<sup>267</sup>

As benzedoras costumavam ir até a casa dos doentes, além de periodicamente passarem de casa em casa para ver se alguém precisava de seu atendimento.

Destarte, também, existiam as simpatias de hérnia de umbigo, para curar bronquite asmática, para cair verrugas, para diminuir o papo (bócio), e os chazinhos e garrafadas, como práticas alternativas para curar as doenças.

“Dizem que havia doutor na cidade, mas ninguém, nem sabia onde era a cidade. Nosso remédio sabe qual era? Era, o nosso remédio a ‘erva do mato’.”

As parteiras tinham importante papel social, era pelas mãos delas que maioria das crianças dos Ingleses vinha ao mundo. Dona Helena lembra até do nome da parteira, “ganhava tudo em casa. Tinha uma preta que era danada, a Chica Coelha era o nome dela. Eu ganhei quatro filhos com ela e ganhei uma na maternidade”.

Nestes cenários sem luz e com poucas pessoas a imaginação humana viaja no mundo narrativo de ficção e do conto popular, criando um conjunto de símbolos significativos para o coletivo.

Até a lua naquele tempo tinha mais brilho, parece que era mais clara “agora é embaciada”.<sup>268</sup>

E hoje, como a lua, hoje a história do passado da comunidade dos Ingleses é contada um pouco “embaciada” e um pouco tímida, mas representando aquilo que o coletivo pretende manter vivo, através de suas experiências e seus imaginários.

<sup>267</sup> ASPI – Ação Social Paroquial de Ingleses. **Cartilha de Saúde**. Dicas de quem usa a experiência como remédio. Ingleses, maio de 2004.

<sup>268</sup> Dona Tarsila (entrevista realizada em 03/05/2005).

## CAPITULO IV

### Aventuras e Ameaças da modernidade

*“Comunidade”, é, hoje, a última relíquia das utopias da boa sociedade de outrora; é o que sobra dos sonhos de uma vida melhor; compartilhada com vizinhos melhores, todos seguindo melhores regras de convívio.<sup>269</sup>*

As rupturas e discontinuidades resplandecem como inerente ao processo de modernização, formatando ambientes de nítida dessemelhança entre o “passado” e “presente”. Ao adentrar na Praia dos Ingleses, hoje, pouco se reconhece do seu passado, casas de barro, caminhos de areia, domingueiras, farinhadas, Ternos de Reis e até mesmo os fantasmas deixaram de existir.

À medida que a modernização vai inserindo-se no cotidiano, as formas de vida tradicional vão dissolvendo-se, cedendo espaço as novas formas de vida moderna. O espírito da modernidade vai penetrando todos os espaços, alterando fugazmente todas as formas de relações sociais, morais, políticas, econômicas e culturais.

Segundo Giddens (1991), a dinâmica da sociedade moderna tem como principal característica a separação entre tempo e espaço, e atua como a principal condição do “processo de desencaixe”, deslocando as “relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço”.<sup>270</sup>

Conforme referimo-nos anteriormente, as noções de tempo e espaço são construções simbólicas, e cada grupo ou sociedade os organiza de acordo com a percepção que tem do mundo, bem como, a partir das relações que estabelecem com o universo e com sua própria existência. Portanto, as representações simbólicas de medição e controle do tempo e do espaço, somente tem significado para o homem e sua coletividade.

A relação que os homens estabeleceram com a noção de espaço e tempo, ao longo da história da humanidade já configurou diversas formas de organização social. E, hoje,

---

<sup>269</sup> BAUMAN, Zygmunt (2001), p. 108

<sup>270</sup> GIDDENS, Anthony (1991), p. 28-29.

temos a consciência de que o tempo e o espaço não são condições *a priori*, existindo inúmeros tempos e múltiplos espaços.

Tendo em vista, a infinidade de desdobramentos das relações sociais espaço-temporal da sociedade moderna, faremos aqui uma breve exposição das principais transformações espaço-temporal que a comunidade dos Ingleses vem vivenciando nos últimos quarenta anos, com o processo de modernização.

A organização espaço-temporal na maioria nas sociedades pré-modernas ou sociedades tradicionais está diretamente relacionada à sistemática dos ciclos do universo e da natureza. Os fenômenos naturais como dia e noite, fases da lua, marés, condições climáticas e estações são os principais referenciais de organização em comunidades agrícolas e em sociedades pré-modernas.

A antiga comunidade da Praia dos Ingleses apresentava uma cultura de subsistência baseada na pesca e na agricultura, e a organização social girava basicamente entorno, do tempo da pesca da tainha, o tempo da plantação, e da colheita que por sua vez determinava o tempo da farinha, o tempo de “abundância” e em contrapartida o tempo da “miséria”.

Quando inseridos no processo de modernização, a organização do tempo social ganha novos referenciais. A economia do turismo passa a dominar a organização social dos moradores dos Ingleses, que hoje, não dependem mais exclusivamente dos caprichos da natureza para garantir a sobrevivência.

As descobertas científicas e os inventos tecnológicos transformam as relações e a percepção dos seres humanos sobre o tempo. O mundo moderno universalizou e estendeu a organização social do tempo.

Universalizou porque, hoje, o mundo inteiro, exceto alguns poucos grupos humanos que não participam do mundo capitalizado e industrializado, controla com precisão o tempo medido em, horas, minutos, segundo e milésimos de segundo. O que faz que saibamos exatamente a hora de quaisquer partes do mundo. O relógio marca o tempo social e artificial, permitindo uma medida de “tempo universal”. Assim, se para os antigos moradores da Praia dos Ingleses o despertador era o terceiro cantar do galo, hoje são os símbolos numéricos dos relógios que indicam a hora de acordar, além de indicam a hora das ações humanas na comunidade e com mundo todo.

Quanto mais a sociedade modernizada avança, mais obriga os seres humanos a ser exatos, é preciso chegar na hora para não perder o ônibus, é preciso chegar na hora em que

o supermercado está aberto, no horário marcado no médico; obrigando assim, os homens e mulheres a regularem suas atividades conforme indicados nos ponteiros do relógio.

A sensação de velocidade do tempo na modernidade é gerida pelas inúmeras invenções tecnológicas, como energia elétrica, carros velozes, computadores permitindo as pessoas percorrem grandes distâncias e um curto período de tempo, ou mesmo em “tempo real”. Além disto, a nova organização do tempo artificial expandiu a jornada de trabalho, compeliu homens e mulheres a trabalharem dia e noite, alheios presos a jornada de trabalho. Seu Manuel lembra que antigamente, nos Ingleses ninguém trabalhava à noite, “hoje, as pessoas não param”.

A economia do turismo configurou uma nova organização social para o nativo em relação aos meios de conquistas monetárias. A expectativa da época da safra pesca da tainha (meses de março e abril) já não garante mais a sobrevivência da sociedade dos Ingleses, assim, a época de “veraneio” e “turismo” (janeiro e fevereiro) assume a centralidade das expectativas de “melhorias financeiras”.

A organização do espaço/lugar modificou-se rapidamente concretamente e simbolicamente. Concretamente, porque não sobrou “pedra sobre pedra” o lugar das antigas práticas sociais, tudo foi varrido pelo “desenvolvimento”, pelo intenso “crescimento”, o lugar dos engenhos, o lugar da lavoura, o lugar de lavar roupas, o lugar da pesca, todos estes lugares já tem o significado de outrora, foram resignificados, passaram a ser o lugar de moradias, o lugar de hotéis, de estabelecimentos comerciais – o lugar do turismo.

A nova ordem social do lugar, movido pela nova economia, construiu e reconstruiu novos significados para os lugares e novas formas de relações espaciais, hoje a Praia dos Ingleses, recebe turistas do mundo inteiro.

A antiga organização interna da comunidade não é mais reconhecida pela coletividade, os lugares mudaram de nome, os referenciais como Morro do Barcelos, hoje é conhecido como Costão do Santinho, as Companhas é Estrada Dom João Beck; os caminhos de areia transformaram-se em ruas e logradouros, a antiga estrada geral dos Ingleses, hoje é uma via secundária e denomina-se Rua Intendente João Nunes Vieira, a antiga Rua das Bananeiras, reconhecida por ser a rua onde morava o Seu Antonio Bananeira, hoje, chama-se Rua Osvaldo Climaco. Estes referenciais do passado na sociedade moderna serão apagados completamente e reconstruídos ao “belo” interesse da modernidade.

Neste íterim de reorganização e reconstrução das relações espaço-temporal, fomentados em nome da modernização, os seres humanos são compelidos a aprender a adaptar-se a nova ordem imposta pelo mundo moderno, que mais cedo ou mais tarde será totalmente apagado da memória, impregnando a vida e cotidiano de todas as pessoas.

A mudança na organização espaço-temporal construída pela nova ordem social, forçou os antigos moradores dos Ingleses a adaptarem-se as novas regras espaciais, modificou a percepção que eles tinham de distância, além de romper hábitos e práticas dos espaços.

“Antes”, as relações sociais de vizinhança na comunidade estavam pautadas no reconhecimento, onde todas as pessoas se conheciam, sabiam onde moravam e o que faziam. Mesmo as casas estando geograficamente distantes umas das outras, o núcleo social mantinha relações mais localizadas.

Atualmente, a idéia de “comunidade” ficou vazia de significado. O ideal de comunidade vivido outrora, onde as pessoas compartilham boas regras de convívio, relações harmônicas com os demais integrantes do grupo, desapareceu em a uma população heterogênea de transeuntes “hoje, quase não se vê ninguém daqui”.

A formação de cada bairro tem origens e destinos variados, no entanto, mesmo aqueles recantos mais distantes como pequenos agrupamentos agrícolas como aldeias periférica, todos passam a inserir-se no contexto urbano, transformando-se em bairros. No processo de formação dos bairros, alguns conseguem manter visivelmente algumas características de origem, enquanto que outros são totalmente modificados. “Mudou o comportamento, mudou a atitude. Não tem mais aquela submissão que tinha antes, o respeito, mudou muito. Não tem diálogo entre família.”<sup>271</sup>

As velhas ordens comunais foram rompidas, a base da organização na maioria das sociedades tradicionais, estrutura-se nas relações localizadas, “na maioria dos cenários pré-modernos, inclusive na maioria das cidades, o meio local é o lugar do feixe das relações sociais entrelaçadas, cuja pequena extensão espacial garante sua solidez ao tempo”<sup>272</sup>.

Antigamente na Praia dos Ingleses era impossível passear pela comunidade sem ser reconhecido, “antes todos se conheciam”. Isso faz com que ocorram práticas de relacionamento mais intimista, “cumprimentos”, “saudações” ou pedir “a benção” aos mais velhos, era uma obrigação.

---

<sup>271</sup> Dona Cecília (entrevista realizada em 01/03/2006)

<sup>272</sup> GIDDENS, Anthony (1991), p. 105.

Dona Cecília lembra o quanto a obrigatoriedade do reconhecimento e a formalidade era um componente indispensável para o bom relacionamento comunitário “um dia eu passei pelo Seu Plínio e não pedia ‘benção’. No outro dia ele contou para o meu pai e eu até apanhei”.

Mesmo, parecendo uma atitude radical para os valores de hoje, ela demonstra um sentimento de profundas perdas dos valores morais do bom relacionamento da comunidade local, o lugar perdeu a “aura”, e os laços da tradição.

*O que tem ruim é porque os Ingleses perdeu aquela simplicidade que era antes. Veio o desenvolvimento, e nesse desenvolvimento e nesse crescimento acelerado que veio. Os Ingleses perdeu muita coisa boa. Perdeu a simplicidade que era antes, a humildade que tinha. Um bom dia para todo mundo, um boa tarde para todo mundo.*<sup>273</sup>

A tradição, segundo Giddens (1991) refere-se à maneira pelas quais as “crenças e práticas são organizadas”, principalmente em relação ao tempo. As atividades da rotina baseadas na lógica da repetição formatavam um “tempo reversível”, onde o passado era um meio de organizar o futuro. Na sociedade moderna as práticas da rotina “são dimensões sem conteúdo”, e o “passado” e “futuro” são temporalidades desconexas.<sup>274</sup>

Na dinâmica da sociedade moderna, as relações de poder igualmente expandem-se e multiplicam-se, se na antiga comunidade dos Ingleses as relações de poder restringiam-se aos dois “coronéis” – representantes políticos locais e ao delegado, hoje, transformam-se e multiplicando-se em associações, entidades e lideranças, na maioria fundada por migrantes que lutam e defendem interesses diversos.

Com o turismo o espaço da praia passa a ser resignificado, a praia hoje representa local de lazer, sendo que, “antes” era o espaço de trabalho do pescador; neste contexto os hábitos de tomar banho de sol e banhar-se no mar (que inicialmente foram recebidos com estranhamento) passam a ser práticas comuns aos que vem de “fora” - os turistas e migrantes. O espaço da praia para os nativos tem significado diverso do atribuído pelo turista, e eles estabelecem e obedecem regras distintas, como, por exemplo, mulheres nativas não costumam banhar-se no mar muito menos costumam usar trajes de banho.

---

<sup>273</sup> Dona Cecília (entrevista realizada em 01/03/2006)

<sup>274</sup> GIDDENS, Anthony (1991), p. 106-106.

O espaço da casa também se modificou completamente, as casas ficaram maiores e apresentam mais divisões, mais salas e mais quartos, inseriu-se o banheiro ao corpo da casa. Por outro lado o pátio reduziu, as terras do entorno da casa destinados à horta e a lavoura, foram loteados, o pátio é dividido com outras casas para alugar na temporada e os alimentos retirados da horta familiar, hoje são comprados em supermercados e feiras. “As coisas se inverteram se antes nós abastecíamos a cidade, hoje nós compramos as frutas e verduras que vem do centro”.<sup>275</sup>

No mundo globalizado as relações de dependência estendem-se e dependência e a influencia das ações humanas participam do mundo globalizado. Atualmente, “poucas pessoas, em qualquer lugar do mundo, podem continuar sem consciência do fato de que suas atividades locais são influenciadas, e às vezes até determinadas, por acontecimentos ou organismos distantes.”<sup>276</sup>

Como consequência do processo intenso de reorganização do espaço/lugar, sem o devido planejamento, Ingleses hoje, apresenta muitos problemas de estrutura urbana. O elevado crescimento populacional, sem controle urbanístico criou um sistema viário desordenado, provocou a privatização da orla e a ocupação em áreas de preservação.

*Tudo o que tu faz sem um planejamento vira um caos, e está virando. O que é hoje os Ingleses, o que é a Ilha, hoje, é um caos. Para quem conheceu o que era, e o que é hoje. Para quem chega e não conheceu antes, diz ah! Sempre foi assim, mas é simplesmente é... Mas eu acho que tudo tem que ter uma dimensão. Igual um São Paulo, o que é um São Paulo? O que é um Porto Alegre? O que que é uma cidade grande? Cresce assim, desordenadamente. Mas se ela tivesse todo um planejamento, ela poderia ser grande como for, mas ela tinha estrutura. Algumas partes têm estrutura.*  
277

Na medida em que as pessoas são obrigadas a adaptarem-se as novas formas de organização social, na medida em são “condenadas a viver na modernidade”, são forçadas a concentrar suas energias na luta incessante do “desenvolvimento”.

A idéia de “desenvolvimento”, de “civilização” e “progresso” do ideal Iluminista e o desejo de “ser moderno” impregnou a alma dos antigos moradores da Praia dos Ingleses,

<sup>275</sup> Seu Carlos (entrevista realizada em 10/10/2006).

<sup>276</sup> GIDDENS, Anthony, BECK, Ulrich, e LASH, Scott. (1997), p. 74

<sup>277</sup> Alcântara (entrevista realizada em 10/10/2006)

eles apreenderam o arquétipo da modernidade, e, aprenderam a aspirar a mudança, foram em busca das mudanças.

Deste modo, os primeiros anos de modernização foram recebidos num êxtase geral. Poder inserir-se no turbilhão da vida moderna é sinônimo de conquista, “ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor”, permite aos homens alterar o que parecia inalterável e estável.<sup>278</sup>

O balneário de Ingleses ao contrário de outros balneários da Ilha de Santa Catarina, como Jurerê Internacional e Praia Brava, por exemplo, no início do processo de modernização turística não foi alvo dos grandes empresários e empreendedores; com isso a população local teve a oportunidade de ser os precursores na oferta de serviços aos veranistas e primeiros turistas. Este foi um período em que, os nativos dos Ingleses, experimentaram o breve momento de tomar em suas mãos o “auto-desenvolvimento”. Enquanto, que os serviços de infra-estrutura urbana como água, luz e estradas vão surgindo como um cenário mágico de sonhos, no desabrochar do mundo moderno e suas facilidades. As pessoas comungam de aspirações universalmente modernas, “Mudou claro, porque a gente teve condições de comprar uma geladeira, e a luz mesmo na casa em si já é uma coisa muito gratificante, né. Acho que quando a luz chegou aqui nos Ingleses todo mundo aplaudiu, era uma coisa que todo mundo já esperavam, a luz.”<sup>279</sup>

O processo foi intenso, embrenhou-se rapidamente nos sentimentos mais íntimos deste seres humanos, fazendo emergir sentimentos de valorização da existência, de realização e de felicidade, “Cada vez está melhor. Agora está dando para viver minha filha. Por isso eu não quero morrer. Peço a Deus que me deixe viver mais um pouco, porque agora que ta bom para viver.”<sup>280</sup>

Ser capaz de adaptar-se aos modos de vida moderna significou tirá-los do sentimento de inferioridade – da condição de “matuto” ou “manezinho” - em relação aos urbanos - “doutores” e “intelectuais” da cidade.

No início, a angústia do atraso foi a grande força propulsora da transformação. A modernidade não lhes permite nostalgia, as amarras e os laços da sociedade tradicional, de uma sociedade fechada e estagnada, muitas vezes aparecem como sinônimo de vergonha e

---

<sup>278</sup> BERMAN, Marshall (2006), p. 15

<sup>279</sup> Seu Raul (entrevista realizada em 03/10/2006).

<sup>280</sup> Dona Helena (entrevista realizada 01/03/2006).

incapacidade, e, portanto, precisavam desaparecer cedendo lugar às novas formas de vida, que prometem aventura, novas possibilidades de “auto-realização”. Neste momento, as pessoas não têm a menor noção dos prejuízos, desventuras e angústias provenientes do mundo moderno.

A manifestação de auto-desenvolvimento, na maioria das vezes, é salientado e demonstrado pelo sucesso econômico, na casa nova, no carro novo, nas mobílias de luxo e na aquisição dos produtos da modernidade, nos serviços de infra-estrutura modernos, “já temos o ônibus a toda hora, temos luz elétrica, temos telefone, temos televisão, já temos o computador. Então já veio a tecnologia, esta parte melhorou cem por cento.”<sup>281</sup>, enfim tudo o que o dinheiro pode comprar. A sociedade moderna “é a sociedade das coisas”<sup>282</sup>.

Conforme observa Bermam na modernidade “o povo se auto-realiza no conforto; encontra sua alma em seus automóveis, seus conjuntos estereofônicos, suas casas, suas cozinhas equipadas”<sup>283</sup>.

A modernidade tem este poder de fazer as pessoas imaginarem que vivem plenamente, em mundo,

*... criou um novo sistema social, vibrante e dinâmico, um sistema orientado na direção da livre atividade, da alta produtividade, das trocas em larga escala e do comércio cosmopolita, de abundância para todos; cultivou uma categoria de trabalhadores livres e empreendedores que amam seu novo mundo, que arriscarão suas vidas por ele, que estão prontos para erguer sua força e seu espírito comunitário contra qualquer ameaça.*<sup>284</sup>

Toda a embriaguez provocada pelo processo de modernização conduz as pessoas a uma negação ao passado, que se comparado aos benefícios do mundo moderno, era tempos muito “difíceis”. Por isso, ao encontrarem-se no novo cenário do mundo moderno, referem-se ao passado sem saudosismos, preferindo muitas vezes nem lembrar, é melhor apagar da memória, pois “só de lembrar dá vontade chorar, eu às vezes até choro”<sup>285</sup>. “Era tudo difícil, hoje está tudo à vontade da gente. Hoje, está muito, muito melhor. A gente passou muito sacrifício.”<sup>286</sup>

<sup>281</sup> Dona Cecília (entrevista realizada em 01/03/2006)

<sup>282</sup> HABERMAS, Jürgen (2002), p. 315.

<sup>283</sup> BERMAN, Marshall (2006), p. 30.

<sup>284</sup> BERMAN, Marshall (2006), p. 78

<sup>285</sup> Seu Guilherme (entrevista realizada em 04/02/2007)

<sup>286</sup> Dona Helena (entrevista realizada 01/03/2006).

A sociedade moderna condenou a existência humana à materialidade, onde reconhecimento do outro não está mais na pessoa, nos valores do ser humano, mas nas “coisas” que ele possui ou no que podem produzir. As relações sociais se capitalizam.

A economia moderna, segundo Habermas, “possibilita não apenas formas de interação especificamente desmundanizadas, mas também a formação de um sistema parcial, especificamente funcional, que efetua suas relações com o mundo circulante por meio do dinheiro.”<sup>287</sup>

Este processo aparecerá mais claramente no trabalho assalariado, cuja opressão na maioria não é percebida pelos poucos benefícios (salário mensal, 13º salário, férias) do tão desejado emprego. A idéia que a vida moderna, “liberta os seus cidadãos da necessidade de trabalhar incessantemente para manter seus corpos e do sentimento de impotência diante dos caprichos da natureza.”<sup>288</sup>

O dinheiro, conforme já analisado anteriormente, opera na sociedade moderna como importante “mecanismo de desencaixe”<sup>289</sup> das sociedades tradicionais, está diretamente relacionado às atividades econômicas modernas e a novas formas de relações sociais, criando transações extensas espaço-temporal.

Conforme expressa Berman nas palavras de Lukács, o dinheiro passa a funcionar “como extensão do homem, como poder sobre outros homens e circunstâncias” na “mágica ampliação do raio de ação humana por meio do dinheiro”. Assim, a política econômica de auto-desenvolvimento transforma “a mais humilhante perda humana em fonte de ganho e crescimento psíquico”<sup>290</sup>.

A influência do dinheiro não restringem-se apenas as relações comerciais econômicas, modifica e atinge as relações mais sólidas da sociedade, pois, conforme observa Marx “Ela arrancou da família o seu véu sentimental e reduziu a relação familiar a uma relação de dinheiro”<sup>291</sup>.

*Falta de amor. Não existe mais família. Não tem mais diálogo, o pai não tem tempo, porque o pai quer manter o ritmo da sociedade de hoje, quer o carro do ano, quer boas roupas, quer bons jantares, então ele tem que morrer a trabalhar. A mulher já não quer mais uma geladeira simples, porque vai à sua casa vê uma*

<sup>287</sup> HABERMAS, Jürgen (2002), p. 486

<sup>288</sup> TUAN, Yi-fu. (1980), p. 172

<sup>289</sup> GIDDENS, Anthony (1991).

<sup>290</sup> BERMAN, Marshall (2006), p. 56.

<sup>291</sup> MARX, Karl, (2004), p. 13-14.

*duplex, eu quero. Já quer bom jogo de quarto, agora a televisão já é aquela tela plana que bota na parede, não quer mais de quatorze polegadas, já quer de vinte e nove, trinta e quarenta. É a ambição, o querer, o poder, o poder, o poder. E os pais já não têm mais tempo para sentar numa mesa e conversar com os filhos como foi na escola, só passa a mão talão de cheque, é oh! O cheque paga, toma..*<sup>292</sup>

No momento em que, as tradições dos laços familiares - a forma de organização social que mais resistiu através do tempo e o espaço-, vêm-se ameaçada, as pessoas vivenciam a desventura da ruptura dos sentimentos mais sólido e estável.

As pessoas sofrendo as conseqüências do processo de modernização, percebem que os valores do passado já não existem mais no presente para orientá-las no presente, e muito menos em direção ao futuro.

Se, no primeiro momento do processo de modernização as pessoas fascinadas pela promessa de uma melhora decisiva, não percebem as ameaças que emergem juntamente com o tão desejado “desenvolvimento”. “A modernidade veio, destruiu o paraíso antigo, em nome de um novo paraíso que viria. De novas formas de vida.”<sup>293</sup>

No segundo momento, quando a modernidade realmente instala-se, as pessoas começam a perceber as ameaças, as desventuras e as conseqüências trágicas do mundo moderno. “Hoje a gente está inserida nesse troço todo aí, os nativos, as coisas estão tudo nesse meio. Perdeu-se, entendeu”.<sup>294</sup>

A modernização chegou como uma grande luz brilhante e ofuscante, que ao primeiro contato turva até mesmo os “olhos mais obstinados”, provocando uma cegueira coletiva; fazendo com que, as pessoas não consigam enxergar o que as tocou ou abrilhantou. Após um período de adaptação adquirem novamente a capacidade de enxergar.

É somente neste momento, que as pessoas ou grupos humanos começam a perceber a metamorfose que sofreram. Ao lançarem um segundo olhar sobre “si” e sobre o mundo ao seu redor, percebem as conseqüências devastadores da modernização. Em meio ao processo de procura do “eu” os indivíduos principiam a viagem de retorno, na num movimento íntimo de encontrar os antigos referenciais que os orientavam.

---

<sup>292</sup> Dona Cecília (entrevista realizada em 01/03/2006)

<sup>293</sup> Seu Mário (entrevista realizada em 23/01/2005).

<sup>294</sup> Alcântara (entrevista realizada em 10/10/2006)

Então, as pessoas percebem que “o passado perde seu sentido paradigmático; para sanar tal perda, o homem apóia-se nos andaimes da memória. E ela surge como um novo espaço de tempo simbólico.”<sup>295</sup>. Inicia-se a etapa de distinção do “antes” e o “depois”.

O processo de ajuste e adaptações ao novo contexto dar-se-á diferentemente para cada pessoa, algumas ainda desfrutando do conforto, das facilidades e dos benefícios do mundo moderno, até o presente não conseguem perceber as ameaças da modernidade; enquanto que outras já experimentam o tormento e a angústia de viver a radicalização da modernidade. Pois, hoje, não se identificam com os referenciais do presente, muito menos com os referenciais do passado.

A necessidade humana de estabilidade e segurança está ameaçada, a esfera privada encontra-se enfraquecida, a forma da vida cotidiana foi remodelada em conjunção com as outras grandes mudanças sociais.

A vida pessoal da intimidade se vê entrelaçada com outras formas de relacionamento, e os casamentos, os relacionamentos duradouros e estável, a estrutura familiar tradicional e os laços de amizade começaram a ruir. Na sociedade moderna “os laços pessoais podem ser rompidos”<sup>296</sup>, não existe mais a obrigatoriedade da união estável. O divórcio, na sua contradição promete a liberdade e a insegurança das relações da intimidade. Seu Guilherme lembra que antigamente ninguém se separava, “quem é da minha idade assim ainda está com a mesma mulher, difícil um que não esteja casado a mesma mulher. Agora eles casam um mês já separam.”.

*Hoje não sei se foi a televisão, que levou o povo para o mau caminho, porque mostra tudo de bom, mas também mostra tudo de ruim. Aqueles que são cabeça meio fraca ficam aproveitando mais o lado ruim do que bom. Aqueles que têm um bom raciocínio aproveitam o lado bom. Então eu acho que a televisão evoluiu o mundo, mas estragou também o mundo. Para mim, não sei se estou certo ou estou errado, eu acho que ela fez o mundo pior. O povo ficou mais ganancioso, vendo tudo e sabendo de tudo também.*<sup>297</sup>

A individualização, outro atributo do mundo moderno, a auto-realização do “eu”, cega para o processo de exclusão, não nos permite perceber as vítimas do processo de modernização, e o que não toca é visto como algo externo. A pobreza e a favelização dos

<sup>295</sup> SILVA, Elizabeth Farias da. (2002).

<sup>296</sup> GIDDENS, Anthony (1991), p. 144.

moradores dos Ingleses, é vista pelos antigos nativos como um problema do “outro”, refere-se ao migrante, ao “externo”, quem “vem de fora”. Segundo o olhar deles, o pobre que tem hoje nos Ingleses não é mais o nativo. E se eles conseguiram superar a antiga condição de pobreza estes novos moradores também podem, basta quererem.

*Hoje eles falam em favela, eu não concordo com este negócio de favela, sabe porque? Porque o que hoje é considerado favela é só a casa, é só a casa onde eles moram, a casa onde eles moram mais nada. Mas esta casa eles podem melhorar, este pessoal que moram na favela eles podem melhorar a casa. Porque nós na nossa época quando a gente era adolescente, aí sim era favela, nós vivíamos numa favela, porque nós não tinha água encanada, não tinha posto de saúde, o ônibus é como eu estou te contando levava duas horas para o centro, entendeu, não tinha gás, não tinha luz, não tinha nada, então era uma favela, nós moramos numa favela.<sup>298</sup>*

A divisão de classe e a pobreza revelam algumas das mais profundas ironias e contradições da cidade moderna, se por um lado a modernidade constrói espaços luxuosos por outro constrói, espaços de miséria e exclusão. No entanto, o olhar do homem moderno já não se compadece com a miséria e a infelicidade do outro. Pois, ele se basta na sua felicidade pessoal, no seu sucesso pessoal. Em se tratando de um mundo que oferece oportunidades, as pessoas passam a acreditar que o crescimento é um conquista pessoal.

Os problemas sociais, como violência, drogas, assaltos, hoje geram inseguranças e medo a todas as pessoas independente da classe social. A tranqüilidade de outrora da pequena comunidade, não existe mais, conforme lembra Seu Raul,

*Esta preocupação que a gente tem hoje ao sair de casa, antigamente a gente saia tranqüilo de casa, a gente andava na rua ai a pé ,porque não se tinha carro, anda a pé meia noite, chega de madrugada e você não tinha preocupação nenhuma e hoje não. Hoje você não pode sair de casa.*

No processo de modernização, a metamorfose dos valores e a autodestruição inovadora, desenvolvem o sentimento de insegurança, sob todos os aspectos da vida humana. Pois, a modernidade, segundo Giddens, é “um fenômeno de dois gumes”,

---

<sup>297</sup> Seu Carlos (entrevista realizada em 10/10/2006).

<sup>298</sup> Seu Raul (entrevista realizada em 03/10/2006).

desenvolve instituições modernas que permitem aos homens desfrutarem de uma existência segura, no entanto, cria igualmente um “lado sombrio” que ameaça a paz tão desejada.

Este “lado sombrio”, que aparece na falta de segurança vivida pelos moradores do bairro dos Ingleses está relacionada ao problema macro social do Brasil, a corrupção; e a transgressões como o caso das drogas (mais freqüentes apontado como uma prática entre os jovens) é atribuído a falta de respeito e a vida fácil.

*A droga que tomou conta, você sabe perfeitamente que aqui nos Ingleses a droga tomou conta. E eu sinto muito ter que dizer isso, eu sei que você está gravando. É para o teu trabalho, não é um trabalho? (Sim) Infelizmente a nossa polícia ta ficando a desejar. Porque o que nós temos de policial corrupto não está no gibi. Porque na medida que as polícias tomarem consciência, e não participar das mesmas atitudes dos bandidos, não se deixar levar, se vender por propina com está acontecendo, acaba-se a droga. Não acabou, porque as policia são mais corruptas que o próprio corrupto. Porque nos Ingleses é um lugar pequeno e eles podem tomar conta. Que tem pouca viatura, tem. Tem pouco policial, tem. Mas, na hora que o policial for enérgico e fazer cumprir a lei, .....por causa de que? eles vêm às coisas e viram as costas.(...) Nos Ingleses não temos nada, uma polícia frágil, sem equipamento, sem estrutura para manter. Os Ingleses é dito nos jornais, eu escuto, nos Ingleses em cada esquina tem um ponto de drogas<sup>299</sup>*

Os “nativos” dos Ingleses já identificam as perdas e apontam os problemas e ameaças do mundo contemporâneo, advindos com a intensidade da modernização, no lugar onde eles vivem.

Percebem a imensa mudança nos valores sociais e morais dos antigos modos de vida e relacionamento, a mudança na natureza da vida cotidiana, e vem ameaçados de extinção os seus dois grandes patrimônios turísticos o meio ambiente e a cultura local.

O crescente “desenvolvimento” local, segundo Alcântara já destruiu as principais atrações turísticas da Ilha, pois já não existe mais o espaço do pescador, o espaço do engenho de farinha e suas práticas, construíram prédios e mais prédios, que além de privatizar a orla destruiu os antigos valores culturais da localidade.

Se por um lado a modernidade emancipa as pessoas que vão à procura de novas formas de trabalho, por outra ela destrói as antigas relações de trabalho, pautada na pesca

---

<sup>299</sup> Dona Cecília (entrevista realizada em 01/03/2006)

*A mesma coisa é a pescaria. Tu vê hoje, ali o seu Ari. Tu conhece o seu Ari, acabando o seu Ari acaba a pescaria dele, já nem usa mais a rede dele, porque ele tá doente. O Valcir é a mesma coisa, o Nandes já morreu, daí este velhos morrendo, estas canoas vão ficar ali, vão apodrecendo, as redes ... (os jovens não vão trabalhar na pesca?) Não, porque o jovem já estudou, o jovem já está em outra, né. Estão em outra atividade, então daqui a pouco, vai ficar ali, vai apodrecer, vai. Daí seus familiares vão vender, vão negociar, não sei o que vão fazer. Daí vai se acabar. Entendesse?*<sup>300</sup>

Os riscos e perigos do mundo moderno são percebidos na contraditoriedade da auto-realização, pois conforme observa Beck<sup>301</sup> os problemas ambientais que vivemos hoje (redução da camada de ozônio, degelo, chuvas ácidas e aquecimento global entre outros) são riscos globais e não apresentam divisão entre ricos e pobres ou entre países.

Todo país, cidade e sociedade subdesenvolvido aspira o desenvolvimento. Para isso, importa toda uma tecnologia e lança-se a um árduo trabalho. Esse esforço muitas vezes favorece elevação do nível de vida, uma redução da mortalidade, um maior incremento de natalidade e uma crescente demanda de energia. Por outro lado, as conseqüências e os problemas vão se avolumando e a produtividade passa a ser consumida pelo crescimento populacional, aumentando a pobreza e não o nível de vida da população. Além disso, o meio ambiente passa a ser degradado.

A variedade de perigos ecológicos amplia-se devidos a grande transformação da natureza pela ação humana, colocando em riscos os mais ermos recantos do planeta.

Portanto, a comunidade da Praia Ingleses além de estar inserida nos riscos globais, também desencadeou uma série de problemas ambientais em nível local, a devastação da natureza foi intensa nas últimas décadas, provocados pelo elevado índice migratório e pela intensa ocupação territorial e ação humana no lugar.

Mesmo que a destruição ambiental não seja ainda o alvo de ameaça mais enfático para os “antigos” moradores dos Ingleses, pois eles ainda não percebem por completo a destruição do meio ambiente, a questão ambiental está sendo amplamente debatida e analisada na universidade<sup>302</sup>.

<sup>300</sup> Alcântara (entrevista realizada em 10/10/2006)

<sup>301</sup> BECK, Ulrich. **La sociedad del riesgo**. Buenos Aires: Paidós, 1998.

<sup>302</sup> Sobre os problemas ambientais do Balneário dos Ingleses, ver, dissertações e teses da Universidade Federal de Santa Catarina: MORETTO NETO, Luís. **A atividade turística e o desenvolvimento sustentado**. Estudo de caso: o Balneário de Ingleses e o projeto Costa Norte-Ilha de Santa Catarina, no

Os estudos (referenciados no decorrer deste trabalho) têm apontado para uma multiplicidade de problemas ambientais na região, como: a expansão predatória da atividade turística – por sua natureza puramente economicista, degradante ao meio ambiente; os impactos da ocupação humana acelerada no espaço costeiro; questões sobre a ocupação das áreas de preservação e principalmente, análises sobre a influência da ocupação urbana, contaminação e necessidade de manutenção e preservação do SASFI - Sistema Aquífero Sedimentar Freático Ingleses, importante recurso natural.

Segundo, análise destes mesmos estudos alguns problemas ambientais da região ainda poderão ser revertidos ou amenizados, se tomadas medidas emergenciais de preservação.

Entretanto, o processo intenso de modernização nos Ingleses provocou destruições sociais e culturais que não tem mais volta, porque como percebe Alcântara,

*Tem coisas que não tem mais volta. É igual outro dia a gente viu na televisão como eles derrubam a floresta amazônica, com dois tratores à corrente, chegasse a ver? É, aquilo ali não tem volta. Árvores ali que tinha cem, duzentos, quinhentos anos. Como é que vai ter volta? Não tem mais volta, vai demorar mais quinhentos anos, para nascer aquela árvore, refazer aquela floresta. Daí em 15 minutos bota tudo no chão. Aquilo ali não tem mais volta. Então isso aí é. A mesma coisa, as coisas que tinha aqui na Ilha, as histórias, as coisas vão ficar em livro, em recordações, na memória. Não tem mais volta, não tem como voltar. O tempo ele não volta mais, é dali para frente.*

Nas palavras de Alcântara, vemos que o ideal da modernidade realizou seu papel, na Praia dos Ingleses, e certamente é um caminho sem voltas, os Ingleses foi decisivamente incorporado no “turbilhão” da vida moderna.

A modernidade na sua efemeridade e fugacidade apagou concretamente o passado da comunidade da Praia dos Ingleses, e, sobre seu “passado” restaram apenas algumas memórias, aquilo que a modernização e o tempo ainda não conseguiu apagar e destruir por completo. Mesmo que as memórias, não sejam todo “o passado”, e que estas estejam em constante construção, elas são sempre os vestígios e os rastros de uma vivência comum.

---

período de 1960-1990. UFSC, 1993. FERREIRA, Tânia Marcia Machri. **Distrito de Ingleses do Rio Vermelho** - Florianópolis: um espaço costeiro sob a ação antrópica. UFSC, 1999. WESTARB, Eliane de Fátima Ferreira do Amaral. **Sistema Aquífero Sedimentar Freático Ingleses** - SASFI depósitos costeiros que tem mantém...ocupação que te degrada!. UFSC, 2004. REGO NETO, Candido Bordeaux. **A integração de geoindicadores e parcelamento do solo na gestão ambiental urbana**. UFSC, 2003.

Certamente em poucos anos estas memórias pré-modernização se perderão da memória coletiva dos Ingleses, pois as novas gerações “modernas”, assim, como a própria modernidade não podem e não querem tomar dos arquétipos de outra época os seus critérios de orientação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tecer as considerações finais ou conclusões, provavelmente é a etapa mais complexa da pesquisa, principalmente em se tratando de um estudo sobre o processo de modernização - um “projeto inacabado”. As transformações são constantes, e rapidamente novos cenários vão se transfigurando, novos atores e novas formas de vida são inseridos. A complexidade do processo de modernização indubitavelmente não poderá ser apreendida em uma única pesquisa, de forma a apresentar os múltiplos vieses, contornos e segmentos do processo.

A Praia dos Ingleses aqui apresentada é apenas uma dentre as múltiplas possibilidades de construção histórica da memória coletiva; no entanto, para compreender o processo de transição dos modos de vida tradicional para os novos modos de vida da sociedade modernizante, optamos por analisar as memórias dos antigos moradores, apreendendo os dois momentos, “antes” e “depois” do processo de modernização.

No decorrer desta pesquisa procuramos mostrar como processo de modernização na Praia dos Ingleses criou e recriou novas formas de organização social. O espaço em transformação analisado corresponde ao período entre a década de 1960 até os dias atuais. É neste período que o processo de modernização intensifica-se atingindo todos os âmbitos da vida da comunidade.

A distinção entre “passado” e “presente” é um elemento essencial da concepção do tempo dos acontecimentos, mesmo que os dois tempos muitas vezes estejam imbricados, pois, como diz Halbwachs (1990: 84) no desenvolvimento da memória coletiva não existe uma linha de separação nítida “o presente não se opõe ao passado, configurando-se dois períodos históricos vizinhos” e “a memória de uma sociedade estende-se até onde pode, quer dizer, até onde atinge a memória dos grupos dos quais ela é composta”.

Corroborando neste sentido, Le Goff (1992:208) dirá, que “o tempo da narração constitui um local de observação particularmente interessante” pois, “o passado não é só o passado, é também, no seu funcionamento textual, anterior a toda a exegese, portador de valores religiosos, morais, civis, etc...”.

No entanto, construir e reconstruir o passado é uma arte coletiva que tornar possível conhecer um quadro de mudanças, suas continuidades e discontinuidades.

Deste modo, a metodologia utilizada permitiu-nos desenvolver uma relação dinâmica de interação entre pesquisador e depoente, se por um lado instigamos uma “memória coletiva tradicional” apagada em sua aparência - “concretamente”; por outro extraímos de dentro da comunidade uma “memória subjetiva”, trazendo à luz aquilo que parecia ter perdido o significado, aquilo que a modernidade subjugou – a “história vivida”.

Revelando as bases e os valores sob os quais a modernidade lançou suas garras, permitindo, igualmente, identificar as principais conseqüências do processo de modernização na comunidade.

O processo de modernização da Praia dos Ingleses insere-se basicamente na última “onda de modernização” de Florianópolis. A Praia dos Ingleses neste momento histórico apresentava características ainda bastante peculiares, era uma comunidade com uma economia de subsistência, com pouca concentração populacional, sem infra-estrutura urbana, famílias extensas, uma atuação política localizada e uma estrutura social tradicional. O impulso da modernização foi bastante intenso. Dentre os inúmeros fatores atuantes no processo, pode-se identificar como fatores exógenos: expansão econômica (economia de subsistência – turismo), o elevado crescimento populacional - migração, inserção no cenário político municipal (representantes da região eleitos democraticamente), implantação de obras públicas, desigualdade social e hibridação cultural. Quanto aos fatores endógenos vê-se uma luta individual de superação, uma busca pelo “ser moderno”, onde as pessoas concentram suas energias em prol do chamado “desenvolvimento”, sem perceber as conseqüências de processos tão complexos e intensos.

Por outro lado, os fatores de estagnação podem ser refletidos na falta de mobilização social no sentido de preservação do patrimônio cultural e ambiental, na falta de articulação com o poder público em elaborar projetos de planejamento e desenvolvimento sustentável.

Neste cenário onde se desencadeou o processo de modernização da Praia dos Ingleses, as conseqüências foram imediatas e devastadoras, hoje a comunidade encontra-se em um cenário complexo, e, em processo auto-destrutivo cultural e ambientalmente.

Ingleses encontra-se em um momento decisivo, é preciso reorganizar, planejar e reestruturar e preservar. Pois, se prosseguindo o atual processo de desenvolvimento, no

futuro encontrar-se-á inserida nos piores problemas da sociedade moderna, e a queda da qualidade de vida será inevitável.

Sendo assim, o presente trabalho, não visa ser um instrumento de mudança, nem tão pouco um estudo de construção de novos conceitos. Dedicamos exclusivamente em analisar empiricamente as teorias sociais sobre o processo de modernização, compreendendo como a modernização tem modificado e reorganizado a vida cotidiana da comunidade dos Ingleses.

Mas, uma vez reconhecido e identificados os caminhos trilhados pela comunidade é possível traçar novas perspectivas, revelar novos campos de investigação, e porque não dizer, pode servir de instrumento para criar novas estratégias de ação humana, coletiva alterando o enfoque do processo em andamento.

## REFERÊNCIAS

### 1. Documentação iconográfica

- Registros fotográficos da Praia dos Ingleses contidos no livro de Crispim Mira, **Terra catharinense** (Florianópolis: Moderna, 1920). (acervo da Biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC)
- Registro fotográfico da Praia dos Ingleses, com destaque para a Igreja de Nossa Senhora dos Navegantes, provavelmente fins da década de 1960/ inícios da de 1970 (acervo da Casa da Memória, Fundação Franklin Cascaes, Florianópolis, SC).
- Fotos aéreas da Praia dos Ingleses, realizadas em 1957, 1976, 1998 e 2002 (acervo do Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis – IPUF, Florianópolis, SC).

### 2. Periódicos

- Jornal **O Estado**. Florianópolis, 12/01/1985. (acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, SC)
- Jornal **Diário Catarinense**. Encarte Especial: Ingleses, 166 anos de praia. Florianópolis, 26/08/1997. (acervo da pesquisadora)

### 3. Legislação

- Lei Municipal nº. 2.193/1985 – “Dispõe sobre o zoneamento, o uso e a ocupação do solo nos Balneários da Ilha de Santa Catarina, declarando-as área especial de interesse turístico e dá outras providências”.

- Lei Complementar Estadual nº 135/95.

### 4. “Sites”

[www.santur.sc.gov.br](http://www.santur.sc.gov.br)

[www.pmf.sc.gov.br/saude](http://www.pmf.sc.gov.br/saude)

[www.pmf.sc.gov.br/ebmgentilmathias/](http://www.pmf.sc.gov.br/ebmgentilmathias/)

[www.ibama.gov.br/cepene/download.php?id\\_download=319](http://www.ibama.gov.br/cepene/download.php?id_download=319)

[www.folhadonortedailha.com.br](http://www.folhadonortedailha.com.br)

[www.casan.com.br](http://www.casan.com.br)

[www.canasvieirastc.com.br](http://www.canasvieirastc.com.br)

## 5. Bibliografia

ANTUNES, Ricardo - **Adeus ao Trabalho?** Ensaio sobre as Metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo, Ed Cortez. 2 ed. 1995.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Viagens pelas Províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo (1858)**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a Modernidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BECK, Ulrich. **“La sociedad del riesgo”**. Buenos Aires: Paidós, 1998.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: LIMA, Luiz Costa (org.). **Teoria da cultura de massa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 109-140.

\_\_\_\_\_. Pequena história da fotografia. In: \_\_\_\_\_. **Magia e Técnica, Arte e Política**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Obras escolhidas, 1). p. 91-107.

BENAKOUCHE, Tamara. Tecnologia é sociedade: Contra a noção de impacto tecnológico. In: DIAS, L.C. e SILVEIRA, R.L.L. (orgs.) **Redes, sociedades e territórios**. Santa Cruz do Sul: Ed. UNISC, 2005, p. 11-28.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. A aventura da Modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2006

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 2. ed. São Paulo: T.A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BREMAEKER, François E. J. de. **Evolução Demográfica dos Municípios das Regiões Metropolitanas Brasileiras Segundo a Base Territorial de 1997**. Rio de Janeiro: IBAM, 1997. (Estudos Demográficos, 19).

BRÜSEKE, Franz Josef. **A lógica da decadência**: desestruturação sócio-econômica, o problema da anomia e o desenvolvimento sustentável. Belém, Cejup, 1996.

\_\_\_\_\_. **O dispositivo técnico**. Florianópolis, 2005.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. São Paulo: EDUSC, 2004.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Nossa Senhora do Desterro 2**: Memória. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**. Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

CAMPOS, Édson Telê. **A gestão territorial urbana no município de Florianópolis**: uma abordagem sobre a expansão imobiliária e seus impactos ambientais. Florianópolis: UFSC, 2004. 219 p. Dissertação (Administração).

CARDOSO, Fernando Henrique. **Negros em Florianópolis**: relações sociais e econômicas. Florianópolis: Insular, 2000.

CASTELLS, Alicia Norma González. **Vida Cotidiano Sob a Lente do Pesquisar**: O Valor Heurístico da Imagem. In: Antropologia em Primeira Mão. Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.

\_\_\_\_\_, CATULLO, Maria Rosa e Reis, Maria José. **Ruptura e continuidade com o passado**: bens patrimoniais e turismo em duas cidades realocizadas. Florianópolis, Antropologia em Primeira Mão, 2003

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1982.

CECCA/FNMA - Centro de Estudos Cultura e Cidadania. **Uma cidade numa ilha**: relatórios sobre os problemas sócio-ambientais da Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Insular, 1996.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

CHAUVEAU, Agnes, TÉTARD, Philippe (orgs.). **Questões para a história do presente**. Bauru (SP): Edusc, 1999.

De MASI, Domenico. **O Futuro do Trabalho**. Fadiga e ócio na sociedade pós-industrial. Brasília, Editora UnB, 1999.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

\_\_\_\_\_. **As regras do Método Sociológico**. São Paula: Martin Claret, 2001.

ELIAS, Norbert. **Sobre o Tempo**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

ECKERT, Cornélia. “A vida em outro ritmo”. In: BARROS, Miriam M. L. de, (org.). **Velhice ou terceira idade?: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

ESCOLANO, Agustin. A arquitetura como programa. Espaço-escola e currículo. In: FRAGO, A & ESCOLANO, A. **Currículo, espaço e subjetividade, a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro, DP&A, 1998, p. 19-47.

FERREIRA, Tânia M. Machri. **Distrito de Ingleses do Rio Vermelho** - Florianópolis, um espaço costeiro sob a ação antrópica. Florianópolis: UFSC, 1999. Dissertação. (Geografia).

FERNANDES, Florestan. A formação política e o trabalho do professor. In: org. CATANI, Denise Bárbara. MIRANDA, Hercília Tavares e outros. **Universidade, escola e formação de professores**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1998, p. 13-37.

FRANK, Robert. Questões para as fontes do presente. In: CHAUVEAU, Agnes, TÉTARD, Philippe (orgs.). **Questões para a história do presente**. Bauru (SP): EDUSC, 1999. p.103-117.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala**. Rio de Janeiro, Record, 2002.

FRÉZIER, M et al. **Ilha de Santa Catarina**: relatos dos viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. Org. Martim Afonso Palma de Haro. Florianópolis: UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina, 1990.

GERMANI, Gino. **Sociologia da Modernização**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1974.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Ed. Universidade Estadual Paulista, 1991.

\_\_\_\_\_, Anthony, BECK, Ulrich, e LASH, Scott. **Modernidade reflexiva**: trabalho e estética na ordem social moderna. São Paulo: Unesp, 1997.

GORZ, André. Trabalho, Lazer, Cultura. In.: **O Socialismo Difícil**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1968, p. 134-140.

HABERMAS, Jürgen . **O Discurso Filosófico da Modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

HÜHNE, Leda Miranda (org.), TREIN, Franklin ... (*et al*). **Profetas da Modernidade**. Século XIX: Hegel, Marx, Nietzische e Comte. Rio de Janeiro: AUPÊ: SEAF, 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censos Demográficos. [de 1900-2000].

MARX, Karl. **Manifesto Comunista**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2004.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2 ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LAFANT, M.-F. (1980) Introduction: Le tourisme dans le processus d'internationalization. "Revue Internationales des Sciences Sociales". v. XXX, n. 1, p. 25 In: MARTINS, João Batista. **Marolas antropologicas identidades em mudança na Praia do Santinho**. Florianópolis: UFSC, 1995. Dissertação (Antropologia Social).

LAGO, Mara Coelho de Souza. **Modos de vida e identidade**: sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Editora da UFSC, 1996.

LAGO, Paulo Fernando. **Santa Catarina**: a transformação dos espaços geográficos. Florianópolis: Verde Água Produções Culturais, 2000.

\_\_\_\_\_. **Florianópolis**: a polêmica urbana. Florianópolis: Palavra Comunicação, 1996.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.

LEDRUT, Raymond. A diferenciação do espaço social. In: **Sociologia Urbana**. Forense: São Paulo, 1971, p. 99-128.

LYOTARD, Jean-François. **A condição Pós-Moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

LISSOVSKY, Mauricio. Sob o signo do "clic": Fotografia e história em Walter Benjamin. In: BIANCO, Feldman Bela, LEITE, Miriam L. Moreira (org.). **Desafios da imagem**: Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas, SP: Papyrus, 1998. p. 21-36.

LOPES, Larice Nath. **A dinâmica da organização espacial na rodovia SC 401 em Florianópolis**. Florianópolis:UFSC, 2005. Dissertação (Arquitetura e Urbanismo).

LUPI, João Eduardo Pinto Basto; LUPI, Suzana Maria; LOSEKANN, Maria Sandra. **São João do Rio Vermelho**: memória dos Açores em Santa Catarina. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Fr, [1989?].

MAY, Marilú Angela Campagner. **Implantação de obras públicas em núcleos tradicionais** – O caso da Praia dos Ingleses, na Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 1995. Dissertação (Geografia).

MARCON, André da Lança. **No presente, mas também de olho no passado.** Reminiscências da outrora comunidade do Córrego Grande, Florianópolis. UFSC, 2006. Dissertação (Antropologia Social).

MENEZES, Dalma Lúcia. **O Bairro do Rio Vermelho:** um espaço em transformação. Florianópolis, 2004. Dissertação de Mestrado (Engenharia Civil). UFSC.

MIRA, Crispim. **Terra catharinense.** Florianópolis: Moderna, 1920.

NOPEs, Adriane. **Vivo numa Favela?** O olhar dos moradores da Rua do Siri, na Praia dos Ingleses em Florianópolis, quanto à sua condição de moradia. Florianópolis: UFSC, 2002. Monografia de Graduação (Ciências Sociais).

OURIQUES, Heton Ricardo. **Turismo em Florianópolis, uma crítica à indústria pós-moderna.** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.

PASSERINI, Luisa. Mitobiografia em História Oral. **Projeto História.** São Paulo, n. 10, dez.1993. p.29-40.

PAULILO, Maria Ignez Silveira. **Terra à vista ... e ao longe.** 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 1998.

\_\_\_\_\_. **Trabalho doméstico:** reflexões a partir de Polanyi e Arendt. Palestra apresentada no 1º Seminário Internacional Mulheres no Meio Rural: experiências e Perspectivas. Universidade Estadual de Campinas, 27 a 28 de abril de 2005.

NUNES, Amarildo Marçal. **Considerações acerca da Pesca no Distrito de Ingleses do Rio Vermelho.** Florianópolis: UFSC, 1995. Monografia Graduação (Geografia).

PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas:** uma questão de classe. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998.

PEREIRA, Nereu do Vale. **Desenvolvimento e modernização:** um estudo de modernização em Florianópolis. Florianópolis: Lunardelli, [198?].

\_\_\_\_\_. Ilha de Santa Catarina – Portal do Atlântico Sul. In: PEREIRA, Nereu do Vale (org). **Ilha de Santa Catarina: espaço, tempo e gente**. Florianópolis: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 2002.

PELUSO JR., Victor Antônio. **Tradição e Plano Urbano** - As cidades portuguesas e Alemãs no estado de Santa Catarina. Florianópolis/SC: Comissão Catarinense de Folclore, 1953.

PETITAT, André. **Produção da escola/produção da sociedade: análise sócio-histórica de alguns mementos decisivos da evolução escolar no Ocidente**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994

PIAZZA, Walter Fernando e HÜBENER, Laura Machado. **Santa Catarina: história da gente**. Florianópolis: Editora Lunardelli, 1983.

PORTELLI, Alessandro. Depoimento. **Projeto História**. São Paulo, n.15, abr. 1997. p. 193-228.

\_\_\_\_\_. História oral como gênero. **Projeto História**. São Paulo, n.22, jun. 2001. p. 9-36.

\_\_\_\_\_. O massacre de Civitella val di Chiana. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (orgs.). **Usos & abusos da história oral**. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998. p.103-130

PRINS, Gwyn. História oral. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992. p. 163-198.

PROCHNOV, Norberto de Jesus. **Um breve passeio de volta no tempo - histórico do meio-ambiente: Ingleses-Santinho**. São José: Gráfica Rei dos Cartões, 1999.

QUIVY, R. e CAMPENHOUDT, Lu Van. **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva, 1988.

RIAL, Carmen. **Da casa de ‘Antigamente’ à casa decorada**. In: Revista Ciência Hoje. Vol. 14, nº 82, julho, 1992.

REGO NETO, Candido Bordeaux. A integração de geoindicadores e reparcelamento do solo na gestão ambiental urbana. Florianópolis: UFSC, 2003. Tese de Doutorado (Engenharia de Produção).

SANTOS, Douglas . **A reinvenção do espaço**. Diálogos em torno da construção do significado de uma categoria. São Paulo: Editora UNESP, 2002

SANTOS, Milton. **A urbanização Brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

SANTOS, Sílvio Coelho dos. **Nova História de Santa Catarina**. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 1977.

SCHEIBE, Luiz Fernando. Aspectos Geológicos e Geomorfológico. In: PEREIRA, Nereu do Vale (org). **Ilha de Santa Catarina: espaço, tempo e gente**. Florianópolis: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 2002.

SILVA, Elizabeth Farias da. **Ontogenia de uma Universidade: a Universidade Federal de Santa Catarina (1962 - 1980)**. São Paulo: USP, 2000. Tese de Doutorado (Educação).

SOUZA, Rosa Fátima. **Templos de Civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

SZAMOSI, Géza. **Tempo & Espaço**. As dimensões gêmeas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOURAINÉ, Alain. Tempos livres, participação social e inovação cultural. In.: **A sociedade post-industrial**. Moraes editores, Lisboa, 1970, p. 209-243.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia**. Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. São Paulo. DIFEL, 1980

VÁRZEA, Virgílio. **Santa Catarina – a Ilha**. Florianópolis: Lunardelli, 1985.

VEIGA, Eliane Veras da. **Florianópolis: memória urbana..** Florianópolis: Editora da UFSC e Fundação Franklin Cascaes, 1993.

VIRILIO, Paul. **Espaço Crítico.** Rio de Janeiro, Ed. 34, 1993

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.** 14. São Paulo: Editora Pioneira, 1999.

WEBER, Eugen. **França *Fin-de-Siècle*.** São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

WHITROW, G.J. **O tempo na história: concepções de tempo da pré-história aos nossos dias.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993